Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23263 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA 19 JUNHO 90 70$00

EDITORIAL

Três milhões de quê?

Tenho, sobre o chamado «Projecto Vida», uma velha reserva: desde o seu primeiro anúncio que me lembra o manto diáfano da fantasia a esconder, mal, a nudez forte da verdade. Ou seja: um programa mais destinado a conseguir os aplausos dos pais, que votam, que os dos filhos, ainda não chegados à idade de votar, mas já confrontados com escolas a caírem, liceus acanhados, cidades sem espaço e sem alegria. A droga - como bem o compreendeu esse actor medíocre da série B que conseguiu ser um dos mais populares presidentes norte-americanos, Ronald Reagan - é um tema muito rentável, para adultos. Mete medo e pede segurança. Que coisa mais ideal para um político?

Só que o medo, mesmo esse, tem de ser doseado - sob pena de se tornar ineficaz. Assim não o entende o ministro adjunto e da Juventude - ou, então, faz suas as recomendações do poeta, e fala duas vezes antes de pensar. Vai daí, veio explicar-nos - na altura mais conveniente, quando toda a imprensa, em vez de se ocupar de coisas sérias, como a droga, se ocupava de coisas frívolas, como eventuais casos de clientelismo na área do poder - que existem, em Portugal, **«três milhões de crianças e jovens potenciais consumidores de droga»**. De droga? E porque não de leite pasteurizado, batatas cozidas ou fritas, sumo de laranja?

Com esta frase, o senhor ministro deu provas de saber delinear bem campanhas publicitárias. (O que pode fazer poupar muito dinheiro ao Governo...e aos contribuintes.) Do que não deu provas foi de ser um cidadão responsável. Ou um bom ministro.

É que, já agora, porque não alertar toda a população para a sinistra perspectiva de que há em Portugal onze milhões de potenciais assassinos? ou, se quizerem, de potenciais ministros? (Para já não falarmos dos números de - efectivos, esses - analfabetos e alcoólicos...)

Diana Andringa

Tribunal dá razão a Tomás Taveira

Ficou provado o crime de abuso de liberdade de Imprensa e foi atribuída uma indemnização de vinte mil contos

O director da revista «Semana Ilustrada», André Neves, foi considerado culpado pelo Tribunal da Boa Hora, de abuso de liberdade de Imprensa, em sentença lida ao principio da tarde de hoje. Processado por Tomás Taveira, o réu violou, nos termos da sentença lida pela juíza Margarida Belo Redondo, «os direitos pessoais do arquitecto, nomeadamente o direito à imagem e à reserva da vida privada, causando danos da natureza patrimonial e moral».

A sentença condena André Neves ao pagamento de 20 mil contos de indemnização por danos não patrimoniais. O réu foi ainda condenado a 900 contos de multa ou 200 dias de prisão, em alternativa.

Na sua exposição jurídica, a juíza traçou um esboço da sociedade portuguesa nos condicionalismos que respeitam ao caso. André Neves foi processado por Tomás Taveira na sequência da publicação numa revista de que aquele é director de cenas da vida íntima do conhecido arquitecto, extraídas de uma gravação vídeo.

A juíza disse que a liberdade de Imprensa só admite a indiscrição quando estiverem em causa valores e direitos de carácter constitucional, o que não era o caso. Considerou que a reportagem publicada põe em causa um quadro de pensamento ético e moral da sociedade portuguesa, dado que Tomás Taveira era uma figura de projecção.

Pág. 12

Rui Pacheco

André Neves no banco dos réus, durante a leitura da sentença

Em carta a Vítor Crespo

Guterres acusa Governo

O PS, sujeito nos últimos dias à ofensiva do PSD, vai contra-atacar. O ponta de lança é António Guterres. Começou por enviar uma carta a Vítor Crespo, a propósito das recomendações de Cavaco Silva sobre as despesas da Assembleia da República. Nela acusa o Governo de ter perdido o controlo da inflacção com a sua «política eleitoralista».

Esta tarde vai falar da construção europeia e «esclarecer em concreto» a posição do PS.

Pág. 5

roadstar®
AUTO-HiFi

Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

Na primeira quinzena de Julho

Conversações MPLA/UNITA vão continuar

A segunda ronda das conversações entre delegações do MPLA e da UNITA decorreu entre sábado e ontem, em Oeiras, e saldou-se por progressos insuficientes para um acordo de cessar fogo. O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros afirmou esta manhã que «nunca como agora se esteve tão perto de um acordo».

Durão Barroso acrescentou que falta percorrer «o troço final, o mais importante». Representantes dos dois partidos deverão encontrar-se na primeira quinzena de Julho.

A acta assinada por ambas as partes, que será mantida secreta, consagra «um acordo quanto à substância de alguns princípios», disse Barroso.

DL

Guerra aberta aos piratas de software
Suplemento de Economia

Avião soviético de passageiros desviado para a Finlândia
Pág. 9

Carlos Valente agradou e continua no Mundial/90
Pág. 23

Dinis Machado escreve sobre «o efeito Camarões»
Pág. 26

Lotaria Popular
1.º - 233 727
2.º - 195 120
3.º - 307 145
4.º - 306 803

GRANDE ANGULAR

País colocado numa encruzilhada de culturas, a Roménia está também numa encruzilhada de revoluções e violências. Pede-se o modelo checoslovaco, aplica-se um socialismo demasiado «sucessor» de Ceausescu, quere-se um anticomunismo puro e simples. Em suma, falta a revolução. A vida humana vale pouco: a tiro ou à cacetada, o que interessa é magoar e matar. Política e físicamente, a democracia romena é a mais feia e sangrenta do Leste

Quem manda em Bucareste?

Quem manda em Bucareste? A pergunta andou no ar nestes últimos dias e nem a reunião, ontem, da Câmara dos Deputados romeno lhe deu, talvez, resposta cabal, ao escolher Dan Martian, obviamente candidato da Frente de Salvação Nacional, para seu presidente. Do mesmo modo, não anula a interrogação o anúncio de que o presidente Ilieuscu vai ser, amanhã, formalmente empossado.

É oportuno recordar, de qualquer modo, que as autoridades romenas se haviam furtado, até agora, a comprometer-se com uma data exacta para a posse de Iliescu. Mas qual o Poder real de que o sucessor de Ceausescu vai ser empossado?

As manifestações da Praça da Universidade trouxeram a público a existência de milhares de estudantes - e muitos outros - que não aceitaram como legítimo o resultado das eleições, que não confiam nos partidos oficiais de Oposição e que insistem em seguir um modelo revolucionário semelhante ao da Checoslováquia.

Melhorar a imagem

Essas mesmas manifestações mostraram um corpo numeroso, «puro e duro», de mineiros prontos a espancar e a prender em nome do Governo de Iliescu, com o implícito consentimento deste e perante uma atitude apesar de tudo ambígua por parte do Exército. Que pode significar a declaração feita, há dias, pelos governantes de Bucareste de que iriam abrir um inquérito sobre as violências cometidas por esses mesmos mineiros, quando se conhece a sua recíproca dependência (para o Governo, a mão pesada dos mineiros, para estes a manutenção dos seus privilégios)? Ou será que as autoridades, apanhadas por um terceiro e mais súbtil poder - o da opinião pública estrangeira, reportagens de televisão, etc. - quiseram repentinamente melhorar a imagem desagradável que nestes últimos dias deram de si para o exterior?

O Governo de Bucareste dá a impressão de ser um bombeiro que pretende apagar fogos em mil lados ao mesmo tempo.

Correu a garantir aos chefes dos partidos da Oposição a sua perfeita segurança mas mantem na cadeia o milhar de pessoas que deteve nestes últimos dias e contra cuja prisão os manifestantes da Praça da Universidade protestaram.

Iliescu prepara nova milícia

Voltando aos mineiros. Bucareste falou da abertura de processos judiciais contra aqueles que se provar terem sido culpados de violências. Só que não é necessário ser profundo observador da cena romena para se duvidar de que a Polícia consiga entrar com êxito no «território» dos todo-poderosos mineiros e lá aplicar a lei contra a vontade dos «mãos pesadas» do Governo sucessor de Ceaucescu.

As Forças Armadas também dão a sua activa contribuição para a espécie de nebulosa em que anda o Poder na Roménia. Por que foram os tropas tão benevolentes na manifestação de domingo passado, na Praça da Universidade, quando os estudanttes já lá se encontravam há 53 dias e quando, na quinta-feira, os mineiros actuavam e a Polícia fugia? Será que Ilieuscu lançou o seu famoso apelo público «aos cidadãos honestos» por não confiar nem na Polícia nem no Exército?

A pergunta parece, pelo menos, legítima, considerando ainda que, na quarta-feira, Iliescu anunciou que estava em formação um novo corpo militar designado «Guarda Nacional».

Sabe-se que Ilieuscu gostaria de depurar as Forças Armadas dos elementos que ele considera mais «contestatários». Mas como? Pode ser significativo que o capitão Mihai Lupoi, antigo ministro do Turismo e que se apresenta como um dos militares mais contestatários, tenha declarado aos jornalistas estar a considerar a hipótese de abandonar a Roménia e que, entretanto, receando pela sua segurança, haja decidido acolher-se à protecção do Exército.

E ontem de novo o protesto violento rebentou nas ruas de Bucareste. Os manifestantes montaram barricadas no cento da cidade. Aí o Parlamento reagiu rapidamente e aprovou uma moção pedindo às autoridades que utilizassem as «Forças da Ordem» para dispersar a concentração.

A face democrática do regime de Iliescu não consegue sorrir.

Redacção «DL»/«Le Monde»/AFP

Vozes oposicionistas sobem de tom

Os apupos que Iliescu se esqueceu de minar

A investida dos mineiros não abalou a oposição até à profundeza. Pelo contrário. Após a destruição das sedes dos partidos tradicionais, da detenção de um milhar de estudantes e do espancamento de vários líderes contestatários, tudo é legítimo na Roménia. Até uma segunda revolução. Porque, se bem que as organizações e as personalidades a seguir citadas não detenham o poder copioso de um exército ou dos indetectáveis elementos da Securitate, o certo é que, ao ponto a que as coisas chegaram, será bem difícil para Iliescu controlar uma indignação cada vez formigante. Alguns dirigentes oposicionistas que já saíram dos seus esconderijos garantem que não arredarão pé do processo político em curso. Entretanto, os danos da semana passada são penosos de contabilizar.

Para os dois partidos «históricos», o Partido Nacional Liberal e o Partido Nacional Camponês, proibidos em 1946 e ressurgidos em Dezembro após a queda de Ceausescu, o relançamento da actividade será um caso sério. As suas sedes foram saqueadas e todo o material - telefones, fotocopiadores, computadores - ou se encontram destruídos ou «desapareceram». Os mineiros de Iliescu provaram que não são cegos, como as toupeiras. Manipulados ou não por «securitates» à paisana», a verdade é que, desconhecendo Bucareste, caminharam em linha recta para os seus alvos.

Constantin Dumitrescu, da Associação dos Antigos Presos Políticos, esteve escondido até domingo. «Eles invadiram a sede da nossa associação gritando: 'onde é que se meteu esse bandido do Dumitrescu?'... exactamente como fazia a Securitate». Cornel Feroiu, do Grupo Independente Para a Democracia e a sua companheira, Tania, desapareceram após terem sido brutalmente espancados. Dumitru Dinca e Octavian Radulescu, figuras detractoras de Iliescu também deixaram de dar sinais de vida. O rosário das desditas é interminável. Um dirigente da Federação Internacional de Helsínquia para Os Direitos Humanos indicou à Agência France Presse ter registado mais de uma centena de casos semelhantes. Ninguém sabe o paradeiro de 19 grevistas da fome que tinham sido levados à força para os hospitais da cidade. Mas, mesmo assim, os mineiros não dinamitaram as vozes contestatárias. A edição de sábado do «Correire della Sera», dá conta da reacção de alguns romenos que se encontavam fora do país na altura dos confrontos. Aqui reproduzimos três fracções da indignação geral.

Doina Cornea, num congresso em Montreal: «Não há diferença entre Iliescu e Ceausecu. O povo romeno foi manipulado pela TV e votou erradamente. Fui testemunha dos tempos de Ceausescu e continuarei a sê-lo nos tempos de Iliescu. São os mesmos sistemas, os mesmos sintomas. Abriu-se uma caça feroz aos opositores e aos líderes dos outros partidos. Iliescu é apoiado por uma nova/velha Securitate. Há uma semana, em Bucareste, fui seguida por agentes de Iliescu tal como acontecia na época de Ceausescu. Violaram a minha correspendência, tal como antigamente. Não sei se a União Soviética teve directamente algo a ver com esta recente repressão. No entanto, note-se, a URSS apoiou Iliescu desde sempre».

Lazlo Tokes, numa conferência em Paris: «Já perdi toda a confiança no presidente Iliescu. Mas as máscaras cairão. Aqueles que estão convictos da necessidade de uma outra revolução na Roménia têm razão»

Ex-rei Miguel, na Suiça: Estou profundamente enojado com o nível tão baixo a que esta gente conduziu a Roménia. Sinto-me perplexo. Parece incrível que os mineiros romenos, que antigamente faziam greves contra Ceausescu, sejam hoje capazes de atacar o povo. Iliescu confiscou a revolução de Dezembro para tornar-se o patrão absoluto do país».

MT/AFP

Marian Monteanu, vítima da agressão dos mineiros,

O estágio de um mártir

Marian Monteanu, de 30 anos, estudante de filologia, presidente da Liga dos Estudantes e a vítima mais badalada da agressão dos mineiros já era, à partida, um candidato ao martírio. Quando, na altura das eleições, o entrevistámos em Bucareste, uma estudante confidenciou-nos à socapa que ele era tal qual o próprio Cristo. Além do ar escanzelado e da barbicha à profeta, Marian, principal promotor da sacralização da Praça da Universidade, ostentava nesse tempo a confiança toda e a pitada de fanatismo essencial. Parecia nele um instinto a impressão radical de que existir é resistir. Afinal, o que ficaram foram equimoses várias, chagas fundas e a prisão num hospital mas, mesmo assim, fez consenso. Todos falam imenso dele. Para comparar reproduzimos, antes da nossa entrevista, as últimas declarações públicas de Marian. Foram publicadas no «La Reppublica» do passado domingo. A medear os dois discursos, um mês.

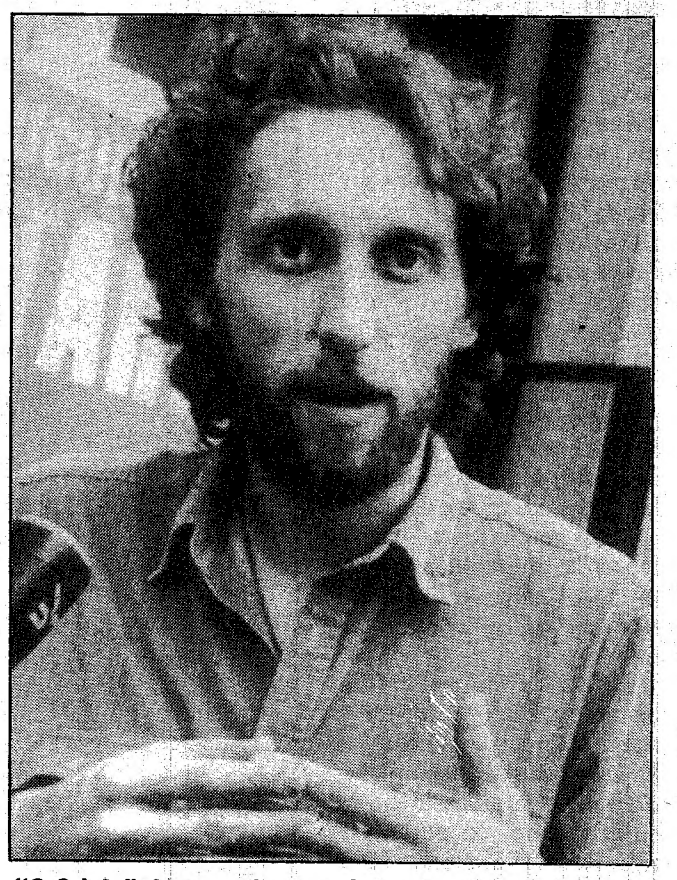
«Quando os mineiros fizeram a sua aparição escondi-me na cave da Faculdade de Arquitectura com amigos. Mas, pelos vistos, já sabiam muito bem quem eu era. Disseram-lhes que eu era um criminoso pago em dólares. Lá me descobriram. Bateram-me e arrastaram-me para fora. Um deles tentou dar-me uma machadada na cabeça. Mas os seus colegas detiveram-no. Por fim, atiraram-me semi-inconsciente para dentro de um carro que me levou para o hospital. Neste momento todos me odeiam. Consideram-me um criminoso, mas eu não quero deixar o meu país. Penso todavia que não poderei mais viver aqui em Bucareste. Talvez apenas em Timisoara».

«Diário de Lisboa» - Até quando vai continuar este aglomerado da Praça da Universidade?

Marian Monteanu - Até ao fim do comunismo na Roménia.

«DL» - Mas estamos em eleições, um regime parlamentar está a ser criado. Aparentemente já não comunismo.

MM - Aparentemente. No



"O Cristo" dos estudantes há um mês: «Só arredamos pé da Praça da Universidade no dia em que o comunismo acabar na Roménia»

A mão pesada dos mineiros romenos em acção nas ruas de Bucareste

entrevistado há um mês pelo «DL»

do «comunismo»

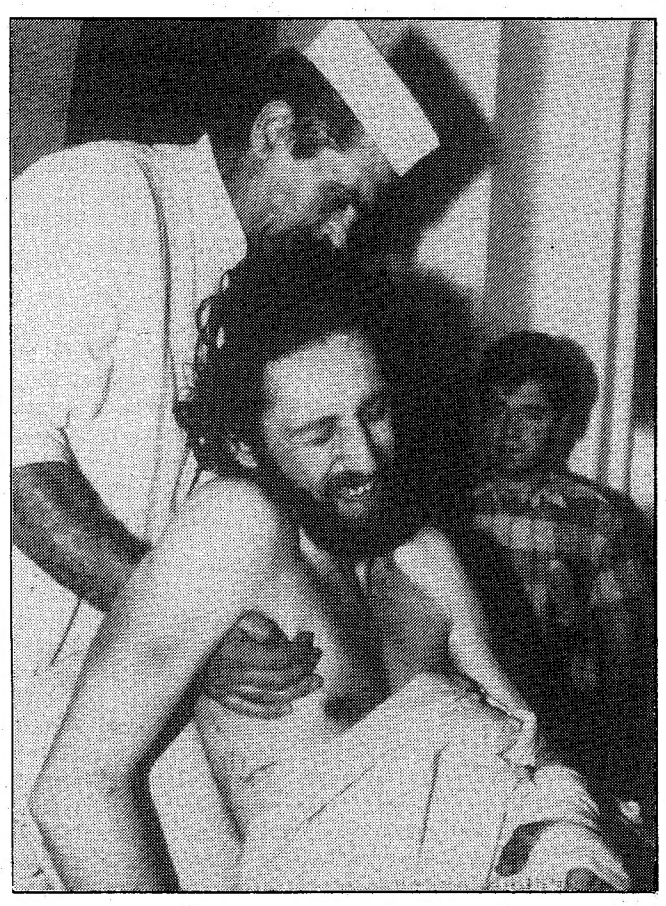
entanto, estas eleições não nos interessam na sua especifidade partidária. O nosso objectivo é eliminar os activistas comunistas do poder. Não importa qual o partido. Todos os activistas comunistas têm que desaparecer.

«DL» - Portanto não reconhecem direito aos comunistas de exercer uma actividade política?

MM - Evidentemente. Repare, não clamamos pela vingança. Apenas pela renúncia ao poder.

«DL» - Já pensaram que, se não angariarem uma adesão significativa entre as pessoas, podem ser tomados por intolerantes? Como os comunistas...

MM - A maioria do povo não compreende a verdade.



"O Cristo" dos estudantes há quatro dias: «Nunca mais poderei viver nesta cidade»

Muitos consideram que a democracia já se encontra completamente instalada. Mas não é possível instalar algo verdadeiramente novo em cinco meses. Acho que não é possível que a democracia exista com activistas comunistas no poder.

«DL» - Mas o que se passa na Praça da Universidade seria proibido em qualquer país democrático. O trânsito está completamente desordenado, há sujidade em toda a área. As pessoas dizem que vocês prejudicaram a saúde pública...

MM - Não, não, não. a Praça da Universidade é um lugar sagrado para nós. É a praça da revolução. Por isso não desejamos que haja circulação alguma ali. Foi lá que os jovens morreram. Aquele lugar tem de ser livre. para todos poderem discursar, debater ideias. Como se fosse um protótipo da verdadeira democracia.

«DL» - E quando a polícia vier dispersá-los?

MM - Regressaremos a dobrar. Já estamos psicologicamente preparados para isso.

«DL» - Mas as sondagens atribuem uma esmagadora maioria a Iliescu e à FSN. Vocês vão situar-se contra a vontade do povo?

MM - O nosso povo ainda não compreendeu toda a verdade.

«DL» - Então, quem a detém? A vanguarda esclarecida dos estudantes?

MM - Nós não consideramos o povo estúpido. As pessoas foram vítimas da desinformação.

«DL»- Quem é que vocês querem no Governo?

MM - Qualquer partido democrático, como o Partido Nacional Camponês, o Partido Nacional Liberal, os ecologistas, os cristãos-democratas.. o Grupo Democrático... repare, nós não desejamos qualquer espécie de violência. mas continuaremos a nossa demonstração até que o povo esteja devidamente informado.

«DL» - Iliescu garantiu no Parlamento que vocês são pagos pelos outros partidos...

MM - Ora aí está uma calúnia típica dos comunistas. Ceausescu dizia o mesmo de quem o contrariava, que eram fascistas, espiões internacionais...

«DL» - Mas, afinal, o que podem voês esperar além da polícia?

MM - Esperamos que a democracia ganhe.

«DL» - E se não ganhar?

MM - Não vacilaremos. Já é tarde para recuar.

«DL» - E não têm medo?

MM- Escapámos de Ceausescu. Lembra-se? Não temos medo, mais.

«DL» - E ntão e os estudos?

MM - *A nossa prioridade absoluta é acabar com o comunismo.*

«DL» - Assim, não estão a ser democráticos...

MM - *Pessoalmente considero-me democrático, mas com uma excepção. Cá tenho as minhas razões.*

Marina Tadeu

COMENTÁRIO

À maneira dos velhos tempos

O actual Presidente romeno parece ter um mal disfarçado desprezo pelos opositores, que na rua põem em causa a sua liderança. No auge das acções de protesto que nos últimos dias agitaram Bucareste, Ion Iliescu, ao mesmo tempo que apelava aos mineiros para «reporem a ordem», afirmava que os protestos eram, internamente, uma «ridícula conspiração» de «prostitutas, drogados, carteiristas, degenarados»e não se sabe que mais. Por outro lado, viu neles o «dedo da direita europeia» que pretendia derrubar o seu regime.

O discurso de Iliescu, duro, agressivo e isento de qualquer intenção conciliadora, esteve muito próximo do tradicional tom de Nicolai Ceausescu, de má memória. Muitos romenos interrogaram-se, perplexos, sobre o que estava a acontecer, tanto mais que os manifestantes eram definidos, para além de outros epítetos, como «inimigos» e o discurso presidencial, segundo alguns intelectuais de Bucareste, assumia o cunho de uma «retórica de guerra civil». Isso podia significar que as novas autoridades não reconheciam ao povo romeno o direito de manifestar livremente a sua opinião.

À maneira dos velhos tempos, os «fiéis» mineiros acorreram aos milhares ao centro da capital, onde impiedosamente carregaram sobre tudo o que mexia. O saldo foi um número indeterminado de mortos e feridos, assim como estragos materiais nas instalações da Universidade de Bucareste, foco central do protesto, e não só. O terror voltou a Bucareste e, segundo alguns jornalistas presentes, muitos romenos reconhecem ter aplaudido a chegada dos mineiros (quantos ex-securitate entre eles?) apenas por medo. Os jornais independentes e oposicionistas, cujos redactores foram anonimamente ameaçados de morte, suspenderam a publicação, porque ficaram com o equipamento destruído em consequência da «bárbara invasão» dos mineiros. Motivo da intervenção: terão sido arrojados demais ao pretender ser objectivos em relação ao que se estava a passar.

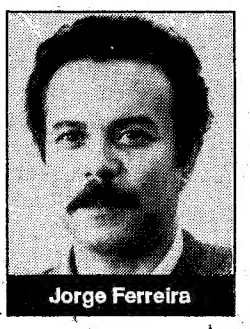
No domingo, o primeiro-ministro Petre Roman, tentou «lavar as mãos», afirmando que o Presidente Iliescu e o seu Governo eram alheios à violência ocorrida no centro de Bucareste, ao mesmo tempo que assegurava a realização de um inquérito para apurar responsabilidades.

Seja como for, a verdade é que os últimos acontecimentos na Roménia entroncam nas recentes eleições gerais, que deram uma redundante vitória aos comunistas da Frente de Salvação Nacional. Muitas acusações sobre «monumentais fraudes» foram lançadas a nível internacional, mas provas concretas, palpáveis, parece não haver. E tudo se ficou pela dúvida. Mas muitos romenos sentiram-se defraudados. Quando pensavam estar definitivamente livres do clã Ceausescu e dos seus apaniguados, começaram a verificar que afinal as coisas se mantinham mais ou menos na mesma, com apenas sensíveis variantes.

Ion Iliescu, que pretendia ter a «casa arrumada» antes da sua tomada de posse oficial como Presidente, em princípio prevista amanhã, vai provavelmente enfrentar um clima geral de indignação e descrédito interno e, até, internacional, se se tiver em conta a última posição da CEE, que ameaçou suspender a assinatura de um acordo comercial com as autoridades de Bucareste.

Tudo leva a crer que as reiteradas declarações de Iliescu, para a Imprensa internacional, orientadas no sentido de uma plena democratização parece merecerem muita desconfiança a nível interno.

Até que ponto os comunistas romenos estarão dispostos a emparceirar com as mudanças que nos demais países do Leste têm estado a avançar, mais menos pacificamente?



Jorge Ferreira

POLÍTICA

BREVES

Ambientalistas preparam candidatura presidencial

Jorge Paiva, investigador e docente do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, é o nome que reune maior consenso para protagonizar a «candidatura ambientalista autónoma» à presidência da República, soube o DL de fonte ligada à candidatura. Jorge Paiva é também conhecido pela seu empenhamento no núcleo de Coimbra do grupo ecologista Quercus. O nome a apresentar às presidenciais vai ser divulgado no próximo dia 29. Quinta-feira, no Jardim da Estrela, em Lisboa, vão ser dados a conhecer o programa e os apoiantes.

Ministro moçambicano visita Portugal

O Ministro da Justiça de Moçambique inicia hoje uma visita ao nosso país com uma audiência ao fim da tarde com o seu homólogo Laborinho Lúcio. Amanhã o responsável moçambicano visita o Supremo Tribunal de Justiça e o Conselho Superior de Magistratura.

Cavaco felicita regresso de Martinho ao PRD

O primeiro-ministro Cavaco Silva felicitou Hermínio Martinho pelo seu regresso à presidência do PRD. Em telegrama, Cavaco Silva considera que «na fase de estabilidade política e de desenvolvimento económico que Portugal atravessa, a existência de uma oposição construtiva é muito importante para o fortalecimento da vida democrática». Martinho escusou-se a comentar, para já, o telegrama.

Intelectuais intercedem pela amnistia no caso FP-25

Os escritores Lídia Jorge e Agostinho da Silva, em nome de um grupo de 20 intelectuais portugueses, foram recebidos pelo presidente da Assembleia da República, junto de quem intercederam pela amnistia dos presos das FP-25. «Temos a promessa de que se vai pensar seriamente no assunto e com alguma urgência», afirmou a escritora à saída da audiência com Vítor Crespo.

UDP/Madeira propõe acordo com socialistas

O líder da UDP/Madeira, Paulo Martins, propôs aos socialistas a realização de uma coligação para que, nas legislativas de 1991, o PSD seja impedido de obter a maioria dos mandatos pela região autónoma. Paulo Martins referiu que a proposta de coligação apesar de ser endereçada ao PS é extensível aos restantes partidos da oposição insular.

Açores desejam finanças claras com o Continente

O Executivo açoriano disse desejar uma clarificação das relações financeiras e orçamentais com o Governo da República. Este pedido de clarificação vem na sequência da aprovação pelo Parlamento Europeu do Programa Ultraperiférico que define o quadro comunitário de apoio ao desenvolvimento dos Açores.

Melancia empossa secretário para a transição

«A revisão do Estatuto Orgânico de Macau veio criar bases jurídicas mais sólidas para que o período de transição permita dar resposta aos reais anseios da população do território», afirmou o governador de Macau, Carlos Melancia durante a tomada de posse de João de Deus Ramos, o novo secretário-adjunto para os assuntos da Transição.

Nino Vieira quer apoio de Soares para seminário

O presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, convidou o chefe de Estado português a patrocinar um seminário sobre direitos do Homem, previsto para Janeiro, em Bissau. Nino Vieira declarou ainda aos jornalistas ter solicitado a Soares que interceda junto do presidente francês, François Miterrand para juntamente com a Guiné-Bissau e o Senegal procurarem uma plataforma de entendimento entre os dois países africanos quanto ao conflito fronteiriços que os opõe.

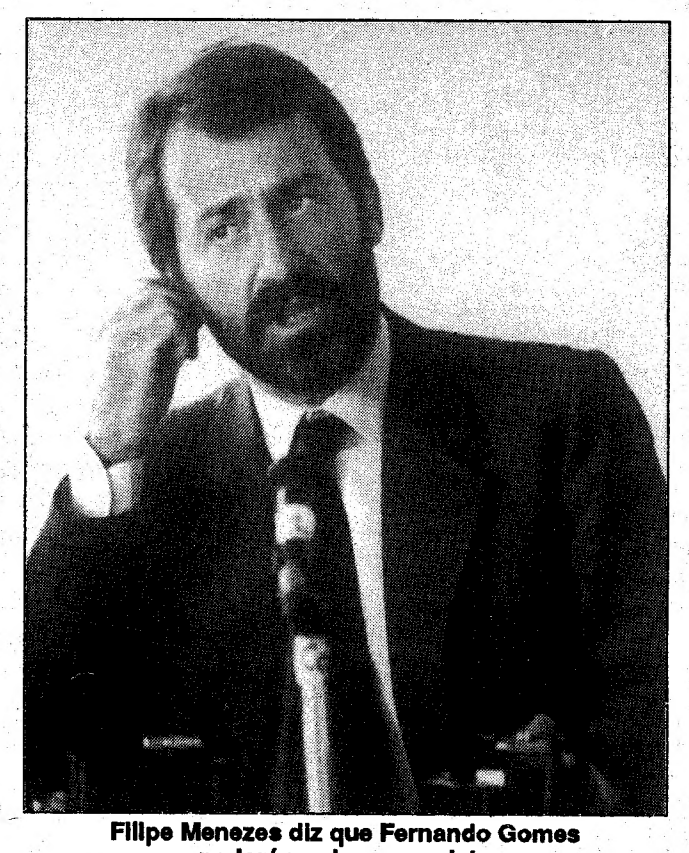
Gomes em alta velocidade

O «caso Fernando Gomes» continua a dar que falar. À controvérsia em nome da incompatibilidade entre os cargos de autarca e eurodeputado, junta-se agora a questão da aprovação ou não, no âmbito da CEE, da ligação à Europa, em comboios de alta velocidade.

Ontem, dois factos vieram alimentar a polémica. Na Assembleia Municipal, segundo apurou o «DL», Paulo Vallada manifestou-se favorável às pretensões de Gomes, durante a discussão do plano e orçamento. Terá sido impedido pelo PSD de se pronunciar usando o tempo atribuido ao partido. Em conferência de Imprensa, entretanto, o presidente da distrital social-democrata do Porto voltou à carga.

«Não podemos antecipar», disse Luis Filipe Menezes, «mas se a Lei das Incompatibilidades evoluir como se pretende, o presidente da Câmara do Porto pode perder o seu mandato». O dirigente social-democrata baseou a sua «ameaça» em futura legislação, capaz de colmatar as lacunas desta, que não prevê sanções. Filipe Menezes foi mais longe. Garantiu ter sido o PS a propôr, na AR, o nivelamento, no plano das incompatibilidades, entre deputados dos parlamentos nacional e europeu.

Acusando Fernando Gomes de «aproveitar os méritos do Governo» em relação à verba de 27 milhões de contos para a Área Metropolitana do Porto, supostamente já inscrita no Plano de Desenvolvimento Regional, aprovado pelo Goveno no ano passado, o líder da Distrital portuense do PSD afirmou que aquele «está a colocar os interesses pessoais acima dos interesses da região». «Desafio-o a provar, dando a cara, que até hoje trouxe alguma vantagem, um tostão, para o Porto e para o Norte», concluiu Menezes.



Filipe Menezes diz que Fernando Gomes poderá perder o mandato

A «guerra» dos TGV

A questão da atribuição dos «louros» da CEE empresta um nova cor a este conflito, que está a opôr o PSD ao chefe do executivo camarário do Porto. Gomes afirmou, por diversas vezes, que só sairá de Estrasburgo quando garantir a captação para a região de um conjunto de programas comunitários. Esta manhã, porém, o «DL» não conseguiu confrontá-lo com as declarações produzidas por Luis Filipe Menezes, por se encontrar em reunião da vereação.

A aprovação do comboio de alta velocidade, denominado TGV, inscreve-se neste «braço-de-ferro». Na passada sexta-feira, o Parlamento Europeu aprovou uma emenda dos socialistas Coimbra Martins e Fernando Gomes que previa a adopção de uma ligação alternativa Porto-Valladolid-Bordéus-Paris.

Este TGV atlântico - que permitiria uma mais rápida ligação da cidade nortenha ao centro da Europa - não poria em causa o mediterrânico. Esta solução, da autoria do espanhol Romero y Alcazar, prevê o percurso Lisboa-Sevilha-Madrid-Barcelona-Lyon, a que o próprio deputado espanhol «adicionou» posteriormente o Porto.

Só que a pretensão do Parlamento Europeu relativa ao TGV atlântico não passou na Comissão Europeia, que alegou «não dispôr de meios suficientes para o financiamento de projectos que considerou como adicionais». Assim, a ligação pelo sul ganhou força, carecendo ainda do «sim» do Conselho de Ministros, a quem cabe a decisão final.

Redacção «DL»

Programa para a educação assinado esta manhã

165 milhões para trilhar caminho europeu

O Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal (PRODEP), a aplicar com comparticipação comunitária até 1993, foi esta manhã assinado na Escola Secundária Passos Manuel, em Lisboa, com a presença do ministro da Educação e do comissário europeu para a política regional, Bruce Millan. Tendo como objectivo a eliminação dos desequilíbrios do nosso país no domínio da educação, o programa inscreve-se no Quadro Comunitário de Apoio. Envolverá 165 milhões de contos - a preços do ano passado - sendo cerca de 100 milhões suportados pela CEE (71 pelo FEDER e 32 pelo Fundo Social Europeu).

O plano prevê cinco sub-programas,contemplando as diversas vertentes. Aponta para a construção de 8 500 salas de aula, em articulação com as autarquias, beneficiando cerca de 300 mil alunos. Prevê a redução da taxa de analfabetismo, que actualmente ronda os 15 por cento, para os 10 por cento, em três anos e, no que toca ao ensino superior, consagra a dinamização da formação de formadores e a criação de condições para aumentar em 35 mil o número de alunos.

Na sua intervenção, Roberto Carneiro considerou que a aprovação do PRODEP vai ao encontro do objectivo de fazer da batalha educativa «desígnio nacional e imperativo indeclinável da Nação», enquanto o responsável da Comunidade considerou que a elaboração do programa teve em conta a dimensão dos problemas.

Muito caminho falta, com efeito, percorrer. O diagnóstico da situação inscrito no documento não deixa, a este respeito, margem para dúvidas.

Recuperar terreno

Cerca de 86 por cento dos portugueses não possui mais do que o sexto ano de escolaridade. A nossa taxa de escolarização é, genericamente, a mais baixa da CEE, a grande distância. Entre os 7 e os 12 anos, a Espanha atinge 91 por cento e Portugal não passa dos 40, por exemplo. No ensino superior, a situação é ainda mais desigual: o nosso país fica-se pelos 11, enquanto a Grécia, mais próxima, já está nos 18. Neste domínio, os objectivos são ambiciosos: assegurar, até final de 93, a cobertura de 90 e 100 por cento nos níveis pré-escolar e básico, 80 no Secundário e 20 no Superior.

Taxas como a de anafabetismo e de repetência são igualmente elucidativas. A região de Lisboa e Vale do Tejo, cuja taxa de analfabetismo está apenas nos 10,4 por cento, regista o mais elevado índice de incumprimento da escolaridade de 9 anos, nada menos de 60,7 por cento.

Redacção «DL»

Porto doutora Soares

O Presidente da República sublinhou ao fim da manhã, no Porto, a necessidade do Estado «investir criteriosamente nas escolas, nas Universidades e nos Centros de Investigação, procurando a sua ligação com as empresas». Mário Soares usava da palavra na cerimónia de doutoramento *honoris causa*, que lhe foi concedido pela Faculdade de Letras. O pintor Júlio Resende apadrinhou o acto e os catedráticos Baquero Moreno e Oliveira Ramos proferiram o elogio público.

Para o Chefe de Estado, a função cimeira da Universidade «é «produzir conhecimento novo, ciência autêntica, criando condições de completa realização dos melhores cérebros de cada geração, em total liberdade, mas também mediante uma total responsabilização».

Mário Soares salientou ainda que a construção europeia exige que tenhamos «universidades de grande qualidade e, como tal, reconhecidas internacionalmente», dado tratar-se de «pólos decisivos de desenvolvimento que só desempenharão totalmente a sua função se souberem libertar-se de antigos preconceitos, rotinas e atavismos».

O Presidente da República presidirá esta tarde à homenagem que o Estado-Maior da Armada e a Câmara Municipal prestam, no cemitério dos Prazeres, à memória do comandante Henrique Lopes de Mendonça, por ocasião do primeiro centenário de «A Portuguesa», de que é autor.

Ao acto assistirão ainda os presidentes da Assembleia da República e do município lisboeta.

POLÍTICA

Despesas da AR e integração europeia

Guterres contra-ataca

O líder parlamentar do Partido Socialista, António Guterres, entregou esta manhã ao presidente da Assembleia da República, uma carta a propósito das recomendações que teriam sido feitas pelo primeiro-ministro a este órgão de soberania, no sentido de uma contracção das suas despesas.

Depois de sublinhar que tomara conhecimenrto dessa recomendação pela Imprensa, António Guterres afirma não poder deixar de «estranhar a incoerência desta recomendação face à derrapagem do défice público em 1990, derrrapagem essa devida ao eleitoralismo para que o prof. Cavaco Silva conduziu a acção do seu Governo e que é seguramente uma das principais razões responsáveis pelo descontrolo da inflacção».

O líder parlamentar do PS acrescenta que teria sido mais positivo que o presidente do PSD tivesse moderado as reivindicações do seu grupo parlamentar, quando em conferêndcia de líderes parlamentares se procurou reduzir, há alguns meses, alguns dos vectores mais significativos de despesas da AR.

António Guterres afirma, entretanto, que, em qualquer caso, «não deve o Parlamento ficar indiferente a esta proposta do senhor primeiro-ministro, ainda que tardia e demagógica», e propõe a Vítor Crespo que recomende ao Conselho de Administração a elaboração de uma proposta de redução de despesas no que elas tenham de menos essencial para o bom funcionamento do Parlamento, para que o problema possa ser convenientemente equacionado e resolvido em próxima conferência de líderes.

Guterres diz, ainda, pensar que seria bom se o presidente da AR pudesse fazer sentir ao Primeiro-Ministro «a utilidade de reduzir as despesas excessivas que os membros do Governo estão a fazer, através de uma permanente campanha eleitoral, de Norte Sul do País».

União Europeia

O grupo parlamentar socialista entregou esta manhã na AR um projecto de deliberação, no qual preconiza que Portugal deve empenhar-se com determinação no processo de União Europeia.

O projecto de deliberação apresentado pelos socialistas, estabelece que a Comissão de Assuntos Europeus seja encarregada de organizar uma conferência Interinstitucional, envolvendo o Governo, os partidos políticos com representação parlamentar, os parceiros sociais e organizações e personalidades relevantes e representativas da opinião pública nacional, com o objectivo de debater todas as grandes questões envolvidas na construção europeia e nomeadamente a União Política e económica; a realização urgente de uma Conferência de Presidentes dos grupos Parlamentares da AR com a Mesa da Comissão de Assuntos Europeus da AR, e convidando os presidentes dos grupos portugueses no PE, para preparar as participação portuguesa na reunião conjunta do Parlamento Europeu com os parlamentos nacionais, marcada para Outubro próximo, em Roma; a imediata constituição de dois grupos de trabalho, sob a égide da Comissão de Assuntos Europeus, integrados por peritos designados por todos os partidos e, por último, convidar o primeiro-ministro a comparecer perante o plenário da AR antes e depois de cada Conselho Europeu.

António Guterres vai aproveitar a sessão de hoje da AR, para «esclarecer em concreto» a posição do PS quanto à União Política e à União Económica e Monetária». Em declarações prestadas esta manhã ao DL, a propósito das trasnferênciaas de soberania, Guterres afirmou haver transferências positivas para Portugal, pelo que devemos apostar nelas, e outras que são negativas, em relação às quais devemos estar contra. «Nunca defendemos a entrada imediata da escudo na União Monetária e Económica. O que defendemos é a abertura de negociações que permitam que essa entrada se faça o mais cedo possível. Era desejável que pudéssemos entrar já. Isso corresponderia ao interesse de Portugal. Mas como o Governo perdeu o controlo da inflacção é evidente que a entrada imediata é impossível».

O líder parlamentar do PS defende a necessidade de abrir um processo negocial e aplicar um sério e coerente programa para reduzir rapidamente a inflacção, ambas as iniciativas no sentido de que o escudo possa aderir o mais rapidamente possível.

«O Governo não quer nem uma coisa nem outra. O que o Governo quer é sacrificar o interesse vital do país, que ele próprio reconhece, ao eleitoralismo que o impede de ter uma política anti-inflaccionista».

Redacção «DL»

Portugal introduz alterações na União Política Europeia

Portugal introduziu uma alteração no texto do documento base sobre a União Política Europeia que está em elaboração no Luxemburgo, no âmbito do Conselho de Assuntos Gerais e que deverá ser discutido na cimeira de líderes da Comunidade, na próxima semana, em Dublin.

A modificação proposta por Portugal e posteriormente aceite, consiste na inclusão da necessidade de se conseguir «a concretização dos objectivos do Acto Único, incluindo novas políticas (ambiente, investigação científica)». Trata-se de um parágrafo que já tinha sido acordado no Comité de Representantes Permanentes, mas que não apareceu no documento da presidência irlandesa da CEE. A frase suprimida fazia referência apenas ao «desenvolvimento das novas políticas (incluindo as do Acto Único)».

De acordo com fontes diplomáticas, a nova redacção salvaguarda o objectivo da coesão económica e social, que não vem referida no texto, mas é «um dos objectivos do Acto Único». As mesmas fontes explicaram que «o texto inicial abordava apenas as novas políticas enquanto, como é sabido, a coesão económica e social não é uma política, mas um objectivo do Acto Único».

A Grécia, que também apresentou propostas de alteração, conseguiu nomeadamente assegurar no texto o «princípio da solidariedade e da consistência», argumentando ser insuficiente falar de política externa comum «só quando há interesses comuns». Aquelas fontes acrescentam que «a alteração serve também os interesses de Portugal, que, assim poderá introduzir a questão de Timor-Leste».

ministério da INDÚSTRIA e ENERGIA

TECNOFIL 90

2.ª-FEIRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

20/24 JUNHO

F.I.L. — FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

O **MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA** apoia a criação e adaptação de novos produtos, de novas tecnologias e promove as mudanças tecnológicas na perspectiva da modernização da estrutura empresarial.

O **MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA** apoia o desenvolvimento tecnológico e pretende colocá-lo ao serviço da Indústria Portuguesa.

IAPMEI — Instituto de apoio às pequenas e médias empresas e ao Investimento

— Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Ao agendar para hoje o debate parlamentar sobre integração europeia, o PSD visou a oposição que se tem queixado de ser mantida à margem. Quase à mesma hora em que o PCP o acusava de nada mais pretender que um «simulacro de debate, com prejuízo dos interesses nacionais», o partido do Governo saiu ontem à liça

Com Beleza no coração

PSD desvia o tiro para União Europeia

No termo de uma conferência de Imprensa algo soturna, centrada sobre a problemática europeia, os jornalistas que ontem acorreram à sede nacional do PSD puderam enfim formular «a questão»: que pensa o partido do Governo sobre a demissão de Leonor Beleza de todos os seus cargos no PSD?

O secretário-geral Falcão e Cunha tomou pela primeira vez a palavra para esclarecer que a ex-ministra não tinha abandonado todas as suas funções, dado que continua a ser deputada, para de seguida lembrar que uma demissão formulada no sábado anterior tinha poucas hipóteses de suscitar uma posição oficial «no primeiro dia da semana».

Não deixou, todavia, de sublinhar «a atitude de grande dignidade que merece o nosso profundo respeito», revestida pela posição de Leonor Beleza, justificada por causas de ordem «ética e familiar». Esclareceu ainda que a substituição de Leonor Beleza na vice-presidência do PSD é da exclusiva competência de Cavaco Silva, uma vez que, segundo os Estatutos do PSD, apenas competirá ao Conselho Nacional a ratificação de uma escolha feita pelo líder.

Mário Soares na berlinda

Se bem que a conferência de Imprensa do PSD fosse convocada com o intuito político de desancar o Partido Socialista, a propósito da integração plena de Portugal no Sistema Monetário Europeu, e porque o debate parlamentar de hoje se faz por iniciativa do partido do Governo, a polémica anunciada seria centrada na Assembleia da República.

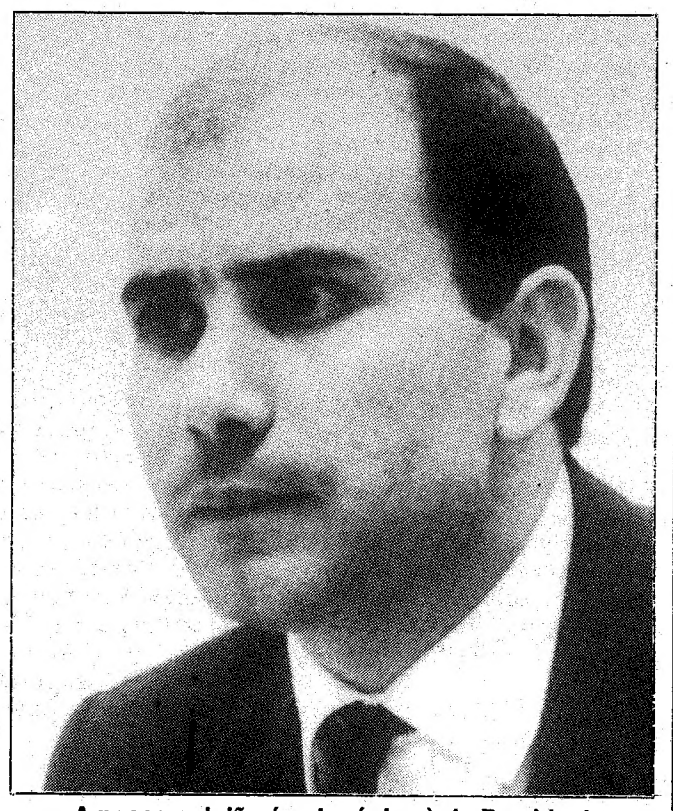
«Ao invés do que sustentam algumas entidades ou individualidades políticas, a questão da transferência de importantes parcelas de soberania não é, para nós sociais-democratas, nem uma inevitabilidade nem um estado de necessidade», disse Duarte Lima, único dirigente social-democrata presente na mesa, além de Falcão e Cunha.

Solicitado a um esclarecimento mais detalhado das suas afirmações, à luz das afirmações proferidas por Mário Soares em Braga, no último 10 de Junho, Duarte Lima não hesitou em considerar que «a nossa opinião é antagónica à do Presidente da República», fazendo mesmo questão em não esconder as divergências entre o seu partido e o Chefe de Estado.

Debate nacional?

«Falar na necessidade sobre esta matéria de um grande debate nacional, como a cada passo propõe o PS, é pura mistificação, erro político clamoroso ou mera jogada eleitoral, o que é tanto mais claro quanto é certo que o PS tem revelado na Assembleia da República impreparação ou primado pela ausência», acusou Duarte Lima.

A seguir, apontaria que «tal como o Governo e o PSD, também antigos ministros de Finanças de governos socialistas e figuras de reputada competência técnica, como Victor Constâncio e Silva Lopes, recomendam publicamente prudência na adesão ao Sistema Monetário Europeu. É o discurso responsável e de Estado contra a análise superficial e a onda de demagogia que invade o actual PS».

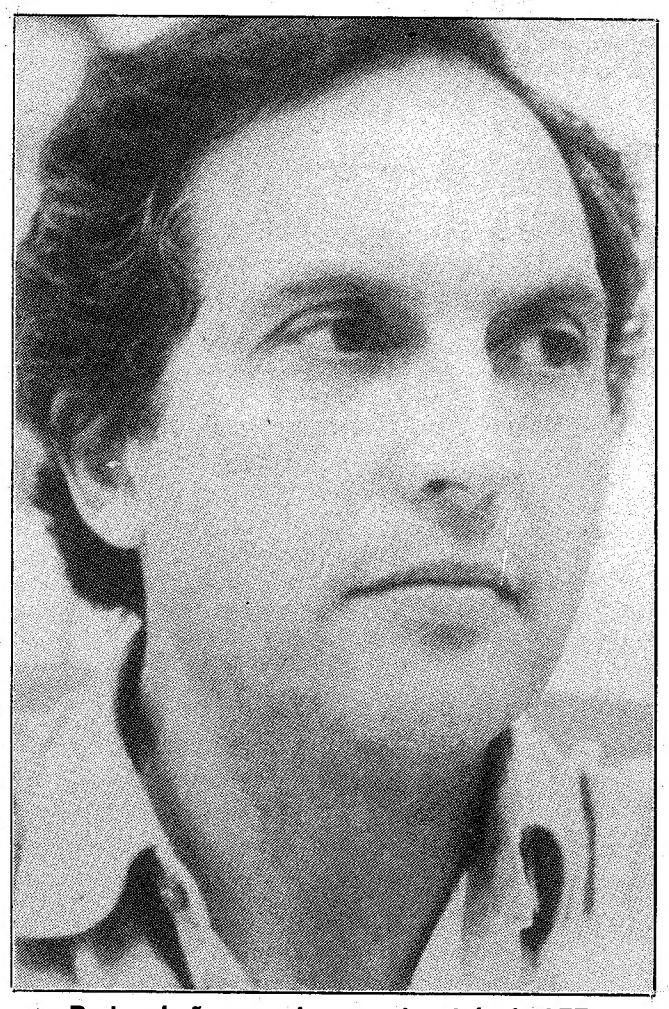


«A nossa opinião é antagónica à do Presidente da República», referiu Duarte Lima

A Internacional Socialista não seria também poupada por Duarte Lima, ao considerar que, como o Partido Socialista, também a IS receia os resultados das eleições a Leste e se precipita ao querer «garantir posições de força na Europa a construir».

Redacção «DL»

PCP acusa: Governo quer «simulacro de debate»



«Portugal não se pode esconder atrás da CEE», defendeu Carlos Carvalhas

O PCP acusou ontem o Governo de suscitar a discussão desta tarde na Assembleia da República sobre integração europeia sem qualquer preparação prévia, abrindo caminho a um «simulacro de debate, com prejuízo dos interesses nacionais».

Os comunistas, cuja tomada de posição foi divulgada em conferência de Imprensa conduzida por Carlos Carvalhas, Agostinho Lopes e Octávio Teixeira, denunciaram diversas atitudes tomadas pelo Governo nas instâncias comunitárias, sem consulta ou sequer informação das forças políticas e parceiros sociais. Estarão neste caso o envolvimento português na elaboração de um documento-síntese sobre união política, através dos ministros dos Negócios Estrangeiros, que será submetido à apreciação da cimeira de chefes de Estado e de Governo, marcada para o próximo dia 25, em Dublin.

O PCP considera que o Governo não explicitou ainda com clareza as suas posições em matéria de união política e união económica, quanto ao anteprojecto de orçamento para 1991 apresentado pela Comissão Europeia e mesmo quanto à reunificação alemã, que colocará à CEE novos problemas. Em causa está, por exemplo, a convocação da Conferência Intergovernamental sobre União Política, que levanta questões relacionadas com as transferências de soberania e alterações de competências dos órgãos da Comunidade.

Eleitoralismo

Acusando o Executivo de, depois de ter alinhado por posições «conservadoras e retrógradas» sobre a Carta Social Europeia, tardar a tornar pública a sua opinião quanto à execução desta política, os comunistas, cuja reunião de ontem da Comissão Política teve a integração europeia como tema central, defendem uma maior cooperação entre o Governo e os eurodeputados, insistindo numa tese partilhada pelos diversos partidos da oposição representados em Estrasburgo.

Carlos Carvalhas denunciou, por outro lado, o «eleitoralismo» do Governo no que toca à integração do escudo no Sistema Monetário Europeu. O PCP defende que os diversos factores devem ser sopesados antes da decisão, tendo em conta factores como a evolução da taxa de inflação, a variação da balança de transacções correntes, a possível entrada da libra no SME e os custos decorrentes da decisão de ficar de fora do sistema.

Idêntica postura identifica o secretário-geral do PCP no posicionamento governamental face às questões de cooperação europeia. Aquele dirigente defendeu que «Portugal não se pode esconder atrás da CEE», fazendo depender cada uma das suas atitudes de decisões tomadas nas instâncias comunitárias. A este propósito disse que o PCP é favorável a «um sistema de segurança colectivo que ultrapasse a dimensão dos blocos».

Periferização tende a acentuar-se

Para os comunistas, qualquer que seja a chamada «futura arquitectura europeia», certas tendências são já seguras: periferização da nossa economia no contexto comunitário, crescente concorrência no interior da organização e deslocação da corrente de investimentos para o Norte e Centro da Europeia, por essa via exercendo uma «maior pressão sobre o orçamento da CEE e a partilha dos fundos estruturais».

No entender do PCP, o Governo deve, desde já, afinar a sua estratégia para fazer face a este cenário, diversificando mercados, apostando na especialização das exportações, seleccionando o investimento estrangeiro em função do seu carácter «estruturante», entre outras medidas.

Respondendo a questões colocadas pelos jornalistas, Carvalhas revelou que a reestruturação interna do partido, decidida no quadro do recente congresso extraordinário, prossegue. Uma decisão final só será tomada na próxima reunião do Comité Central, que já não se realiza dia 26 por causa da discussão da Reforma Agrária, no Parlamento.

Distribuídos que estão diversos pelouros, sabe-se, para já, que são autonomizadas duas novas áreas: ideologia e cultura. Não foram revelados os nomes dos dirigentes que delas se ocuparão.

Redacção «DL»

FORUM

MANGANELLI, A REGRA E A EXCEPÇÃO

Há uma semana, ironizava eu, nesta mesma rubrica, a situação insuportável em que nos deixa o jornalista quando nos telefona a perguntar a nossa opinião sobre o desaparecimento de alguém. Aqui há dias, quando soube da morte de Giorgio Manganelli, desliguei o telefone. Que dizer sobre o escritor e sobre o amigo, companheiro de memoráveis serões romanos, prezadíssimo mesmo em momentos de feroz desentendimento? Falar da angústia que sentimos quando vemos ficar pelo caminho antigos companheiros? Mas disseram-me que, à medida que os anos vão passando, mais este fenómeno acontece. Sentimo-nos lamentavelmente retóricos ao dizermos que estamos tristes.

De Manganelli escritor já muito foi dito, especialmente por quem não pensava reconhecê-lo «post-mortem». Mas encontrando-se, entre estes, alguns amigos do Grupo 63, recordo-me que, deste grupo e num breve espaço de tempo, desapareceram Enrico Filippini, Antonio Porta, Adriano Spatola, Eugenio Battisti. Para cada um destes acontecimentos exprimiu o mundo cultural, sem excepções, a profunda dor que se sente quando desaparece um espírito altamente «criativo».

Em todos estes casos não consigo explicar a mim mesmo uma certa reserva que encontro sistematicamente formulada no decurso das várias reevocações do Grupo, a sombra de um juízo exasperado - que de quando em quando se deixa entrever -, muitas vezes até na boca de críticos ilustres, mas, curiosamente, sempre no quadro da polémica jornalística e nunca em ensaios críticos motivados (onde, e poderíamos citar muitos, as apreciações são mais equilibradas e menos genéricas). Em resumo, é esta a reserva: o Grupo 63 foi protagonista de programas aguerridos, de atitudes polémicas, talvez até de uma ou outra teoria interessante, mas de nenhuma obra literalmente criativa. E quem eram então estes amigos que hoje todos celebram com pesar?

Primeira resposta: são poucas excepções que confirmam a regra. Mas, se as excepções são cada vez em maior número, arriscamo-nos a cair no paradoxo de Achille Campanile para o qual existem regras compostas só por excepções e, portanto, confirmadíssimas. Mais subtil é a segunda resposta: eram conhecidos ocasionais que não pertenciam ao Grupo e que faziam arte por conta própria. Deste modo, como o Grupo não era criativo, se alguém foi criativo não fazia seguramente parte do Grupo senão por engano.

Mas uma vez que, no Grupo, o número de veteranos com estatuto de literários aumenta, o Grupo vai-se reduzindo e toma a forma de um imenso «party» onde circulam, como hóspedes casuais, escritores «verdadeiros» que não faziam verdadeiramente parte dele; enquanto o núcleo, na sua forma mais dura e reduzida, era composto por quatro exoperimentalistas estilísticos que, neste redemoínho de autores que «sobram», ninguém mais sabe quem foram. Como a P2: os seus membros eram acusados de fazerem parte dela, mas injustamente, porque eram pessoas honestas; e o único a pertencer-lhe confessadamente, Licio Gelli, está quase convencido de que a «loja» nunca existiu.

Umberto Eco

A realidade é menos paradoxal: o Grupo não existia como sociedade organizada, com inscrições regulares e mais um ou outro simpatizante ocasional. Funcionava um pouco como as assembleias estudantis: para nelas se participar basta que se entre por acaso; não existe representação oficial e não se reconhecem delegados. Nas reuniões do Grupo só se intervinha para recíprocos ataques. Todos ali passavam por acaso. E como em momentos mais concorridos chegava a haver cem pessoas, é estatisticamente certo que nem todas estavam destinadas a passar à História. Mas naquele turbilhão de passagens nasciam ideias e entusiasmos, dos quais depois cada um colhia a semente para o seu próprio trabalho individual.

Considero que até Manganelli - que chegava já com mais idade que os outros, com uma experiência e um destino estilístico muito seu e com posições polémicas dificilmente homologáveis - extraiu daquela festa fraterna algumas delícias infernais. O facto de ele, tão elitista por vocação, ter escolhido viver, com tumultuosa alegria, alguns daqueles momentos de mútuo e conflituoso conforto faz-me pensar que daí tenha retirado inspiração para o toque de alegre malignidade que distinguiu os seus discursos caracterizados por uma faustosa, barroca e mortuária solidão.

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo L'Espresso/ «DL»

O MERCADO DA CREDIBILIDADE

Um sinistro que tutela o sector público de comunicação social disse, há pouco, a uma assembleia de jornalistas e de especialistas de comunicação, aproximadamente, o seguinte:

- É nocivo para os jornalistas o contacto de intimidade com os políticos!

Entreolhou-se, a assembleia.

O ministro não dissera:

- É nocivo para os políticos o contacto de intimidade com os jornalistas!

Nem dissera, o ministro:

- É nocivo, tanto para os jornalistas como para os políticos, o contacto de intimidade!

Porque, à assembleia, não era indiferente esse muito óbvio: o de que este contacto implica dois agentes - os jornalistas e os políticos.

Ou seja, duas responsabilidades.

Dois profissionalismos de contacto.

Duas consequências.

Não há, neste contacto, um bom e um mau, um táctico e um inocente.

São dois técnicos, em exercício.

Que é que o político quer, em geral, do jornalista, nestes contactos?

Já se sabe: que o jornalista publique aquilo que interessa ao político, ao seu grupo, partido, Governo.

Que é que, em geral, o jornalista quer, nestes contactos, do político?

Também já se sabe: que o político lhe forne,a queira ou não queira, aquilo que interessa, supõe o jornalista, ao público.

Não têm, um e outro, a noção do que é que o outro quer?

Claro que têm.

Podem estes contactos ser nocivos?

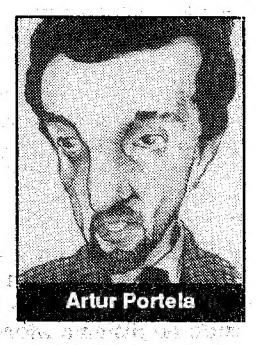
Em alguns casos decerto, mas não exclusivamente para os jornalistas. E decerto não apenas para os jornalistas e os políticos. Mas também, mais latamente, mais fundamentalmente, para quem os justifica: o público leitor, o público eleitor.

Podendo, também, esses contactos não ser nocivos.

Sendo nocivos para alguns políticos, mas não para os jornalistas que estabelecem esses contactos, e não para o público leitor e eleitor.

Há casos.

É que esses contactos, mesmo de intimidade, têm limites: os da consciência de cada um dos seus agentes, os das suas deontologias profissionais. E os do juízo do leitor e do eleitor, aqueles que balizam o que poderemos definir como - o mercado da credibilidade. A verdade é que, pelo menos no plano lógico, há, no que este ministro disse a uma assembleia de jornalistas e de especialistas de comunicação, aquilo que ele não disse, aquilo que os políticos, nesta matéria, não dizem.


Artur Portela

A outra face deste receio.

O medo próprio deste medo por outros.

De qualquer modo, virem os políticos dizer, não que este contacto de intimidade pode ser nocivo tanto para os jornalistas como para os políticos, não que este contacto de intimidade pode ser nocivo para os políticos, não que este contacto de intimidade pode ser nocivo para os cidadãos leitores e cidadãos eleitores. mas que esse contacto é nocivo para o sjornalistas ponto final, é uma afirmação que pode configurar, no mínimo, duas coisas.

A primeira: um paternalismo profissional e ético exercido sobre os jornalistas.

A segunda: um acto falhado.

Dos políticos.

LETRA DE FORMA

CAPITAL

De um artigo de O. Gouveia Pereira:

(...) Já viram o que aconteceu ao nosso monumento comemorativo das descobertas marítimas?

Virou suporte de publicidade! Nem mais nem menos.

Propagandeia as marcas das companhias que, aproveitando a lei do mecenato, se propuseram limpá-lo.

Aparentemente, tudo bem. Mas, em boa verdade, onde nos levará esta lei? Já imaginaram quando for necessário reconstruir os Jerónimos que espaço de publicidade ali se oferece, ou quando calhar a vez à Batalha de ser limpa, quantos desastres não ocorrerão na via rápida com os condutores distraídos a lerem os anúncios? E porque não utilizar as estátuas equestres para propagandear a feira da Golegã, as estátuas a pé para anunciarem a última moda da vida de Paris ou as estátuas recentes para proclamarem as virtudes dos colchões ortopédicos?

Eis o caminho aberto. É tudo uma questão de dinheiro. As exposições apropriadas à sociedade de consumo dão os primeiros passos em Portugal.

Que mais iremos ver? O dinheiro o dirá! A cultura também se vende. O mecenas sabe-o.

18-6-90

Diário de Notícias

De um artigo de Fernando Pessoa:

(...) Existem personalidades portuguesas capazes de catalisar à sua volta um movimento ecologista nas próximas eleições presidenciais; um movimento onde as pessoas não se sintam norteadas pelas suas correias de transmissão vermelhas, cor-de-rosa ou laranja, mas dispostas a uma aproximação à população portuguesa em torno da outra via para o desenvolvimento que o ecologismo pode dinamizar.

(...) Aproveitar o espaço de liberdade que é o período eleitoral, ter acesso à Imprensa, à Rádio e à Televisão, é uma oportunidade que não pode ser desperdiçada; neste espaço de comunicação os ecologistas, verdes por fora e verdes por dentro, podem aproximar-se das camadas jovens e de todos quantos possam entender a mensagem.

18-6-90

O DIA

De um artigo de Silva Resende:

(...) Uma Imprensa que reage aos abusos do Poder e aos desvios dos poderosos exerce excelente e benemérita função profilática. O ponto é que o faça com escrúpulo moral e com total isenção. E eu pergunto singelamente se estes enormes alaridos à volta de Leonor Beleza não representam outros brados e outras denúncias muito castamente sofreados nas conveniências de certas confrarias e nos pactos secretos com certas figuras.

Num país como o nosso, onde é tão fácil a malidicência e tão ligeiro o comportamento dos dignitários do Poder, não acredito que só Leonor Beleza mereça tantos afagos diários e tantas ofensivas semanais.

1
18-6-90

PÚBLICO

De um artigo de P. Peter Stilwell:

(...) Que mecanismos de controlo e de correcção pode a Igreja criar para acompanhar os seus meios de comunicação - sejam eles jornais, rádio ou televisão? Deixar isso nas mãos dos bispos? Criar Conselhos com poder de intervenção em certos casos? Pouco ou nada se tem debatido, abertamente, na Igreja Católica sobre isso, e no entanto é uma questão central. Se os meios que Ela chama seus transmitem uma imagem, ou conteúdos que falseiam a realidade da sua missão; se, por falta de sentido crítico ou por falha dos responsáveis, eles se identificam com determinados interesses políticos, económicos ou outros, mais vale serem estes a gerir os seus próprios meios do que a Igreja avalizar com o seu nome projectos que, por mais dignos e louváveis que sejam, lhe são estranhos.

18-6-90

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

FORUM

UMA PÁGINA NEGRA

O programa da televisão sobre a morte de Humberto Delgado teve um contexto documental elevado em material e apresentação, teve a virtude técnica de ser um trabalho de dois repórteres não viciados politicamente e ainda a razão louvável da sua apresentação neste ano que decorre do 25 aniversário da morte.

Os intervenientes que se meteram pelos atalhos do que se disse e fez! no período que antecedeu a ida para Badajoz resvalaram, porém, no pântano do «eu acho» e do «se». Em História, os ses fabricam-se na razão directa das interpretações, mas a sua produção é normalmente de tipo conjuntural e pouco bemfazeja para o cômputo que a triagem do tempo faz. Essa triagem exige historiadores e investigadores não comprometidos com a política da época; exige um distanciamento emotivo e a postura de observador imparcial que não foi o caso de alguns intervenientes do programa.

As reacções que obtive, e foram muitíssimas, podem classificar-se em quatro planos: popular, político, histórico e pessoal.

No plano popular foi curioso saber de uma disacussão num autocarro em que as pessoas, indignadas com o cinismo de Salazar, diziam: aquele malandro já sabia de tudo e enganava o povo na televisão.

No plano político teve o mérito de trazer para a discussão pública um tema que andava envolvido em pretenso mistério, situação que não absolve incriminados nem iliba responsáveis, mas que acaba por meter tudo num mesmo saco de confusão e dúvida. Perante o que foi dito sobre a morte, depois do excelente e inédito depoimento do juiz espanhol (para não falar da intervenção dos advogados portugueses), só por má fé ou facciosismo se pode ainda levantar a dúvida sobre quem planeou e executou o crime.

No plano histórico trouxe às gerações novas, que andam tão alheadas da vida nacional, tão mesmerizadas numa pseudocultura completamente fruste, algumas imagens da época salazarista que ciclicamente devem ser lembradas; por exemplo, saber que os gases lacrimogénios não são um exclusivo de Tianamen é útil porque a juventude é generosa e também sabe indignar-se. No plano pessoal fez alguns danos à imagem de Humberto Delgado. Talvez não fosse essa a intenção dos intervenientes; alguns revelaram o desgosto profundo e a tristeza que sentiram com a impotência para demover Humberto Delgado de um propósito que lhes parecia absurdo. Emídio Guerreiro foi quase comovente quando disse que, finalmente, às quatro da manhã, tinha conseguido demover um pouco a carapaça de obstinação, mas não completamente. Manuel Alegre, no seu estilo político, fez uma autocrítica louvável; infelizmente só quem está dentro do que se passou compreendeu o que ele quis dizer, ou seja, que os exilados de Argel, que estavam contra Humberto Delgado, daviam ter imediatamente acusado o Governo de Salazar de rapto ou de morte do chefe da oposição portuguesa. Qualquer outra atitude era alinhar com o ditador, qualquer outra versão era calar e fazer o jogo do fascismo. reconhecer um erro político daquelas dimensões é altamente humilde e louvável e fica registado para a História.

Artur Andrade não tem razão para ficar satisfeito com a selecção que os autores do programa fizeram da sua intervenção. Compreende-se porquê. Deu um certo ar de improviso a um convite que teve muitos outros antecedentes que remontam ao período em que Humberto Delgado estava nos Estados Unidos e se correspondia com António Sérgio por interposta pessoa, o dr. Sebastião Ribeiro. Também nesse período se correspondia com Henrique Galvão sobre a mesma questão de se candidatar a Presidente da República. Aliás é o próprio Humberto Delgado que relata que foi por fontes diversas que fora «tocado». Lógico, portanto, seria que ao ser abordado pelo grupo do Poder tivesse já uma ideia sobre o assunto. Daí a rapidez de uma decisão.

Iva Delgado

Seria muito interessante prosseguir, mas o espaço não permite analisar um a um os intervenientes; ao referir o *dano* invoco o exagero de argumentos que parecem «combinados» ou apostados em passar um labéu de cegueira face aos perigos, ou de intempestividade política, ou de «mau feitio» e irascibilidade; até porque esses argumentos foram os que o salazarismo bateu na propaganda anti-Delgado. Há espaço para prosseguir a discussão; não a nível de quezílias e guerras de siglas, não a nível de insultos, mas a nível de documentos da época. Seria muito útil, para que o povo português pudesse comparar, que a televisão portuguesa comprasse à televisão espanhola o programa que fez sobre o caso. A televisão é o espelho da verdade e da mentira e nunca é demais ouvirmos ourtras versões.

Os espanhois são mais imparciais e mais objectivos porque o caso não lhes toca tão de perto. Talvez eles compreendam melhor a dimensão política e histórica de Humberto Delgado.

A CORAGEM DE ERASMO

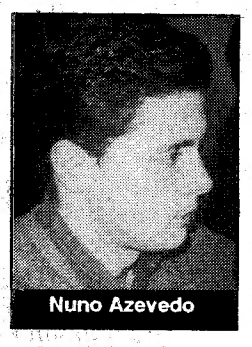
A dissuasão nuclear proporcionou um dos maiores períodos de paz no Ocidente. Porém, o medo das contra-represálias, assim como as exigências éticas do bem-estar, colocaram os responsáveis políticos perante uma obrigação imprescindível: a construção de passagens entre as crises da história e a utopia da paz, fazendo simultaneamente a economia da revolução, isto é, da guerra. O problema ético-político actual é, pois, a passagem progressiva da dissuasão ao desarmamento, ou seja, a substituição das virtudes da História pela coragem da utopia.

Se, no passado, o cume da sapiência diplomática passava pelo compromisso, ou seja, pelo acerto «jurídico» de um *statu-quo* resultante das forças em presença, hoje o mínimo de prudência política consiste em se abrir à utopia da paz. Neste de final de século, nunca foi tão óbvio que o futuro do Velho Continente só pode ser concebido de forma positiva quando se pensa em termos de novas fórmulas de coabitação, capazes de ultrapassar os fossos do passado. A utopia da paz, materializada pela fase actual de desarmamento, parece finalmente ter captado coragem suficiente para levar a cabo uma das maiores aspirações de qualquer sociedade baseada nos Direitos do Homem.

No entanto, entre as aspirações pacifistas, no passado radicalizadas pela sua incoerência perante a sabedoria diplomática, e a realização de um espaço de segurança e cooperação, há um mundo inteiro a transformar. Entre o «Big Bang» pacifista, inspirado no apelo de Erasmo de Roterdão que, em 1517, apelava a «conspirar de comum acordo e com todas as nossas forças contra a guerra», e o aperto de mão entre Gorbachev e Reagan , em Washington, em 1987, quando da assinatura do tratado INF, assistiu-se, de facto, a uma regeneração do real. Mas o que terá levado a esta regeneração? Como é que se passou duma abordagem clássica da paz, concebida como um subproduto da segurança de cada um, a uma abordagem sistémica onde a segurança dos Estados resulta de uma contratação internacional?

Paralelamente, e devido aos acontecimentos mais recentes na Europa, cuja importância não pode ser minimizada, não deixa de ser interessante relativizar as decisões dos actuais líderes das duas superpotências. A História lembra-nos que o rei é raramente filósofo e mostra-nos também que a paz é o fruto dialéctico das crises ultrapassadas pelos homens de Poder, em suma, a política gere o que a cultura cria. Quando assistimos, hoje, a uma nova lógica, ou a uma restruturação do pensamento estratégico orientado por uma vontade política de eliminar um número cada vez maior de armas que existem no Mundo, não podemos deixar de pensar, ao mesmo tempo, que uma nova cultura de paz está iminente.

O Ocidente está, enfim, a ultrapassar os instintos mais bélicos da natureza humana, ou seja: a disfunção que existe entre o homem de poder e a cultura provoca uma dialéctica entre o equilíbrio das forças (natureza) e a organização da paz (cultura) que não só provoca a guerra como também desenvolve a cultura utópica de paz. Tal como na sequência da II Guerra Mundial, desencadeada por um desequilíbrio de forças, nasceram novas instituições que enquadraram o desenvolvimento económico e cultural da Europa Ocidental, hoje, o fechar da guerra fria abre novas perspectivas para que, por um lado, esta zona de prosperidade alastre para Leste e, por outro, que as armas que separavam a Europa sejam reduzidas para níveis não comprometedores. Em suma, a cultura de paz, latente desde do tempo de Erasmo, saiu das prateleiras da contestação marginal e conquistou o primeiro plano do conflito Leste-Oeste.


Nuno Azevedo

Os actuais dirigentes das superpotências cumprem, desta maneira, a função que lhes é destinada: gerir o que a cultura de paz promove. Esta relação dialéctica terá, ao longo de cinco séculos, permitido o avanço de duas grandes utopias que hoje estão mais perto do que nunca de se realizarem. Primeiro, a organização de um espaço político europeu, como solução para os conflitos pontuais que têm alastrado no nosso continente sucessivas vezes para a guerra, leva-nos a uma abordagem sistémica onde a segurança dos Estados resulta de uma contratação internacional.

Segundo, depois de no passado o desarmamento do inimigo ter levado muitas vezes a novas guerras assistimos, hoje, ao desarmamento de ambos os lados. Assim sendo, podemo-nos considerar como estando perante a oportunidade histórica de assumir a coragem para dar o impulso decisivo ao sonho de Erasmo.

INTERNACIONAL

Comunistas da Rússia querem separar-se do PCUS

De Moscovo, especial para o «DL»

Reúne-se hoje em Moscovo a Conferência das organizações da Rússia, do PCUS, que poderá vir a transformar-se no Congresso fundador do Partido Comunista Russo. Na reunião, participam delegados ao XXVIII Congresso do PCUS, que iniciará os seus trabalhos em princípios de Julho.

A Rússia, a maior República da União Soviética, com uma população de cerca de 150 milhões de pessoas, acorda assim de uma longa hibernação política. Foi, primeiro, a declaração de soberania aprovada pelo novo Parlamento da República, encabeçado por Boris Ieltsin, e agora o processo acelerado de criação do Partido Comunista.

Por força dos rumos que a história tomou, há já 65 anos que a Rússia não possui o seu Partido Comunista. Presentemente, e à parte o Bureau Russo do CC do PCUS, criado no Outono passado (e de que Mikhail Gorbachev é o Presidente), não existe na República um órgão autónomo que se ocupe dos problemas estritamente russos. Para mais, nos últimos tempos, as tendências centrífugas tornaram-se mais sensíveis e alastrou pelo país uma vaga de aspirações nacionalistas que vieram tornar mais difícil a actividade do PCUS. As crescentes dificuldades nas relações entre nacionalidades, originaram uma reacção por parte dos comunistas da Rússia e crescentes reivindicações no sentido da criação do seu próprio Partido Comunista. Por outro lado, contam-se já hoje, na Federação Russa, cerca de 50 movimentos político-sociais, candidatos a futuros partidos políticos. Nestas condições agudizou-se a necessidade de os comunistas russos terem o seu próprio partido, capaz de defender os interesses dos trabalhadores da República.

O papel consolidador do PCUS

Mas em que plataforma se irá basear o Partido Comunista da Rússia?

No Congresso de Comunistas da Rússia, realizado em Leninegrado, foi sublinhada a intenção de «manter firmemente» as posições do documento do CC do PCUS para o XXVIII Congresso. Mas, por outro lado, e contrariamente ao que é defendido nas teses do CC do PCUS, os participantes no encontro de Leninegrado pronunciaram-se contra a passagem do país a uma economia de mercado e contra qualquer processo de privatização. Uma posição que gerou críticas e acusações de conservadorismo. Há também propostas ultra-radicais que têm poucas probabilidades de ser aprovadas.

A nova organização comunista irá defrontar-se, nestes primeiros tempos, com os mesmos problemas que o PCUS hoje enfrenta, nomeadamente perda de confiança popular. Nas Repúblicas bálticas, para referir um exemplo muito actual, os Partidos Comunistas estão actualmente na oposição, tendo cedido lugar às frentes populares.

A verdade entretanto é que, no país em geral, o PCUS continua a ser a única força política no poder e com um papel consolidador.

O paradoxo é que o PCUS está a desempenhar tanto funções de partido governante como de oposição, pois ainda não se pode falar de partidos de oposição na União Soviética.

Na opinião de Otto Latsis, destacado economista soviético e membro da direcção da revista «Kommunist», o PCUS cumpre inabilmente as funções de partido governante, pois conserva velhos vícios de uma estrutura estatal, e não funciona ainda como um partido que, embora dirigindo o Estado, esteja dele separado. «É por isso que hoje não temos uma alternativa séria aos programas governamentais e não há sequer uma crítica bem fundamentada ao Governo», diz Latsis.

E não será pela mesma razão que dificilmente se resolvem os agudos problemas do país, que a Perestroika entretanto pôs a nu de forma implacável?

Guennadi Petrov

Esta manhã em Helsínqua

Sequestradores de avião soviético renderam-se

Os Três piratas do ar que esta manhã desviaram um avião das linhas internas soviéticas renderam-se à polícia finlandesa pouco tempo depois de se ter verificado aterragem em Helsínquia. Segundo as autoridades, o aparelho, um bimotor Tupolev 134, tranportava 54 passageiros a bordo e fazia a ligação entre as cidades soviéticas de Riga (Letónia) e Mourmansk.

O sequestro verificou-se logo após a descolagem do avião na capital da Letónia. Após a aterragem no aeroporto de Helsínquia, cerca da 10 horas locais (9 horas em Lisboa) os três piratas chegaram a ameaçar fazer explodir o bimotor. A polícia e os responsáveis do ministèrio do Interior montaram imediatamente um importante dispositivo de segurança à volta do aparelho.

De momento desconhecem-se quais os motivos do sequestro. Anteriormente, um funcionário da aviação civil de Estocolmo, citando as autoridades finlandesas, afirmou que os piratas pretendiam ir para Israel, após uma breve escala na capital Suéca.

Este é o terceiro avião soviético desviado nas últimas duas semanas. A 9 de Junho, um adolescente de 17 anos desviou um outro aparelho das linhas internas soviéticas, um TU-154, que fazia a ligação entre as cidades de Minsk e Mourmansk, com 121 passageiros a bordo. O jovem soviético, Dmitri Semynov, afirmou que decidira desviar o avião após uma disputa familiar.

Ontem um ex-piloto de uma companhia aérea de Odessa, na Ucrânia, apossou-se de um avião, um AN-2 de 12 passageiros, e levantou com destino à Túrquia. A agência noticiosa soviética TASS não indicou se havia passageiros a bordo nem fez qualquer referência às exigências do «pirata aéreo».

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Unificação alemã

Moscovo e Bona reduzem divergências

Após uma reunião de seis horas, em Muenster, na RFA, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal e da União Soviética afirmaram ter reduzido as suas divergências quanto à inclusão da Alemanha unificada na NATO, realçando no entanto que ainda há questões importantes por resolver.

O chefe da diplomacia alemã-federal informou que «foram alcançados progressos» em algumas questões importantes, enquanto o seu homólogo soviético qualificou a reunião como «construtiva e útil».

Eduard Shevardnadze realçou no entanto não pretender «criar a impressão de que tudo correu sem problemas e de que todas as questões pendentes foram resolvidas», porque, segundo fez questão de sublinhar, ainda falta ultrapassar alguns «obstáculos difíceis».

O principal obstáculo à reunificação tem sido a oposição soviética à inclusão da Alemanha unificada na NATO.

Hans-Dietrich Genscher referiu que esta reunião analisou pela primeira vez em pormenor as formas de redução das tensões Leste-Oeste pela melhoria de relações entre os Estados membros da NATO e do Pacto de Varsóvia.

Adiantou que «há uma série de pontos substanciais em que poderá ser alcançado um acordo».

Reunião «dois mais quatro»

Shevardnadze e Genscher vão participar na sexta-feira, em Berlim Oriental, com os seus homólogos dos EUA, França, Grã-Bretanha e Alemanha Democrática em mais uma reunião das conversações «dois mais quatro», sobre os aspectos externos da unificação alemã. Os dois ministros concordaram na marcação para Novembro de uma cimeira de chefes de Estado dos 35 países membros da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europas, que deverá ratificar os resultados das conversações «dois mais quatro».

Esta foi a segunda reunião no espaço de uma semana entre Genscher e Shevardnadze, após o encontro na semana passada na cidade soviética de Brest.

Entretanto o chanceler alemão federal, Helmut Kohl, afirmou publicamente, pela primeira vez, estar convencido de que a união política da Alemanha será concretizada antes do fim do ano. «1990 será o ano da unidade alemã», declarou perante a comissão federal do partido de que é presidente, o CDU.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Três dirigentes da oposição detidos na Roménia

As autoridades romenas prenderam ontem três dirigentes da oposição ao Governo de Ion Iliescu. O dirigente estudantil Marian Manunteanu e os dois chefes activistas da oposição, Dumitri Dinca e Nica Leon, foram detidos e acusados de envolvimento nos protestos anti-governamentais em Bucareste, na passada quarta-feira.

Entretanto as conversações entre o ministro romeno do interior, Doru Ursu, e os porta-vozes das organizações que, desde domingo voltaram a manifestar-se em Bucareste, foram interrompidas uma hora depois de se terem iniciado. Segundo um porta-voz do Ministèrio do Interior as conversações foram interrompidas devido à intransigência dos participantes nas manifestações mas adiantou que o diálogo será retomado proximamente.

Os estudantes da Universidade de Bucareste contestam a versão do Ministério do Interior, afirmando que Doru Viorel Ursu evitou abordar os os pontos considerados mais importantes pelas organizações que contestam o Governo romeno. Na ocasião os representantes dos estudantes apresentaram um documento exigindo a libertação incondicional de todos os detidos durante os últimos acontecimentos em Bucareste, incluindo Marian Munteneanu.

Manifestantes anti-governamentais agridem uma mulher acusada de apoiar Ion Iliescu

A Comunidade Económica Europeia reagiu contra a decisão do Governo de Ion Iliescu de recrutar os mineiros para esmagar as manifestações anti-governamentais, e suspendeu o acordo de cooperação económica com a Roménia.

Numa reunião efectuada durante o dia de ontem no Luxemburgo, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Doze manifestaram-se «seriamente preocupados» pelo recente surto de violência em Bucareste, deplorando particularmente «o indiscriminado uso da força pelo Governo romeno e seus apoiantes», contra os manifestantes. Neste sentido, os ministros dos Negócios Estrangeiros e o Comissário das Relações Externas da CEE, Frans Andriessen, concordaram em suspender a ratificação do acordo comercial e económico com a Roménia, finalizado em 8 de Junho e que deveria ser definitivamente assinado em Setembro. Frans Adriessen recomendou que a Roménia não seja incluída no pacote de ajuda ocidental ao Leste europeu, defendendo que actualmente a inclusão é «difícil e mesmo impossível».

Esta questão deverá ser definitivamente analisada durante a reunião a dos ministros dos Negócios estrangeiros dos 24 países doadores, entre os quais os 12 da CEE, os Estados Unidos e o Japão.

Redacção «DL»/Lusa/Reuter

A maior república jusgoslava sacudida pela contestação

Sinais de rebelião manifestam-se na Sérvia

A Jugoslávia enfrenta uma nova crise após sinais de rebelião registados a semana passada na maior república, a Sérvia, onde os líderes comunistas resistem a uma onda de democratização que sacode o país.

Diplomatas ocidentais afirmaram que uma manifestação anticomunista, que reuniu dezenas de milhar de pessoas em Belgrado, na quinta-feira passada, revelava que o presidente sérvio, Slobodan Milosevic, que durante os últimos três anos tem governado com absoluta autoridade, estava a perder o controlo da situação.

Existem nove milhões de sérvios - o maior grupo étnico do país - justamente considerados o «pivot» para o futuro desenvolvimento da Jugoslávia.

Os manifestantes exigiram a realização de eleições livres na Sérvia até ao final do ano, à semelhança do que aconteceu em duas das seis repúblicas da Jugoslávia. Entoaram palavras de ordem como «Slobodan, tu és um traidor» e queimaram *posters* do dirigente sérvio.

«A manifestação desfez a visão de Milosevic de uma nação sérvia unida sob a direcção de um partido comunista sérvio», disse um diplomata ocidental.

Os líderes sérvios afirmaram que não convocarão eleições antes da república adopar uma nova Constituição, o que levará ainda cerca de um ano.

Contrariamente aos comunistas reformistas na Eslovénia e Croácia, que prepararam o caminho para as eleições registadas em Abril e Maio, respectivamente, os dirigentes comunistas sérvios interromperam as reformas e não permitem o registo oficial de grupos oposicionistas.

Numa aparente tentativa de calar as críticas crescentes, o partido sérvio anunciou que fundiria com a Aliança Socialista, uma organização pró-comunista que lhe serviria de cobertura, transformando-se num novo Partido Socialista que concorreria às eleições.

Acusações aos comunistas

Mas o anúncio provocou viva repulsa e foi denunciado na manifestação como uma maneira de os comunistas tentarem ganhar tempo e defraudar as reformas democráticas.

A insistência na primazia à Constituição é considerada como uma forma de neutralizar os partidos da oposição albanesa da província sérvia de Kosovo, que poderiam obter a vitória em eleições livres.

A nova Constituição iria faltamente limitar a autonomia de Kosovo, onde cerca de 50 pessoas foram mortas em protestos destinados a exigir a autonomia da Sérvia. A manifestação, que consituiu o mais sério desafio a Milosevic, foi seguida de uma revolta dos jornalistas contra o rígido controlo da Imprensa pelas autoridades sérvias.

«Algo vai mal na Sérvia de Milosevic», disse um jornalista veterano jugoslavo. «É difícil dizer quão popular é a oposição, mas muitas pessoas podem votar em qualquer partido, apenas para derrubarem os comunistas».

Mas os cinco maiores partidos da oposição que organizaram a manifestação, incluindo o Partido Democrático Centrista e o renovado Movimento Nacionalista Sérvio, parece terem em comum o desejo de derrubar os comunistas.

«Unidos numa coligação *ad hoc*, os cinco partidos perseguem um confuso e contraditório propósito que poderá não ter repercussão nas urnas», disse o jornal diário *Borba*.

«Como poderão os liberais exigir eleições livres ao mesmo tempo que defendem o regresso de um não-existente rei, um nacionalismo primitivo e um chauvinismo anti-albanês?», acrescentou.

Os líderes da oposição falharam também na tentativa de criar um programa alternativo para negociar com Kosovo, onde os jornais afirmaram que os grupos da oposição albanesa estão a exercer uma influência crescente na vida económica e política da província.

«O programa da oposição para Kosovo é na essência o mesmo que o dos comunistas», disse um analista político jugoslavo. «Kosovo deixa aos comunistas o trunfo mais forte».

Andrej Gustincil - Serviço Reuter/«DL»

A África levou muito tempo a acordar e agir contra a praga da corrupção que a atingiu, desde há muitos anos, e se alimentou dos auxílios estrangeiros. No Benim, por exemplo, foi necessário que o Banco Comercial perdesse o equivalente a 43 vezes o seu capital para que o Governo abrisse um inquérito. Mas há mais

Dedo do Ocidente na corrupção africana

«Quando o pântano seca logo se vêem todos os crocodilos» - a frase, de um industrial francês em Abidjan, capital da Costa do Marfim, é uma boa introdução ao facto de a profunda crise económica que atormenta este país africano estar, enfim, a levantar, ainda que pudicamente, o véu que ocultava a corrupção e as práticas fraudulentas que envenenam a economia da Costa do Marfim, tal como a doutros países africanos.

No Benim, por exemplo, foi necessário que o Banco Comercial do país perdesse 43 vezes o seu capital para que os dirigentes políticos decidissem começar a preocupar-se com o assunto e fazer alguma coisa, ou seja criar uma comissão para verificar a origem dos bens de várias personalidades políticas.

Neste momento, a situação é a de dois antigos ministros das Finanças na prisão, acusados de cumplicidade na elaboração de falsas declarações bancárias e na prática de abusos de confiança. E um outro, considerado grande conselheiro do presidente Kérékou, foi inculpado, em França, de desvio de fundos e de práticas fraudulentas, incluindo a falsificação de escrituras públicas.

O presidente Houphouet-Boigny, da Costa do Marfim

Supermercado especial

No Togo, vizinho do Benim, um dos mais próximos colaboradores do presidente Eyadéma, o tenente-coronel Seyi Méméné, chefe da Segurança, foi degradado do seu cargo por haver sido considerado culpado de um desvio de fundos. Por outro lado, o antigo ministro da Justiça, Kpotivi Laclé, foi acusado, no ano passado, com reconhecido fundamento, de participar em fraudes do sistema nacional do Loto Desportivo.

Voltando à Costa do Marfim, do presidente Houphouet-Boigny. Inspectores franceses têm presentemente em curso uma auditoria aos serviços de impostos e alfandegários. O que se sabe até agora é que vários altos funcionários desses serviços já foram demitidos, embora nada tenha transpirado sobre possíveis inculpações judiciais.

Os três hospitais universitários de Abijan, o Centro de Transfusão de Sangue e a Farmácia Central do país já têm novos directores, enquanto, por outro lado, é quase completa a carência de medicamentos na Costa do Marfim. E o nome do Director-Geral das Alfândegas anda publica e abertamente ligado à abertura de um supermercado, cuja publicidade proclama em alto e bom som que todos os produtos importados são ali vendidos aos mais baixos preços...

Barragens privadas

Nas conversas privadas - e valha isso o que valer - comenta-se abertamente que os projectos estatais grandiosos em curso só têm racionalidade económica para aqueles que deles vão retirar a sua garantida comissão de dez por cento e as donas de casa que vão receber os seus abonos de família, queixam-se, mas também só em privado, das percentagens que os funcionários pagadores cobram em seu próprio proveito, no acto de pagamento.

No próprio jornal governamental, «Fraternité Matin», ainda há dias um comerciante se lamentava dos frequentes impedimentos e dificuldades que se levantam ao pequeno importador, nos serviços alfandegários, onde os respectivos funcionários encontram sempre maneira, por mais completa que seja a documentação apresentada, de exigir mais isto e mais aquilo, o que custa sempre mais um ou dois extras para além do previsto.

Instalou-se, na generalidade da África Ocidental, um outro «hábito». Polícias, guardas fiscais a guardas florestais montam nas estradas as suas próprias barragens de controlo privadas, cobrando, para os seus bolsos, taxas aos automobilistas e camionistas. A situação chegou a um tal ponto, na Costa do Marfim, que o Conselho de Ministros decidiu mandar publicar uma lista dos postos de controlo oficial, dezóito para todo o país, anunciando que qualquer agente da autoridade que monte «barragens privadas» será objecto de sanções.

É toda uma outra ética...

De qualquer modo, e voltando a citar o industrial francês que mencionámos no começo do texto, não se trata aqui de o Ocidente fazer moral sobre os africanos. Não é menos verdade que os ocidentais, em África, geralmente sobrefacturam a maior parte das suas despesas. E é igualmente verdade que, entre os africanos, se há os que desviam dinheiros exclusivamente para seu enriquecimento pessoal, também há os que redistribuem esses dinheiros pelos membros mais necessitados das suas famílias e pelos fundos comunitários das suas velhas aldeias.

«É - diz este francês - toda uma outra ética, em que a concepção do bem público estatal não existe nem intervém».

Numa área a vigilância se tornou mais rigorosa: em tudo o que diga respeito aos créditos e subsídios estrangeiros fornecidos para o desenvolvimento do país. O Banco Mundial já o reconheceu, por escrito: «A maior parte dos auxílios estrangeiros têm sido fornecidos através de intermediários, empresários ou fornecedores, que se mostraram demasiado ávidos de um enriquecimento rápido, assim se multiplicando as oportunidades de desvios. Centenas de milhões de dólares passaram, por esta maneira, directamente para contas bancárias privadas».

Não se esqueça, porém, que também muitas empresas ocidentais tiraram vantagem dos mercados de capitais fáceis e lucrativos criados por este afluxo de dinheiros desviados dos auxílios estrangeiros a países africanos. Por isso, entre as medidas de rigor adoptadas, contam-se, por parte dos Governos Ocidentais, uma maior fiscalização da movimentação desses capitais de origem suspeita.

Um exemplo deste maior rigor, no caso da aplicação dos auxílios.

A CEE concedeu recentemente, à Costa do Marfim, um auxílio de cerca de 6,7 milhões de contos para financiar o reabastecimento do país em medicamentos. Mas cada transferência de fundos só poderá efectuar-se mediante a afixação documental de duas assinaturas: a de um funcionário devidamente qualificado, da Costa do Marfim, e a de um representante da Comunidade Europeia.

Michèle Leridon
AFP/«DL»

A medida deverá ser tomada na próxima semana

CEE prepara-se para reduzir sanções à África do Sul

Fontes diplomáticas no Luxemburgo revelaram hoje que a CEE deverá abandonar, na próxima semana, a sua política de dureza contra a África do Sul. A suspensão parcial das sanções àquele país, ainda que numa perspectiva condicinal, surgiu na sequência do último Conselho de Assuntos Gerais havido entre os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade.

Os ministros que, na passada quarta-feira, analisaram o apelo de Nelson Mandela no Parlamento Europeu e também uma carta do Presidente de Klerk sobre os progressos feitos pelo seu Governo para pôr termo ao *apartheid*, consideraram «inevitável» adoptar uma atitude positiva em relação a Pretória. Contudo, remeteram a questão para o Conselho Europeu, que, segundo as mesmas fontes, deverá reunir-se nos dias 25 e 26 deste mês, em Dublim.

Nessa cimeira, os chefes de Estado e de Governo da CEE, irão discutir especificamente um critério que permitirá definir, de forma

João de Deus Pinheiro

objectiva, a altura mais propícia para um eventual abrandamento das sanções económicas impostas pela CEE contra Pretória.

As alternativas possíveis à suspensão parcial das sanções, preconizada pelo Conselho de Assuntos Gerais, são a suspensão total, o levantamento total ou parcial das sanções ou a declaração de intenções. Mas a primeira hipótese parece ter recolhido os consensos da maioria dos membros do conselho.

O ministro dos Negócios Estrangeiros português, João de Deus Pinheiro, declarou que uma das outras soluções possíveis seria a de subordinar o levantamento de algumas das sanções ao início das negociações entre a ANC e o Governo sul-africano. Deus Pinheiro acrescentou ainda que o próprio andamento das negociações, com vista à paz na África do Sul, irá decerto influenciar a decisão dos Doze sobre essa questão.

Apesar de o Reino Unido ter voltado a defender o levantamento das sanções e de a Itália ter proposto uma posição equidistante - «nem às ordens de Mandela, nem de de Klerk» -, o Conselho comprometeu-se a adoptar uma posição comum nesta matéria, ao mesmo tempo que considerou necessário dar «um sinal positivo» ao Presidente sul-africano.

Outro grande tema em debate nesta reunião foi a posição a assumir perante os últimos acontecimentos na Roménia. Numa declaração, os ministros deploraram o uso indiscriminado da força por parte do Governo na repressão das manifestações, recordando que o apoio do grupo dos 24 aos países do Leste europeu está vinculado, entre outras coisas, ao respeito pelos direitos humanos.

Nesse sentido e antecipando uma das possíveis sanções pelo desrespeito dessa importante condição, o Conselho ameaçou as autoridades romenas de «congelar» a assinatura do acordo comercial e de cooperação previsto, caso estas últimas não encetem uma política de diálogo com as forças da oposição.

Redacção «DL»/Lusa

Cimeira franco-africana

Quarenta países discutem em França dívida externa

Começa hoje, em La Baule, na França, a XVI Cimeira franco-africana que reune todos os anos naquela cidade da Bretanha grande parte dos cerca 40 países africanos. Marcada pelo clima de crise social, política e económica, actualmente vivido pela maioria dos países daquele continente, a cimeira propõe-se debater a democratização e a dívida externa dos Estados da África francófona.

Participam os presidentes Manuel Pinto da Costa, de São Tomé e Principe; João Bernardo (Nino) Vieira, da Guiné Bissau; Aristides Pereira, de Cabo Verde e Joaquim Chissano de Moçambique. Angola faz-se representar pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Pedro de Castro Van-Dunem «Loy».

Afectados por uma acentuada crise política e críticos em relação à indefinição política francesa, o Zaire e a Costa do Marfim estarão ausentes nesta edição da cimeira.

Apesar de se manter actual a reforma da cooperação, tema que há dezassete anos abriu a primeira destas reuniões, vários analistas consideram que estas conferências não têm contribuído para a «resolução real» dos problemas, convertendo-se até numa espécie de «reuniões de família» entre a França e as suas ex-colónias.

Neste sentido parecem ir também as palavras de Omar Bongo, Presidente do Gabão, que, mesmo confirmando a sua presença na reunião, exprimiu o desejo de que ela fosse uma «cimeira da verdade». Explícito nos termos, Bongo exige ainda que a França anule a dívida externa de países de rendimento médio, como o Gabão, o Senegal ou o Congo, tal como aconteceu com os Países Menos Avançados (PMA).

Redacção «DL»/Lusa

PAICV reafirma opção multipartidária

O primeiro-ministro cabo-verdiano Pedro Pires reafirmou ontem o empenho do PAICV, o partido no Poder, em «confirmar pelo voto» a sua «legitimidade histórica». Pedro Pires, no seu discurso de encerramento do Conselho Nacional do partido, referia-se às actuais reformas políticas em curso no país, encetadas depois da decisão do Governo, em Fevereiro, de adoptar um regime pluripartidário.

«Ao anti-imperialismo verbalista opusemos o realismo de um país pequeno, e à luta de classes preferimos a política de unidade nacional» - afirmou Pedro Pires.

O Conselho Nacional do PAICV encerrou os seus trabalhos numa altura em que o recém criado «Movimento para a Democracia», liderado pelo deputado Carlos Veiga, tem promovido comícios bastante concorridos na cidade da Praia e no Mindelo, os dois principais centros urbanos do país.

A oposição defende que uma «revisão mínima» da Constituição devia ser feita imediatamente e que as eleições legislativas deveriam anteceder as presidenciais.

Redacção «DL»/Lusa

Descoberta de vala comum embaraça as autoridades chilenas

Pinochet escondido «com rabo de fora»

A recente descoberta de uma vala comum com 21 cadáveres, numa localidade chilena onde se sabia existir um campo de concentração e tortura do regime de Pinochet, mergulhou novamente esse país num clima de tensão e inquietação política. Encontrada na zona de Pisagua, cerca 2000 km a norte da capital chilena, a vala continha os corpos perfeitamente reconhecíveis (devido ao clima desértico dessa região que os manteve semi-mumificados) de antigos opositores ao regime de Pinochet, na sua maioria militantes do Partido Socialista Chileno ou do Partido Comunista.

Naturalmente, o facto foi de alguma maneira e a seu tempo denunciado pelos familiares das vítimas ou pelas organizações políticas que combatiam o regime. Mas, hoje, torna-se, no mínimo, delicada a tomada de posição das autoridades sobre esta descoberta, já que o Partido Democrata Cristão, a que pertencia e pertence o actual Presidente chileno, fazia parte do Governo de Pinochet, tendo mesmo chegado a apoiá-lo no golpe de estado que derrubou Allende. Para mais o Partido Socialista, que apesar de muito dividido poderia vir a defender os seus mortos, faz parte do actual Governo presidido por um democrata cristão.

Mas os consensos geram destas situações dramáticas.

Agora, o verdadeiro problema que se coloca é o das forças armadas que sem sombra de dúvida foram as responsáveis por esse nojento crime. Para já, o dirigente máximo do actual P.S. acusou directamente Pinochet dos crimes cometidos durante a sua presidência.

Assim, com estes dados que não constituem novidade, mas que confirmam mais uma vez a tragédia que enlutou todo um país, a situação torna-se pelo menos perigosa.

Não esquecendo as palavras de Pinochet, que não falou em vão quando disse «Não deixarei que ninguém toque nos meus homens, seja qual for o pretexto», é preciso também não esquecer que no Chile a caminho da democracia actua um grupo guerrilheiro que tem como objectivo político-ideológico acabar de vez com o possível regresso de uma ditadura. Um grupo de guerrilheiros que não acredita no perdão para os criminosos e muito menos no que eles chamam «legalidade burguesa».

Para Alwyn o caminho não é fácil.

O Chile estará mesmo a caminho da democracia?

André Martin

GINCANAS CULTURAIS
LISBOA 90

MIL JOVENS PERCORREM OS BAIRROS DE LISBOA
À DESCOBERTA DO SEU PATRIMÓNIO

10 TURMAS VÃO AGORA DISPUTAR AS FINAIS
NO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS A 18 E 19 DE JUNHO

PATROCÍNIO TOTTA Júnior

E

lisgráfica — ARTES GRÁFICAS, S.A.

CONCESSIONÁRIOS PEPSI

REVISTA SUPER 000

AMBAR* CENOURA* CONTÉ* DESABROCHAR* EDIÇÕES ASA* EDIÇÕES 70* EDINTER* EDITORIAL VERBO* FILMES LUSOMUNDO* GORILA* HOTEL PLAZA* INDÚSTRIA LEVER PORTUGUESA LDA.* MILUPA* NACIONAL* UNICER* YOPLAIT* AGFA* BERTRAND EDITORA*.

FUNDAÇÃO GULBENKIAN
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
GOVERNO CIVIL DE LISBOA

ORGANIZAÇÃO:

Centro Nacional de Cultura

com

DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

TERÇA-FEIRA, 19 JUNHO 1990

QUOTIDIANO

BREVES

Avaria em comboio atrasa dezoito composições

Uma avaria no sistema de transmissões dum comboio de passageiros, ocorrida esta manhã na estação de Alhandra, provocou atrasos de 15 a 40 minutos em dezoito outros comboios, em circulação na Linha do Norte. O rápido puxado pela máquina nº 92.442, vinha do Porto e ficou parada em Alhandra, entre as 6.20 e as 7.24 horas, afectando a circulação dos comboios já prejudicada pela greve dos maquinistas que hoje se efectua segundo o programa iniciado dia 15.

Postos móveis para bilhetes de identidade

O Ministério da Justiça criou cinco postos móveis para emissão ou alteração do bilhete de identidade, que funcionarão em Lisboa de 25 de Junho a 29 de Setembro. Os postos a instalar nas zonas do Areeiro, Amoreiras, Cais do Sodré, Colégio Militar e Feira Popular, estarão abertos todos os dias úteis das nove às 19 horas e aos sábados das nove às 13. Esta medida, que se insere na campanha «Cidadão Justiça», visa atenuar a sobrecarga de serviço que se verifica na época de Verão no Arquivo de Identificação.

Pedro Alvim de luto

Margarida Conceição Portela Melo Alvim, mãe do nosso camarada de Redacção Pedro Alvim, faleceu esta manhã, aos 85 anos. O corpo encontra-se na Igreja de Sintra e daí partirá para o Porto, onde será sepultado. Ao Pedro, e à família enlutada, o «DL» apresenta as suas mais sentidas condolências.

Lotaria Popular

1º - 233727	3 000 000$00
2º - 195120	750 000$00
3º - 307145	500 000$00
4º - 306803	250 000$00
Terminações em 3727	85 000$00
Terminações em 727	60 000$00
Terminações em 120	15 000$00
Terminações em 145	4 000$00
Terminações em 803	1 500$00
Terminações em 44,60,64,78,80 e 91	500$00

I FORUM DO DIREITO SOCIAL E DO TRABALHO

6.ª 22 — de Junho
Sáb. 23 — de Junho

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

AV. BRASIL — LISBOA

Temas: O DST na formação dos Juristas e Gestores.
O DST e as relações de trabalho, no sector empresarial do Estado.
O DST e a Constituição da República.
O Direito do trabalho e o Processo de trabalho.
O DST e a CEE.

Conferência: Subordinada ao tema passado, presente e futuro do Direito de trabalho na Europa Comunitária.

Com intervenção das seguintes personalidades:
Dr. A. Garcia Pereira — Adv. e Assist. no ISEG
Dr. João Abrantes — Jurista e Assist. na FDL;
Dr. Joaquim Damas — Adv. Assist. na Universidade Internacional.
Dr. João Correia — Adv. Sindical; Dr. Vítor Ribeiro — Procurador da República e Docente do CEJ.
Dr. José Acácio Lourenço — Adv.; Dr. Rodrigues da Silva — Juiz Desembargador do Tribunal da Relação; Prof. Monteiro Fernandes, Jurista e Prof. convidado do ISCTE; Prof. Jorge Miranda, Prof. Catedrático da F.D.L. e da Universidade Católica; Dr. Barros Moura — Jurista e Deputado Europeu e Prof. Luís Henrique de la Villa — (Catedrático da Universidade de Madrid)

Contactos e inscrições para:
A. Garcia Pereira
Rua da Boavista, 102-1.º Dt.º — 1200 LISBOA
Tefef.: 3465287 - 373102

Aludindo à situação portuguesa, o líder da UGT afirmou em Genève que a liberdade sindical é frequentemente posta em causa e ignorado o direito à negociação colectiva

Torres Couto na OIT denuncia infracções

O trabalho infantil e os atropelos aos direitos dos trabalhadores praticados em Portugal por alguns políticos e empresários adeptos do «liberalismo selvagem» foram ontem denunciados na OIT por Torres Couto.

As «profundas desigualdades e a inobservância de alguns direitos e liberdades» que ainda subsistem em Portugal foram a tónica dominante do discurso do secretário-geral da UGT, que iniciou a sua intervenção na OIT congratulando-se com os passos dados no caminho da paz que permitiram chegar à presente conferência «beneficiando de um clima nas relações internacionais que nos enche de justificado optimismo».

«As instituições democráticas funcionam, a economia portuguesa tenm crescido e tem-se modernizado, o diálogo social dá os primeiros passos», afirmou o secretário-geral da UGT para depois enunciar os atentados que se verificam aos direitos dos trabalhadores: «A liberdade sindical é posta em causa, o direito à negociação colectiva ignorado e muitas vezes penalisado o seu exercício por parte de empresários sem uma visão moderna e democrática, não hesitando, alguns, em recorrer à exploração do trabalho infantil».

Falando em nome dos trabalhadores portugueses, Torres Couto lançou críticas a políticos e empresários: «Assiste-se a uma tentativa de desregulação social do mercado de trabalho, fustigado por alguns responsáveis políticos e empresariais, militantes activos do liberalismo selvagem».

Torres Couto denuncia «liberalismo selvagem»

A precaridade de emprego e as insuficiências do tecido e protecção social portuguesa, «que penalisam nomeadamente os jovens, as mulheres, os pensionistas e reformados» foram outros factores denunciados por Torrres Couto.

«O Portugal comunitário está longe de ter encontrado respostas satisfatórias aos problemas e expectativas do conjunto da sua população», concluiu o representante dos trabalhadores portugueses na OIT que deixou, no entanto, uma palavra de optimismo: «Através da cooperação e solidariedade política e económica com os países da CEE e do reforço do diálogo entre os agentes políticos, económicos e sociais vamos ser capazes, estou certo, de aprofundarmos a democracia e aproximarmo-nos dos países mais desenvolvidos da Europa».

Referindo-se aos recentes acontecimentos internacionais, Torres Couto congratulou-se com «os resultados da última cimeira entre os presidentes Bush e Gorbachev» e enalteceu «a coragem e grande visão política» do presidente soviético, que através da Perestroika permitiu «que caissem muros que a todos nos envergonhavam, abrindo-se caminho à democratização em curso nos países do Leste Europeu e à eminente reunificação alemã».

Em Portugal, a UGT reagiu aos dados do INE relativos à inflação em Maio, considerando «preocupante a evolução da taxa de inflação» que, «a não ser travada, pode pôr em causa a integração de Portugal no sistema monetário europeu». Torna-se indispensável um acréscimo dos salários nominais, afirma a central, acrescentando que neste contexto «ganha mais oportunidade a celebração do Pacto de Progresso Participado e Partilhado» que propôs.

Operadores da RTP ganham batalha

Os operadores de video da RTP viram ontem satisfeitas as suas reivindicações, numa reunião realizada entre o Sindicatio dos Jornalistas e o Conselho de Gerência da empresa. O processo de luta travado -- greve durante um mês às horas extraordinárias -- assentou em três pontos reivindicativos: integração imediata na carreira dos jornalistas, atribuição de um seguro de vida em situações de perigo e subsídio de incomodidade e risco.

Os 21 trabalhadores daquele sector cumpriram a 100 por cento a greve às horas extraordinárias e preparavam-se para iniciar, ontem, greves parcelares. No entanto, esta forma de luta foi suspensa, para se realizar uma reunião entre Sindicato dos Jornalistas e Conselho de Gerência. Com efeito, os responsáveis da RTP comunicaram que não negociavam enquanto os operadores estivessem em greve. Neste encontro, as partes chegaram a acordo.

Segundo disse ao DL Guilherme Lima, operador de video, «não há razões para triunfalismos». E explica porquê: «Era uma situação a que nós tínhamos direito e era quase surrealista o que nos estava a acontecer».

Recorde-se que os operadores de video possuiam carteira de jornalista, não estando, no entanto, integrados naquela carreira profissional. Em relação ao seguro de vida, definiu-se, ontem, o que se consideravam situações de alta perigosidade – quando viajam em veículos militares ou em motorizadas, como acontece na Volta a Portugal em Bicicleta. Estando estas, agora, abrangidas por um seguro especial.

Foi, ainda, atribuído um subsídio de incomodidade e risco, de 250 mil escudos, ao trabalho realizado até aqui. Já que, a partir de agora, os operadores de video passam a ter os mesmos direitos e deveres que os jornalistas, não se justificando portanto um subsídio particular.

Acrescente-se que a direcção do Sindicato dos Jornalistas, acompanhada por operadores de câmera, jornalistas da RTP pagos a *cachet*, e jornalistas ameaçados de despedimento reuniram-se, ontem, com o provedor de Justiça a quem fizeram uma exposição dos procedimentos de que têm sido alvo por parte da RTP e que traduzem, na sua perspectiva, uma limitação inadmissível dos seus direitos.

Processo Taveira conhece veredicto

À hora de fecho desta edição estava a ser lida, no Tribunal da Boa Hora, a sentença do processo movido pelo arquitecto Tomás Taveira ao editor da revista «Semana Ilustrada», André Neves, na sequência da publicação de fotos de uma cassete com as suas actividades sexuais.

No processo judicial movido contra o director daquela publicação, por alegado abuso de liberdade de imprensa, Tomás Taveira exigia uma indemnização de 225 mil contos. O julgamento do caso, que se iniciou a 7 de Março e decorreu à porta fechada, levou a uma pesquisa por parte do colectivo, nomeadamente de literatura estrangeira sobre o tratamento de situações idênticas. Por esse motivo, a presidente do colectivo, Margarida Belo Redondo, «prometeu» um acordão acompanhado de uma reflexão jurídica sobre a decisão.

O processo, praticamente inédito em Portugal, gerou polémica nos meios sociais, políticos e jurídicos, sendo motivo de análises e reflexões sobre a liberdade de imprensa e o direito de informar conjungados com a eventual reserva da vida privada de figuras públicas. Pelo tribunal passaram várias personalidades, testemunhas indicadas pelo queixoso e pelo réu. Algumas não compareceram como Miguel Cadilhe e Leonor Beleza, escudando-se na imunidade parlamentar.

A divulgação de aspectos da vida íntima de Taveira terá provocado, segundo testemunhos de amigo, desequilíbrio na sua vida familiar, bem como uma quebra da sua criatividade. A acusação do Ministério Público baseou-se numa queixa crime apresentada pelo arquitecto no inicio de Outubro, nas vésperas da publicação de uma segunda reportagem fotográfica que a revista de André Neves tinha preparada, mas que acabou por ser apreendida na sequência da interposição da referida acção judicial.

Entretanto, Tomás Taveira é alvo de investigações sobre alegadas fugas ao fisco e aguarda a execução da penhora sobre bens da sua empresa por não ter pago 18 mil contos de IVA. Outro processo relativamente a facturas falsas da empresa do arquitecto, que envolvem 145 mil contos recebidos do Ministério da Saúde, continua em investigação.

QUOTIDIANO

O futuro da Avenida da Liberdade constituiu o tema do primeiro debate «Forum Lisboa», promovido pela actual administração camarária, e presidido pelo próprio Jorge Sampaio

Não botem abaixo a Av. da Liberdade

Discutir fachadas ou discutir um sítio para estar ou para viver - foi um pouco o dilema ontem vivido no primeiro Forum Lisboa, promovido pela presidência da Câmara Municipal, e que teve como tema o futuro da avenida da Liberdade, uma espécie de emblema da capital e, talvez por isso mesmo, escolhido como primeiro assunto deste debate inaugural.

Que o tema não se limita à discussão de estilos arquitectónicos, que é necessário encontrar uma vocação para a avenida, que é necessário encará-la e revitalizá-la como um sítio para os lisboetas e visitantes usufruírem, que um tal plano não se circunscreve ao eixo principal e se articula com todas zonas envolventes, nomeadamente as encostas marginais, foi a primeira pedra lançada para o debate pelo arq. Gonçalo Ribeiro Telles.

Que a salvação da avenida passa por deter o bota-abaixo da demolição que se prepara para muitos edifícios adquiridos por grandes investidores imobiliários estrangeiros, foi consenso quase unânime, com excepção de alguns arquitectos que vêem nos grandes investimentos imobiliários uma forma de modernização e renovação urbanística, certamente não muito desinteressada. Esta a tese, por exemplo de Pedro Brandão, dirigente da Associação Portuguesa de Arquitectos, para quem a cidade se salva pelos grandes investimentos e as teses da reabilitação constituem a flor venenosa da nostalgia.

E foi de um conceituado arquitecto estrangeiro, o italiano Gregotti, que veio a voz sensata que pôs água na fervura das discussões estéticas, quando afirmou que o património arquitectónico da avenida da Liberdade não vale por cada edifício de per si, mas pelo valor histórico e estilístico do conjunto. E citou e incitou os vereadores lisboetas a seguir o exemplo da sua cidade de Turim que, relativamente a uma avenida menos emblemática do que a nossa, decidiu travar as demolições e incentivar a recuperação. E argumentou que a recuperação é mais económica e comercialmente vantajosa, porque os centros históricos ganham um prestígio que atrai visitantes e rentabiliza os investimentos.

Que usos e que funções para a avenida? Que relação com a habitação? Que coeficientes de utilização do solo? Predominantemente, renovar ou reabilitar os edifícios? Que relação com o Parque Mayer? - foram algumas das interrogações lançadas e deixadas sem resposta pelo eng. Fonseca Ferreira, director do gabinete de Planeamento Estratégico da C.M.L..

Quanto às funções, elas têm uma função económica e uma função cívica. Quanto à primeira, a vereação parece defender um terciário de qualidade e o incentivo à instalação de equipamentos hoteleiros, serviços de restaurante e comèrcio de rés do chão, deixando a ocupação residencial para os quarteirões envolventes. Quanto à segunda, fala-se, em termos vagos, de requalificar o espaço público, dando novo

É preciso encontrar uma vocação para a via que cosntitui uma espécie de emblema da capital

ordenamento funcional e ambiental aos espaços livres. Não pareceu haver muitas ideias concretas nesta área, embora houvesse quem defendesse uma animação interior dos quarteirões, o estabeleciemnto de caminhos pedonais pelas encostas, uma melhor ligação aos espaços do Rossio e da Praça da Figueira, uma menor densidade de tráfego, de modo a que a avenida volte a ser um espaço de passeio.

Várias vozes se manifestaram contra um excesso de crescimento do terciário, sobretudo o de escritórios, porque tal arrastaria a uma desertificação nocturna, a uma densificação de tráfego. O Prof. Costa Lobo, em mero exercício teórico, disse que, se todos os edifícios da avenida, em dez pisos e com 20 metros de profundidade, fossem ocupados em terciário, albergariam cerca de 40 mil postos de trabalho, um número assustador. Quanto à dilemática questão do renovar-reabilitar, a administração camarária deixou dito que se vai orientar predominantemente pela reabilitação dos 70 edifícios que ainda se encontram ocupados ou devolutos à espera de autorização para demolição. E com isto se espera venha a ser posto um travão no bota-baixo e nas expectativas dos grandes especuladores imobiliários estrangeiros que têm estado a comprar edifícios naquela zona.

Há quem confie no chamado «urbanismo negociado», que consistiria em convencer tais investidores a fazer obra de reabilitação de qualidade. Que tais propostas de negociação tenham saído da boca de assessores camarários pode ser preocupante. Veremos.

De Marcelo Rebelo de Sousa, voz da oposição à maioria no poder municipal, se ouviu a preocupação de estarem a avançar certos projectos concretos que podem inutilizar todas as boas intenções anunciadas e o debate que sobre elas se estava a fazer. Embora opinando que o bom urbanismo não é incompatível com o investimento, mostrou-se em desacordo com um desenvolvimento desordenado do terciário na avenida.

O eng. Nunes da Silva falou de incapacidade técnica para reabilitar edifícios, afirmando que a tradição do bota-abaixo tem raízes nessa incapacidade, porque os arquitectos não sabem reabilitar e preferem defender o seu prestígio em obras novas, e os engenheiros perderam o saber de velhas técnicas e só sabem fazer tudo em betão armado. Por isso para eles modernizar tem sido sempre destruir.

Deste assessor camarário se ouviu a afirmação de que o preço que tem estado a ser pago por terrenos e edifícios não é, em termos portugueses, recuperável em termos de remuneração do capital investido. Perante tais investimentos, com ávida vontade de recuperar capitais, como vai a administração camarária aplicar a sua promessa de «política de reabilitação urbana, que permita o mais possível a salvaguarda da imagem e do património edificado da avenida»? Eis uma questão que fica em aberto e, por isso, também se falou ontem da necessidade de coragem política.

A.C.

À MARGEM

O arquitecturado

A administração camarária de Jorge Sampaio começou ontem a cumprir a sua promessa de democracia urbana com o primeiro «Forum Cidade», dedicado a um problema parcelar da gestão urbanística da cidade de Lisboa, o da avenida da Liberdade. Parcelar mas emblemático porque sempre constituiu uma das zonas mais paradigmáticas da capital, uma das suas memórias mais cativas no imaginário do alfacinha.

Foi ainda um debate limitado, por convite, que reuniu cerca de uma centena de técnicos de vários misteres, de certo modo dominado por uma classe crescentemente influente, a dos arquitectos. Para usar a terminologia de um deles, os arquitectos hoje com o lápis já não ao serviço do Rei ou dos senhores feudais ou renascentistas, de qualquer modo protectores das artes, nem ao moderno poder político, têm muitos deles as suas oficinas ao serviço do poder económico dos grandes investidores imobiliários e deixam os seus recados ao poder político autárquico. Exercem o poder do que chamaria o arquitecturado. Ouvimo-los ontem dizer que o futuro da cidade está na mão dos grandes investidores, falam de projectos, já não de experiências urbanísticas, da nova cidade, mas de dinheiro.

Foi pena não ouvirmos os administradores das freguesias, os técnicos do social, as assistentes, os psicólogos, para ouvirmos falar de pessoas e dos seus problemas, e não só de volumes, de estéticas, de negócios. Esperemos que esta magnífica promessa de participação da nova administração camarária dê mais frutos. O eng. Fonseca Ferreira, um dos principais acessores de Sampaio, prometeu outros debates mais alargados, talvez sobre o destino de bairros, de jardins, quem sabe? Debates que não se fiquem pelo salão de um grande hotel. Esperemos. Pelo menos o destino da cidade já está na praça pública.

Do debate de ontem sobraram algumas ideias que parecem coincindir, mais ou menos, com as preocupações da vereação no poder: tem de cessar o bota-abaixo na avenida; ela vale pelo seu conjunto e não devem ser demolidos mais edifícios para serem substituídos por outros que nada têm a ver com o equilibrio da zona; o plano não deve circunscrever-se ao eixo da avenida, mas ser articulado com todas as zonas envolventes, nomeadamente as duas encostas e o parque Eduardo VII; o eixo viário já atingiu o ponto de saturação de tráfego e é necessário aliviá-lo, o que não será possível com uma grande concentração de terciário.

Adelino Cardoso

Novo «Projecto Vida»

Governo sensibiliza sociedade contra a droga

Cursos gratuitos de cinco dias, dedicados a jovens dos 14 aos 23 anos, que integram o programa Jovem a Jovem, constituem uma das apostas fortes da política governamental para a prevenção e combate da toxicodependência, nos próximos dois anos. A intenção foi manifestada pelo ministro adjunto e da Juventude, Couto dos Santos, que, juntamente com os membros da comissão interministerial criada na sequência da renovação do «Projecto Vida» delineou, ontem, perante jornalistas, as estratégias para o corrente ano e para 1991.

O «Projecto Vida» pretende sensibilizar a sociedade civil para o combate à droga, em especial no que respeita à prevenção primária, fazendo chegar, a todos, o máximo de informação. A verba anunciada monta a um milhão e meio de contos que serão repartidos pelos diversos ministérios. O apelo à sociedade civil constitui, aliás, juntamente com o maior empenho governamental e uma centralização do combate na prevenção do consumo, uma das três vertentes do actual programa apresentado ontem pelo ministro. Segundo este, as grandes áreas de actuação são informar e sensibilizar, educar e formar, encontrar novas formas de ocupação dos tempos livres dos jovens, humanizar os atendimentos nos centros de recuperação e aumentar o combate ao tráfico.

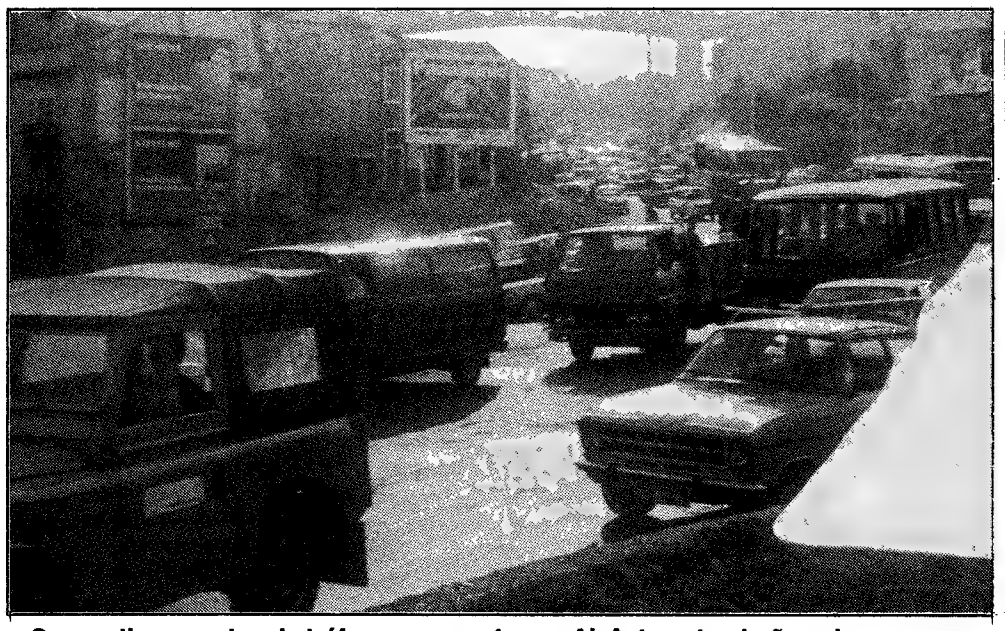
O ministro da Juventude mostrou-se preocupado com a existência de cerca de três milhões de crianças e jovens potenciais consumidores, acrescentando que vai ser lançado, no ano escolar de 1990/91, um grande programa de informação nas escolas para sensibilizar alunos e professores. A par do programa Jovem a Jovem, surge também o programa Pais a Pais, dedicado essencialmente a encarregados de educação.

Couto dos Santos garantiu o investimento, por parte do Governo, na preparação de pessoal técnico capaz de dar resposta a todas as solicitações que os serviços mais especializados ainda não cobrem. Referiu, a propósito, que o «Estado não tem que substituir a sociedade civil quando esta desempenha tão bem ou melhor esse papel».

Actualmente, o combate clínico e social à droga está distribuído, a nível privado, por 25 organizações não governamentais, algumas das quais são instituições particulares de solidariedade social (IPSS) que se limitam a cobrir os principais pólos de consumo no país.

O alargamento da rede de centros de atendimento e tratamento de toxicodependentes bem como a sua humanização e uma legislação menos permissiva e mais actuante na condenação judicial e social do traficante, foram outras medidas que o ministro da Juventude e a comissão interministerial consideraram de urgente aplicação.

E. T.



Congestionamentos de tráfego como este, em Alcântara, tenderão a desaparecer com a construção da passagem desnivelada naquele local

As entradas pelo Campo Grande e Avenida de Berna e as saídas por Alcântara vão ser facilitadas através de obras que poderão estar concluídas dentro de um ano

Câmara de Lisboa propõe passagens desniveladas

O pelouro do trânsito da Câmara Municipal de Lisboa apresentará na próxima reunião extraordinária, marcada para a manhã de amanhã, duas propostas estruturantes. A primeira, a apresentar por Machado Rodrigues, destina-se ao lançamento de um concurso internacional de concepção e construção para a execução de uma passagem desnivelada (subterrânea) nos cruzamentos da Avenida da República com as avenidas de Berna, Júlio Diniz e António Serpa. As duas últimas vias serão, consequentemente, prolongadas na direcção do Campo Pequeno.

A segunda proposta aponta para o lançamento de um concurso internacional destinado à concepção e construção das obras de rebaixamento de parte da Avenida de Ceuta, numa extensão aproximada de 675 metros. As passagens desniveladas nesta área localizam-se na Rotunda de Alcântara e na Avenida 24 de Julho.

Segundo o vereador Machado Rodrigues, estas passagens -- que vão tornar mais fácil a entrada em Lisboa pela Avenida de Berna e pelo Campo Grande e a saída por Alcântara -- deverão estar concluídas dentro de pouco mais de um ano.

O vereador do pelouro do Trânsito levará ainda à sessão extraordinária uma proposta para o lançamento de um concurso público do projecto de prolongamento da Avenida de Ceuta entre o Nó da Buraca e a Avenida Gulbenkian , no Nó de Campolide. Trata-se de uma via que dará continuidade à Avenida de Ceuta, apanhando o sopé de Monsanto e desenvolvendo-se paralelamente à Rua Conde de Almoster.

Da agenda de trabalhos consta ainda o lançamento de concursos para a construção e reconstrução de arruamentos e recarga de pavimentos. Deverá ser também apreciado e votado o relatório de actividades e contas da gerência de 1989.

Na sessão ordinária, que decorrerá já da parte da tarde, a vereação analisará uma proposta de lançamento de mais concursos públicos relacionados com o trânsito.

Um, para as novas instalações necessárias às alterações do sistema de semáforos e outro, para a conservação de equipamentos de control automático do trânsito em Lisboa.

Redacção «DL»/Lusa

Oeiras investiga impacto ambiental

A Câmara de Oeiras vai promover um estudo sobre o impacto da actividade industrial no meio ambiente. Segundo disse ao DL o engenheiro Julião de Melo, da Divisão de Planeamento da edilidade, não existem problemas graves de poluição no concelho. «O que achamos é que o ambiente não deve só ser tratado quando há catástrofes. É preciso tratá-lo de uma forma preventiva», acrescentou.

Existem «situações problemáticas de fundo, como a despoluição das ribeiras, das praias e do estuário e um ou outro caso de empresas que têm tido algumas queixas da população», referiu aquele técnico. Acrescentou: «Não sendo casos de gravidade, há necessidade de se fazer um levantamento dos efeitos da actividade industrial em Oeiras. Na sequência deste estudo surgirão acções de recuperação e correcção».

Assim, pretende-se caracterizar, entre outros, os processos tecnológicos de fabrico, as matérias-primas usadas, os níveis de produção e o consumo de combustíveis , os efluentes e seu destino final.

O estudo é realizado com a colaboração da Comissão Coordenadora da Região de Lisboa e Vale do Tejo e dos Centros de Saúde de Oeiras e Carnaxide.

Os trabalhos desenrolam-se em duas fases, a concluir dentro de um ano. Na primeira, serão inquiridas as indústrias de grande dimensão e, na segunda fase, o questionário será aplicado nas de pequena exploração.

Esta acção surge na sequência de um inquérito à actividade industrial realizado pela Câmara de Oeiras, em 1987. Na altura foram registadas cerca de 300 unidades industriais.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR
DE TECNOLOGIA DE TOMAR

Avisam-se os interessados que foi para publicação no «Diário da República» um Edital para abertura de concurso para um Assistente na área de Tecnologia Mecânica e dos Materiais do Curso de Celulose e Papel.

O local de trabalho será nas instalações da Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

O vencimento é o correspondente ao índice 90 a que se refere o anexo 2 ao Decreto-Lei 408/89 e o serviço a prestar será em regime de contrato administrativo de provimento.

São condições para a candidatura ter Licenciatura em Física ou Engenharia Mecânica, com classificação final mínima de bom, ou inferior, desde que disponham de «curriculum» científico ou técnico-profissional relevante.

A COMISSÃO INSTALADORA

Já está aí o Verão, mas é preciso esperar pelo sol

O Verão começa amanhã com a má cara (ou a cara dúbia) com que o tempo se tem apresentado nas últimas semanas. Vai-se a Primavera (que, etimologicamente, quer dizer apenas o primeiro Verão) e deveriam chegar os dias calmosos de céu sempre azul e sol de rachar as pedras. Ainda lá não chegámos, que isto do tempo meteorológico há muito que anda na maior das barafundas, para não destoar das actividades dos homens.

Por esta altura, saltam-se fogueiras e as pessoas passam sob arcos enfeitados. Actividades propiciatórias, que fazem com que os pecados e os problemas sejam queimados pelas chamas ou arrancados pelos arcos. Mas é apenas um vago recomeço de vida, que nada tem a ver com a exuberância mítica e cosmológica do Natal ou da Páscoa.

A partir de amanhã, os dias começam a decrescer e é a anunciada, embora prematura, morte do sol. Precisamente o contrário do que sucede no Natal, a partir do qual, cada dia que passa, o sol ganha mais uns minutos sobre as trevas: a melhor das alturas para o nascimento de um Deus; ou da Páscoa, quando as sementes começam a germinar e a vida se renova sobre a terra e deus pode renascer das próprias cinzas.

Agora, é já o anúncio das colheitas, dos frutos maduros que não tardarão a apodrecer, inexoravelmente. Mas esta é apenas a visão da moribunda sociedade agrícola, que cada dia mais vamos perdendo.

O mundo do consumo e dos lazeres do nosso tempo elegeu o Verão como a estação privilegiada: as praias, a pele tisnada, as férias supostamente retemperadoras.

Com os perigos do cancro da pele, da nafta abandonada no areal, dos fungos, do pé de atleta, das exasperantes «bichas» nas estradas e nas portagens. Mas que cada um se divirta como pode, ou como imagina que se pode divertir...

QUOTIDIANO

Roupa em segunda mão: os estilos e as vontades

Não é nostalgia, embora o revivalismo não seja estranho ao fenómeno

Acaba de cumprir essa invejável idade em que, segundo dizem, o género humano atinge a sua plenitude: os 30 anos. Pertence à época em que surgiu o Austin Mini, carro jeitoso mas nada propício ao natural evoluir dos impulsos amorosos. Em suma, não dava jeito para namorar. Talvez tivesse cingido o corpo de uma rapariga rebelde que, na intimidade do seu quarto, sonhasse com James Dean. Agora o vestido, é disso que falo, está pendurado numa loja do Bairro Alto, especializada na venda de roupa em segunda mão. Ali, perdido no meio de outras peças de vestuário *retro*, aguarda quem o compre.

Sem dúvida que há clientela para este género de peças que, apesar de antigas, não passaram de moda, antes pelo contrário constituem agora, na maré dos revivalismos, objectos de culto. As décadas que exercem maior fascínio são as de cinquenta e sessenta, pois a procura do estilo romântico, tão cobiçado nos anos 70, regista uma quebra acentuada.

Quando, em 1977, Fernanda Reis resolveu abrir a loja «Demodé», aquele tipo de roupa fazia furor, tinha os seus adeptos incondicionais. «Eu própria me cansei das cambraias e das rendinhas que, nesta altura, considero mais adequadas a um contexto interior, ao destino de *lingerie*. Efectivamente, observa-se uma viragem estética, hoje valoriza-se uma certa austeridade de linhas».

Ao apostar em dois projectos distintos, ela joga em dois tabuleiros, o que se traduz numa estratégia comercial acertada.

A «Demodé», no Centro Comercial das Amoreiras, propõe um determinado artigo que não resulta em «El Dourado», loja integrada no contexto do Bairro Alto e com uma clientela que abrange publicitários, fotógrafos, manequins, músicos, estudantes das Belas Artes e do Conservatório, bancários, donos de restaurantes e bares. «Trata-se de gente que liga essencialmente à qualidade do tecido, não querem saber de épocas, embora apareçam alguns fanáticos dos anos cinquenta».

Uma clientela esquisita

Fernanda Reis revela-se exigente com os seus fornecedores e também bastante careira, de facto pratica os preços mais altos do mercado. «A clientela portuguesa é muito esquisita, basta descobrir uma nódoa na peça para logo a devolver. Sou obrigada a vender caro porque compro do melhor, tento arranjar coisas em bom estado de conservação e com alguma actualidade. Ainda na semana passada comprei uma série de gravatas que parecem pinturas, isto não me impede de adquirir, no mês seguinte, o mesmo artigo mas com outro estilo. Não privilegio apenas um estilo, só exijo que a peça tenha estilo suficiente. Actualmente, a moda submete-se a um toque pessoal, as pessoas já não se vestem, de alto a baixo, anos trinta ou quarenta. Não me sinto nada nostálgica, estou muito satisfeita com a minha clientela que é criativa e criteriosa».

Cada vez se torna mais difícil manter as lojas recheadas com roupa de qualidade. Onde ir buscá-la? Eis o cerne da questão. A Feira da Ladra já não é o local indicado para se acharem peças de estilo, daí o recurso à importação. «Abasteço-me nos grossistas franceses que importam roupa directamente da Alemanha e dos Estados Unidos, mas desconfio que dentro de uns anos me vou ver grega. Mais vale mudar de ramo... se calhar terei de montar um *atelier*».

Atmosfera quase secreta

A campainha da porta produz um som inesperado, tão estridente que nos assusta. Madame Betencourt tem 65 anos de existência. Uma tabuleta no interior adverte: «Nesta casa não se aluga nem nunca se alugou». Assim, sem subtilezas de linguagem, ficam avisados os eventuais interessados no aluguer, e não se geram equívocos.

O esquema é o da venda à consignação, há quem coloque o artigo com um determinado preço, do qual Fernanda Gaião, a sucessora da senhora que fundou a casa, retira uma percentagem. Algumas peças desaparecem num instante, enquanto outras permanecem anos a fio nos expositores, servindo de alimento às traças, já imunes aos efeitos da naftalina. Vestidos, fatos de homem, *smokings*, trajes de noiva, malas, chapéus e adereços diversos não faltam.

«Dantes, em 1945, quando vim trabalhar com a madame, apareciam coisas mais bonitas. Ainda conservo clientes desse período áureo, senhoras de idade avançada... perto dos 80 anos. Sinto saudades do tempo em que se usavam os *chifons*, as organzas, os *satins*, os *sablés*, peças confeccionadas com um apuro próximo da alta costura. Lembro-me dos drapeados, redingotes, cortes princesa, feitios que se deixaram de fazer», conta.

Descendente de franceses, a madame Betencourt legou-lhe a casa e o negócio, cuja orientação continua inalterável. Porta fechada, uma atmosfera quase secreta, está igual, como se o tempo tivesse parado.

Compradores e vendedores raramente se cruzam até porque o lugar destes é do lado de fora do *guichet*, enquanto os primeiros sabem que alguém os conduzirá à sala de provas.

Tudo se processa de uma maneira discreta, talvez para evitar constrangimentos. Aliás, Fernanda Gaião faz gala em guardar segredo sobre a identidade das pessoas que recebe e as transacções que ocorrem na sua casa. «Tenho fregueses do teatro, não digo nomes, e também estranjeiros, sobretudo espanhóis, que se deslocam a Lisboa propositadamente para me comprarem roupa. De momento, a procura incide mais nas peças datadas dos anos 50. Refiro-me aos vestidos com muita roda, saias e casacos justos, sapatos bicudos e com salto prego. Todos os dias me entregam roupa e todos dias vendo».

Quando do 25 de Abril, verificou-se um nítido retraimento no aspecto de vendas, entretanto o negócio recuperou o vigor, os fornecedores voltaram e a clientela expandiu-se, abarcando uma classe etária mais jovem.

No princípio dos anos 80, durante a febre das "noites longas", uma juventude extremamente preocupada com a aparência, descobriu as vantagens da roupa em segunda mão.

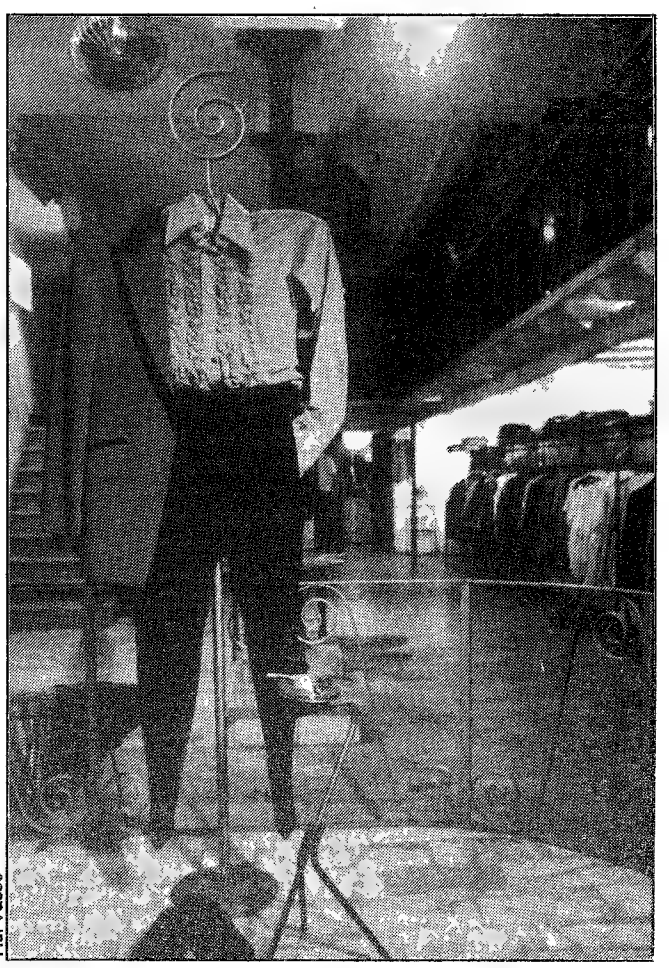
Sob o signo das cores neutras, consumia, em particular, indumentária negra e branca. Fixou-se, e dez anos depois corre atrás de outro género de peças. Curiosamente, entre a clientela de madame Betencourt, destacam-se os *travestis*, são os fregueses das estolas, dos vestidos de noiva e madrinha, da roupa vistosa com que se apresentam nos espectáculos de feição *gay*.

A meia dúzia de lojas dedicadas à venda de roupa usada, com que Lisboa conta, funcionam como qualquer comércio. Assemelham-se a grandes armazéns onde se pode encontrar de tudo, embora em pequenas quantidades.

Diferem apenas no modo como se estabelece uma espécie de cumplicidade entre vendedor e comprador. Muitas vezes confundem-se as funções, na medida em que o proprietário da mercadoria posta à venda também pode desempenhar o papel de comprador.

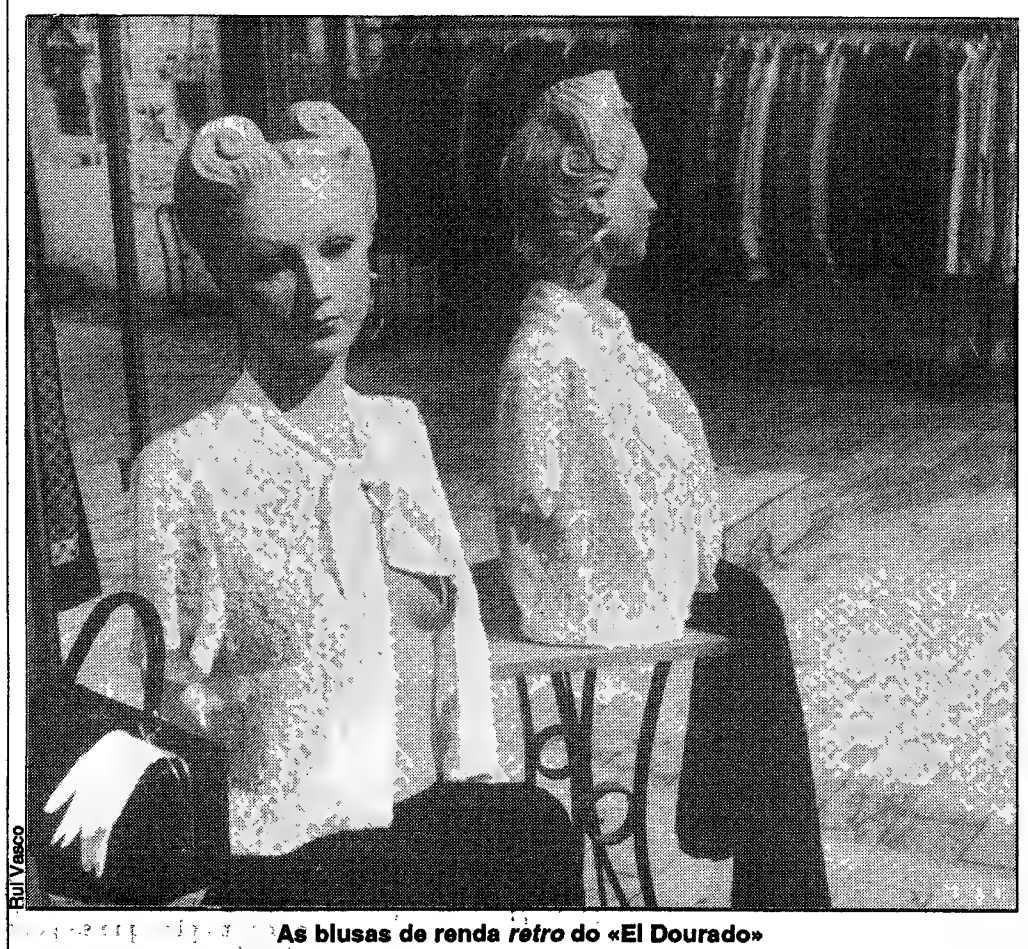
É, à partida, um cliente duplo, ao intermediário compete defenir a demarcação que se impõe.

Lourdes Féria



Rui Vasco

Indumentária «El Dourado» para homens desinibidos



Rui Vasco

As blusas de renda *retro* do «El Dourado»

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LOURES

ANÚNCIO

O doutor Guilherme Tires, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Loures.

Faz pelo presente anunciar que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Loures, correm seus termos uns autos de execução de sentença registados sob o n.º 150/88 em que são exequente Venceslau Melro Duarte Inácio e executado Gremetal — Montagens Industriais S.A., com sede em Casal de Feiteira, Bucelas, Loures, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Loures, 8 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
O Escrivão-Adjunto,
(assinatura ilegível)

«DL» 1.ª Pub. 19/6/90

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Portugal não é só Lisboa

Turismo de habitação, turismo rural e agro-turismo são três conceitos aplicados, actualmente, às zonas rurais do País.

Até há bem pouco tempo, dizia-se que Portugal era Lisboa e o resto era paisagem. Num mundo à parte estava o Algarve, que mais parecia ser estrangeiro que português. As belezas naturais que fazem parte deste País à beira-mar plantado, mas que, por azar (ou por sorte), se situam no Interior, foram esquecidas.

Muitos portugueses conhecem melhor a Europa que o seu próprio País. E quando vêem imagens do Gerês, da serra da Estrela, das Beiras, ou de Trás-os-Montes, perguntam se aquele vale, aquela montanha, aquela encosta verde são em Portugal.

Mas não são só estas imagens que os deixam admirados. Por vezes sentem-se surpreendidos ao saber que há estrangeiros que trocam o Algarve pela Covilhã, Lousã, Penacova. Então, querem descobrir esse País que desconhecem.

A procura começa a surgir e a oferta tem de corresponder. «O problema da procura é muito importante. Para isso a promoção da região tem de ser feita em conjunto. Não há aqui lugar para a separação. As verbas despendidas têm de ser trabalhadas por todos. Só ganhamos com isso», foi referido por um dos intervenientes no seminário sobre turismo realizado na região de Oliveira do Hospital.

Na verdade, a falta de informação e de promoção das zonas rurais tem sido a grande causa do seu fraco desenvolvimento turísitico, o que acentua a situação de interioridade. Porém, o mundo rural parece ter acordado agora, chegando à conclusão que o turismo não é só para alguns.

Ao debater ideias e reflectir sobre os problemas, Carlos Beja, membro do grupo ESTA-Gestão de Hóteis, disse que «para a boa qualidade do turismo no espaço rural considera-se relevante a formação profissional adaptada às actividades turísticas deste espaço. Não podemos cair no mesmo fenómeno em que o Algarve caiu e que se relaciona com o mercado paralelo e as camas clandestinas».

A anarquia turística é combatida por aqueles que estão empenhados em desenvolver o interior. Como disse João Matos da Silva, do Instituto Superior das Ciências, Trabalho e Emprego, «é necessário assegurar a complementariedade conservação/desenvolvimento turístico. Para isso, julga-se indispensável uma boa gestão de recursos com enfoque principal na interpretação e apresentação desta herança, por forma a garantir a sua continuidade. As atracções naturais e histórico-culturais (paisagem-cultura-património) devem ser garantidas a necessária continuidade entre passado, presente e futuro através de um duplo objectivo: melhorar a experiência dos visitantes e a conservação do património».

Falta de vontade política

Quando se discute a problemática do turismo, o seu desenvolvimento e promoção nas zonas rurais, surge invariavelmente a questão: da falta de verbas para criar condições afáveis e proporcionar bons tempos de lazer. «Muitas vezes não se trata da escassez de dinheiro para resolver os problemas, mas sim de vontade política. Quantas vezes já estive à espara de um simples 'sim' do Governo central para avançar com certas ideias. Acabava por ir concretizando-as e só depois de terminadas é que obtinha a resposta. Se estivesse à espera da resolução das altas autoridades, não tinha feito metade do que fiz até agora», afirmou César Oliveira, presidente da Câmara de Oliveira do Hospital.

A burocracia é, de facto, um grande obstáculo à concretização de projectos. Mas não é a única razão. Existe um sistema que impede um empenho total dos diversos especialistas nas zonas rurais do País. É difícil encontrar um médico, um engenheiro, um arquitecto, um professor que se queiram radicar em pequenas aldeias. Também há uma razão para esta atitude: é que estas pequenas localidades não oferecem condições, a vários níveis, para que as pessoas lá se estabeleçam. Então entramos num ciclo vicioso: por um lado as aldeias não oferecem condições para as pessoas se instalarem, por outro não há pessoas que desenvolvam as aldeias.

No aspecto turístico esta questão foi reconhecida no seminário realizado recentemente e por isso foi tomada uma atitude: no concelho de Oliveira do Hospital o turismo será desenvolvido, as pequenas aldeias irão ter as condições necessárias, se bem que exista consciência, por parte dos autarcas, do processo difícil para se atingir os objectivos pretendidos.

G.O.

O turismo constitui um importante factor de dinamização d
de algumas regiões. No entanto, o investimento naquele sect
o Interior do País, onde há falta de acessos e de outras estr
a qualidade do ambiente e a vontade dos homens po

Autarcas de Oliveira do tentam desfazer nó góro

O projecto turístico para os vales dos rios Alva e Alvoco defende a conservação das casas construídas em xisto

A defesa do património cultural, as questões ecológicas, as consequências de um turismo mal desenvolvido são algumas das preocupações que levaram a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital a realizar um seminário subordinado ao tema «Turismo e património nos vales do Alva e do Alvoco».

Afluentes do Mondego, os rios Alva e Alvoco banham algumas vilas e aldeias da Beira Litoral. Avô, Ponte das Três Entradas, Aldeia das Dez, Aldeia do Piódão, Coja e São Gião são algumas das localidades que registam ainda vestigios da ruralidade existentes no País.

César Oliveira, historiador e presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, disse ao «DL» que «gostaria que esta região fosse um exemplo do turismo integrado na Natureza. Sofremos o problema da interioridade. As apostas financeiras voltam-se, ger-

Alvoco das Várzeas é uma das aldeias da Beira Litoral que, como tantas outras, sofre as consequências da interioridade. Mas, o turismo rural pode ajudar o seu desenvolvimento

A.M.A.
Auto Monumental de Arcozelo S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

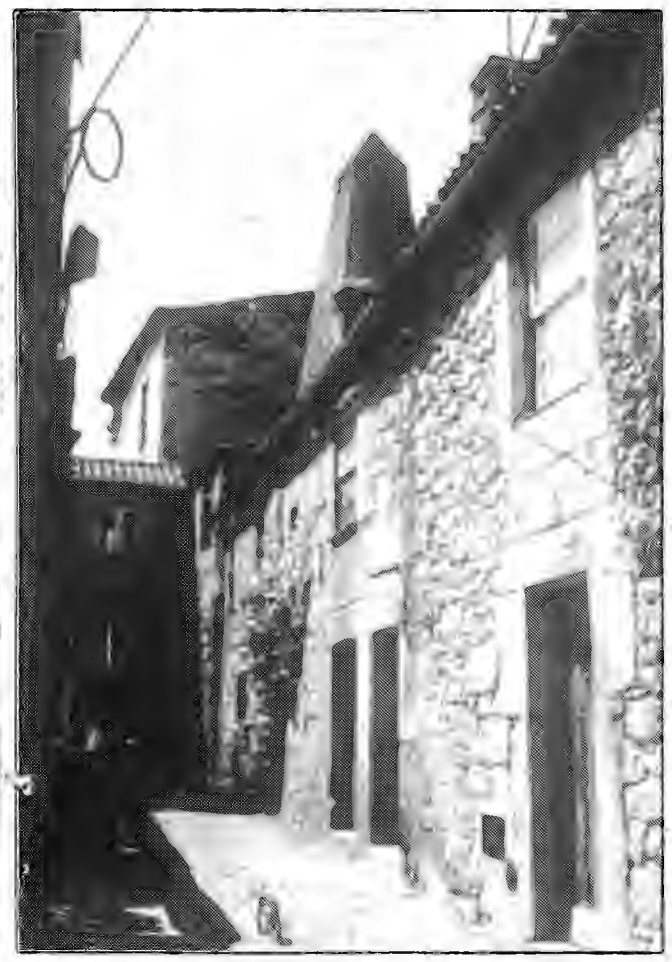
ação da actividade económica
e sector ignora habitualmente
s estruturas. Apesar disso,
ns podem fazer muito

do Hospital órdio

...ónio ...amente, para o Litoral, rele-
...lógi- gando para segundo plano
...e um as outras zonas do País. É
...vido necessário um desenvol-
...ocu- vimento económico, para
...h a que haja um desenvolvi-
... Ol- mento turístico. Temos o
...lizar exemplo concreto dos aces-
...hado sos: as estradas do Interior
... pa- de Portugal são muito más e
...)va e os transportes escassos. Mas
... nós não podemos ficar de
...o, os braços cruzados à espera que
...ham a burocracia deste País re-
...s da solva os problemas».
...e das
... das Numa atitude de quem
...Coja mete mãos à obra, César
... das Oliveira desafiou os autarcas
...stam da Beira Litoral e outras enti-
...rali- dades a investir no turismo,
... a dar a conhecer o País real.
...ador «Para já, o grande empre-
...nara endimento na zona da Ponte
... do das Três Entradas vai ser o
... que Vale do Sonho, que envolve
...gião 4,5 milhões de contos.
... tur- Para além deste existem
...reza. ainda dois médios em-
...a in- preendimentos, um no lim-
...s fi- ite sul do concelho e outro
...ger- que será construído pelo
grupo ESTA-Gestão Ho-teleira, e que consiste num hotel com 54 quatros. Nenhuma destas construções irá prejudicar a paisagem ou o ambiente saudável que ainda se vive aqui.

Qualquer que seja o empreendimento turístico a desenvolver no espaço rural (turismo de habitação ou agro-turismo) só será aprovado se não prejudicar o ambiente», salientou César Oliveira. Não é só a defesa ecológica que está em causa para a autarquia de Oliveira do Hospital. A preservação do património, a conservação das casas de xisto, são também aspectos fundamentais tomados em consideração. «A minha intenção é tornar este concelho como uma zona-piloto do País. Claro que isso depende do estrangulamento que as autoridades do Governo central façam ou não. Desejaria que não fizessem», concluiu César Oliveira, em jeito de recado.

Gisela Oliveira



A rua do Passadiço, em Avô, é um exemplo típico das tradições rurais ainda existentes no interior do País

Os rostos do vale

Beira Litoral, terra lusa onde os costumes ainda são hábitos, onde as pessoas ainda são gente. Das pequenas aldeias avista-se a serra, sente-se o vento e vive-se. Tudo tem um rosto: os animais, a paisagem, o povo. Os vales do Alva e do Alvoco são exemplos de uma vida contemplada pelo silêncio e pela magnitude da natureza.

Para quem vive na cidade, tudo isto parece distante. Chega-se mesmo a pensar que não faz parte da mesma realidade. Daquele mesmo tempo que os citadinos costumam esgotar com a pressa de chegar a lado nenhum.

Em Aldeia das Dez, a cerca de 25 quilómetros de Oliveira do Hospital, as ruas estão repletas de História.

As casas são construídas em xisto e conservam o que o tempo quase apagou.

Das janelas dessas habitações brotam flores de todas as cores. No ar, paira uma brisa já esquecida. As ruas são estreitas, limpas e desconhecem os inconvenientes de um mundo dito civilizado. Carros há poucos e a força de andar supera qualquer comodismo. Regista-se a inexistência de poluição: ouve-se a água dos rios a correr, as árvores a baloiçarem, o moinho a moer.

São imagens que ficam na memória de quem por lá passa e já esqueceu os tempos em que era feliz. Quando se vive na cidade é assim: o barulho dos carros, os prédios de nove andares, o ar condicionado para se poder respirar, a luminosidade que se vê de um sol que não se avista. É então que surge a nostalgia pelo mundo rural — pelas pequenas aldeias como esta, por um espaço que pensamos já não existir, por todos estes rostos que nos prendem a memória.

G.O.

Aqui quem manda és tu.
Vem ao Jardim Zoológico. E traz os teus pais, senão eles ficam umas feras. É que agora no Jardim Zoológico há mais coisas para ver e fazer. O "Show dos Golfinhos", a boneca Eva, animais novinhos em folha e esplanadas para eles se sentarem quando estiverem cansados, os pais claro!
Vá, lê depressa, vai ter com eles e solta um rugido.
Ah! Se os teus pais não entenderem, o que é de esperar, explica-lhes que quer dizer:
"QUERO IR AO JARDIM ZOOLÓGICO!"

JARDIM ZOOLÓGICO
E DE ACLIMAÇÃO EM PORTUGAL S A
LISBOA
INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

DÊ MAIS VIDA AO ZOO

COMPRIMIDOS
À BASE DE LIMÃO
ALGAS E ALOÉS

maxiliber®

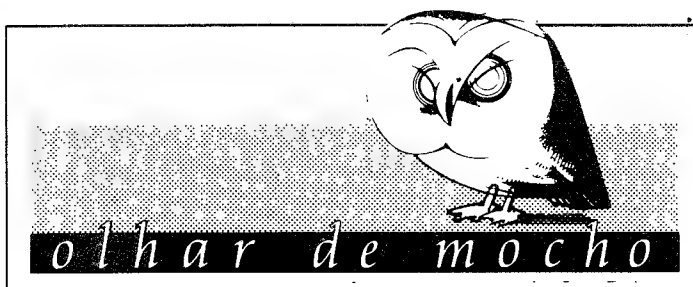
maxiliber®

CHÁ COM
NOVE PLANTAS
SELECCIONADAS

GOTAS COM
SEIS ESTRATOS

REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA: FEREL COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA. — Rua do Alecrim, 71-1.º Tel. 32 00 59/32 13 88 — 1200 LISBOA

CULTURA



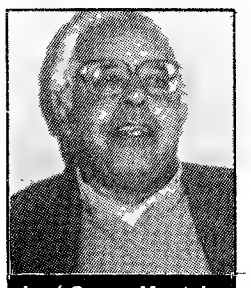
Luso-europeus

Gostaria de saber se num qualquer país civilizado do Globo, ou dentro do grupo dos históricos da CEE, seria possível que num dos últimos domingos da Primavera de 1990 o boletim informativo da noite começasse com 40 minutos (por extenso: quarenta minutos) de atraso. Sem quaisquer explicações, pedidos de desculpa ou promessas de indemnização aos pagadores da taxa visto terem de aguentar a pé firme para além das onze da noite se queriam estar informados sobre o passado na Terra e no Mundo. Não há dúvida que fomos tratados à Gungunhana: o soba manda colocar - dizem os jornais - relógios de ponto para cuidar da pontualidade dos funcionários da RTP mas, os clientes, utentes e verdadeiros «patrões» do serviço público, em relação a essa mesma pontualidade são varridos com a vassoura de um qualquer chefe de tribos africanas dos idos tempos coloniais.

O desprezo tribal com que na RTP se encara o consumidor e utente não é exclusivo da 5 de Outubro. Na TAP Air Portugal, conforme se lê nas cartas aos directores de jornais, passa-se o mesmo, na CP da linha de Sintra, idem, idem, aspas, aspas. Dantes havia a desculpa da instabilidade política, e os Governos que mudavam de seis em seis meses desculpavam tudo. Isto é, existia um bode expiatório e o cidadão eleitor não tinha, por isso, o direito de se queixar. Mas agora as coisas mudaram: temos Governo estável e duradoiro, a maioria absoluta existe e funciona. Como explicar, então, esta humilhante situação de desdém a que os votantes que votaram a maioria absoluta estão irremediavelmente votados?

Importa realçar o que a maioria absoluta e o Governo estável ainda não conseguiu realizar a um escasso ano de terminar o seu mandato: um mínimo de pontualidade para o funcionamento do serviço público chamado RTP; substituir 20 quilómetros de caminho-de-ferro entre Lisboa e Sintra, por equipamento moderno capaz de responder suficientemente às necessidades de um eixo populacional de cerca de um milhão de habitantes; produzir legislação adequada de modo a haver pluralismo e concorrência de espírito capitalista e neoliberal na televisão através dos canais privados.

Quando daqui a uns anos o Palácio Berlaymont encarregar a Comissão de publicar um livro, «Quem é Quem» na CEE, possivelmente encontraremos no item dedicado a Portugal os seguintes dizeres: «Portugal, Lusitânia ou Luso-Europeus: povo que devido ao seu longo passado colonial tem sentido imensas dificuldades em adaptar-se ao espírito europeu. Gente simpática acolhedora que insiste em se definir como vanguarda da retaguarda da CEE mas que ainda não se curou da malária política e da doença do sono, também política, de que foi vítima nas campanhas de África. A alergia deste povo à pontualidade é tão grande, que quando um relógio público começa a dar horas certas, fazem-se festejos a pedir feriado nacional.»



José Sousa Monteiro

O ciclo de colóquios «Anos 60: os Factores de Mudança» conheceu ontem a sua penúltima sessão. Debatiam-se os costumes e as novas práticas de convívio eventualmente iniciadas naquela década e acabou-se a discutir se os jovens de há vinte anos eram realmente tão subversivos quanto hoje os imaginamos

Os pais, os filhos e a censura

Francisco Paraíso

Um aspecto da mesa que compôs a sessão: da esquerda para a direita, Maria Belo, Raul Solnado, Helena Vaz da Silva (CNC), Guilherme de Oliveira Martins (Sedes), Maria Isabel Barreno e Eurico Figueiredo

O estudo dos mitos é, à sua maneira, tarefa ideal para um arqueólogo. Porque, à imagem e semelhança dos vestígios deixados por uma civilização desaparecida, também eles se compõem de peças e memórias soltas, como a flor no cabelo que, por muitos e bons anos, se virá ainda a associar à década de 60. Só que para lá da flor, de Woodstock e de toda a irreverência contida nestes símbolos, havia também a vida quotidiana, o domínio dos costumes que não passam à História porque se repetem mecanicamente mais dia, menos dia. A este propósito, o colóquio sobre os «Anos 60: os Factores de Mudança», organizado pela Sedes e pelo Centro Nacional de Cultura, abordou, na sessão de ontem à tarde, o grau de maior ou menor subversão que os jovens de há vinte anos introduziram nos gestos diários, e nomeadamente nas práticas de convívio.

Abriu a sessão Eurico Figueiredo que, dizendo-se pouco à vontade para tratar objectivamente um tempo que fora o da sua juventude, optou por comparar as atitudes dos jovens universitários de 1964 com as dos seus filhos, e , talvez mais revelador, com a deles próprios, vinte anos depois.

Assim, através dos números obtidos por um inquérito encomendado a Eurico Figueiredo pela Gulbenkian, pudemos constatar que a geração de 1980 é menos religiosa que a dos seus pais. Nestes registou-se, por outro lado, um reforçar da fé católica, talvez inesperado ao olhar de alguns.

Os números apresentados por Eurico Figueiredo no que respeita à sexualidade também não deixam de ser surpreendentes. Há vinte anos, a manutenção de uma vida sexual regular antes da noite de núpcias era encarada com muitas reticências. Hoje, quem as colocava começa a mostrar-se mais permissivo ante as liberdades exigidas pelos filhos que, por seu turno, são muito menos conservadores do que os autores da alegada «revolução sexual».

A maior abertura de espíríto dos adolescentes e adultos jovens da década de 80 expressa-se ainda na atitude tomada ante a possibilidade da mulher continuar a trabalhar após o casamento. Em 1964, no auge das manifestações feministas, só 6% dos estudantes universitários admitiam esta hipótese. Hoje, 80% dos filhos concordam inteiramente com a possibilidade e os pais, que em solteiros manifestavam uma atitude tão radical, acabam por evoluir no sentido de uma maior tolerância, abolindo possíveis motivos para o chamado conflito de gerações.

Maria Belo concordou com Eurico Figueiredo. Para ela, houve realmente mudanças nas práticas de convívio, mas não se chegou aos valores fundamentais que, vinte anos depois, se julga haver atingido no tempo em que os Beatles cantavam «She's leaving home». Os movimentos revolucionários (o feminismo, o maoísmo, entre outros) adquiriram, de forma geral, um carácter totalitário e a actual geração, embora defenda a tolerância e a liberdade em todas as frentes, continua a ser levada para relações familiares herdadas de épocas anteriores. O testemunho de Maria Isabel Barreno convergiu com o de Eurico Figueiredo e o de Maria Belo, pois, segundo afirmou, «a mudança ainda não aconteceu». Surgiu, como um presságio, em pequenos grupos, mas não se propagou realmente ao todo da sociedade.

Ao falar da sua própria experiência enquanto actor e enquanto co-autor do programa «Zip-Zip», Raul Solnado pareceu discordar do que se dissera anteriormente. Para ele, o convívio em Portugal começou a mudar no dia em que Humberto Delgado, interrogado sobre o que faria a Salazar caso fosse eleito Presidente da Republica, pronunciou a mais célebre frase da nossa história contemporânea. Ao «obviamente, demito-o» que, segundo Solnado, acordou muito boa gente neste país, seguiu-se uma série de coisas importantes e entre elas o «Zip-Zip». Foi o primeiro *talk-show* da RTP, mas por causa dele, Carlos Cruz, Fialho Gouveia e o próprio Solnado passaram noites inteiras a discutir os cortes da censura com as entidades responsáveis por tais serviços.

Outro caso relevante foi a celebrada «História da Guerra de 1908», com a qual Raul Solnado ridicularizava a guerra enquanto fenómeno. Não era por acaso. Portugal iniciara há pouco o combate contra os então chamados «rebeldes das províncias ultramarinas». Conforme seria de esperar, foi o cabo dos trabalhos para fazer passar o número ante os bandos de censores que se lançavam sobre os teatros portugueses. Consciente de que aquele era o grande momento da revista que então interpretava, Solnado conseguiu torná-lo suficientemente desinteressante, quando em vésperas da estreia, se viu confrontado com uma assistência constituída por esse tipo de «espectadores»...

Maria João Martins

Até dia 30 na Graça

«Cenas da Vida de Benilde»

«Cenas da Vida de Benilde», o polémico espectáculo que Jorge Listopad criou para o Grupo Teatro Hoje a partir da famosa peça de José Régio «Benilde ou a Virgem Mãe», pode ser visto apenas até ao próximo dia 30, no Teatro da Graça.

O papel, que há quarenta anos consagrou Maria Barroso, é agora interpretado por Alexandra Lencastre, um dos valores mais seguros da nova geração de actores e actrizes que desde há pouco anos surgiu na cena portuguesa.

A seu lado estão Antonino Solmer, Alexandre de Sousa, Elisa Lisboa, Isabel de Castro, José Figueiredo, Júlio Martín e ainda Ruy Furtado.

O espectáculo é apresentado de terça a sábado às 21,30 e aos domingos às 16 horas, podendo ser feitas marcações através dos telefones 875626 ou 875800.

Alexandra Lencastre e Alexandre de Sousa

Kurt Weill: uma falsa efeméride

DISCOS

Kurt Weill nasceu há 90 anos e morreu há 40. Trata-se, pois, de uma falsa efeméride, esta que aqui procuramos assinalar. Mas antes que daqui por dez anos as comemorações que se fizerem - dos 100 como dos 50 da vida e da morte - estejam na ordem do dia, é altura, agora e agora precisamente, de averiguar em toda a sua amplitude a importância do legado musical que o compositor alemão nos deixou. E isto porque ganham particular relevo duas constatações que se resumem num mesmo fenómeno: o companheiro de Brecht foi um pioneiro da indiferenciação de fronteiras entre alta cultura e cultura popular, acontecendo também que ele, um contemporâneo de Schoenberg, opôs uma então inesperada perspectiva tonal ao dodecafonismo e ao serialismo em voga nos circuitos académicos mais avançados. Isto é: Weill, e ele muito mais do que esse outro grande que trabalhou para o teatro, Eisler, é a influência paradigmática de muitas das músicas que presentemente se tocam.

O mote já estava dado, aliás, quando os Doors de Jim Morrison interpretavam no período de ouro do rock a famosa «Alabama Song». Não se percebeu então isto que agora se confirma, dado o evoluir dos cenários musicais - que a separação exclusiva entre boa e má músicas, nos termos em que o próprio Kurt Weill certa vez expôs em entrevista dada a um jornal americano, é uma atitude mais séria do que a ligeireza do enunciado poderia fazer crer, na sua extrema relativização de parâmetros. E se o músico germânico era, como escreveu o seu biógrafo, Ronald Sanders, *«a great crosser of frontiers»*, há quem insista ainda na conservação da pureza estética (ou de classe, diria Bertold Brecht), contra tudo e contra todos, fazendo basto uso de estatutos institucionais longe ainda de serem postos em causa. Muitos destes museologistas foram os revolucionários de ontem, o que é pelo menos curioso.

Dá-se, entretanto, a coincidência (daquelas «coincidências» com que tiramos a prova dos noves, entenda-se) de se encontrar nos escaparates de algumas das nossas lojas de discos um título que se recomenda, e dos poucos a que a conceituada revista norte-americana «Down Beat» não hesita em conceder as suas cinco estrelas, máxima categorização para as obras que se aproximam da excelência. Trata-se de «Lost in the Stars», inclui vinte temas de Kurt Weill e, com esse ponto em comum, apresenta-se como uma compilação de intérpretes o mais variada possível.

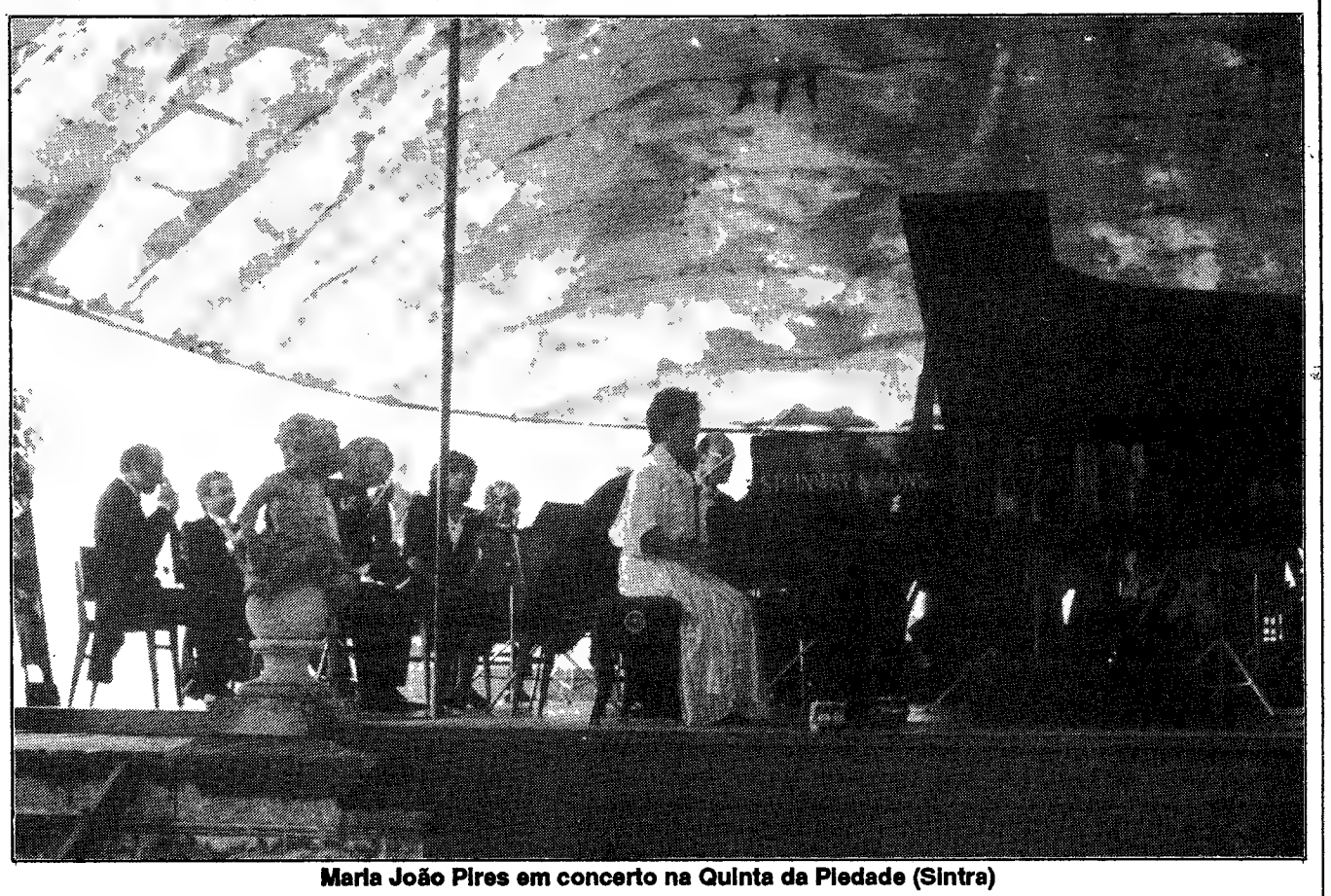
Foi a A&M Records a editora da preciosidade, e sem que o eco cá chegasse com sinal suficiente (mas disso o mal é nosso), a data de lançamento do CD em questão já remonta a cinco anos atrás. Como se verifica, as boas oportunidades não têm necessariamente de acompanhar as efemérides de Estado ou de Escola...

Terry Southern, num dos textos que acompanham o disco, refere que Weill (e a música para teatro dos anos 20 e 30) interessa ao público contemporâneo porque nos permite «uma experiência emocional genuína», adversa aos consumos musicais que se caracterizam mais pela cerebralidade, tanto do objecto em si como dos modos com que tendemos a apreender a música, apesar das «libertações» formais que a história assentou.

O que é de registar, diga-se para mais, é mesmo esta vocação do compositor para uma contraposição em tudo semelhante à que viveu no seu tempo - Kurt Weill é hoje uma figura de culto para quantos fazem da «alternativa», em música, toda uma postura. Se bem que a feição de «jogo» que o organizador da antologia lhe deu (o produtor Hal Willner tem no seu currículo pessoal obras semelhantes, como «Amarcord», em torno de Nino Rota, e «That's the Way I Feel Now», sobre Thelonious Monk) explique a especial dinâmica apontada pelo crítico que acima citámos, sem dúvida alguma que estas canções alemãs, e afinal tão americanas e tão universais, têm a força de uma música que connosco encontra a sua expressão real.

Pode um John Zorn converter «Der Kleine Leutnant des Lieben Gottes» num pastiche em que os géneros se sucedem vertiginosamente, como é seu hábito, ou o Armadillo String Quartet entender o tema de cabaré «Youkali Tango» como se fora uma peça de música de câmara. Ou pode Marianne Faithfull vestir «Ballad of the Soldier's Wife» com as cores da pop dos anos 80, e Phil Woods com Carla Bley, ou Charlie Haden com Sharon Freeman, traduzir «Lost in the Stars» e «Speak Low», respectivamente, em temas do mais específico jazz. Nuns casos como noutros, juntando-se ainda os que foram protagonizados por um Lou Reed e um Tom Waits, um Sting ou um Todd Rundgren, deparamo-nos com a estranha e imensa versatilidade da música pensada e escrita por Kurt Weill e que é *radicalmente* a música deste instante, presente tanto em Philip Glass como em Peter Gabriel, mesmo que eles não o confessem.

Rui Eduardo Paes



Maria João Pires em concerto na Quinta da Piedade (Sintra)

Maria João Pires e Augustin Dumay no 25º Festival de Sintra

Um duo exemplar

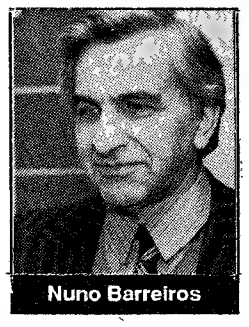
O 25º Festival de Sintra, actualmente a decorrer no Palácio de Queluz, trouxe-nos uma das mais marcantes sessões da presente temporada de concertos, aliás rica em acontecimentos memoráveis. Deveu-se isto à reunião de dois grandes intérpretes: a pianista Maria João Pires e o violinista francês Augustin Dumay. Formaram um autêntico «duo»: pelo mútuo ajustamento, de impecável sincronização, ao longo de todo o recital, pelo interesse das concepções e o equilíbrio com que elas foram materializadas. Mas - importa acentuar - sem prejuízo para a afirmação de aspectos bem peculiares das duas personalidades.

E tivemos, de facto, versões extremamente articuladas, vivas e expressivas, em que o pormenor saboroso e o virtuosismo da execução nunca deixaram perder de vista a ossatura estrutural das obras e os caracteres climáticos e estilísticos que as impregnam e definem.

De resto, o programa era de respeito, pela qualidade superlativa de que se revestiu: quatro Sonatas que incarnam, de maneira paradigmática, momentos específicos da evolução e da sensibilidade musicais: a nº3 (em ré menor) de Brahms, a de Debussy, a k. 301 (em sol maior) de Mozart e a famosa op. 47 («a Kreutzer») de Beethoven.

Augustin Dumay não desmentiu o prestígio que há muito granjeou no tablado internacional. Está longe do mero exibicionismo da sua enorme técnica. Apoiando-se nela, evidentemente, privilegia um tom de «seriedade» que informa o seu escopo interpretativo, nomeadamente no lançar das frases, no estilo amplo e castigado, na firmeza rítmica, a despeito de inegável subtileza de nuances, mas recusando qualquer concessão a «rodriguinhos» ou sentimentalidades. E com o suplementar atractivo de tocar num Stradivarius (que, por sinal, pertencera a Fritz Kreisler).

Maria João Pires - que toda a gente conhece como mozartiana e schubertiana de eleição - é também, e num grau extraordinariamente efectivo, uma cultora admirável da música de câmara, receptiva, como se viu, a estilos e autores muito diversos. Provou-o agora, de forma insofismável, com maleabilidade imaginativa e, ao mesmo tempo, com finura, inato sentido das proporções e uma gama atraente de sonoridades. Conferindo realce a um motivo ou a uma figuração rítmica e praticando um discurso de constante mobilidade e «em relevo» (digamos assim), Maria João tem o condão de ser sempre comunicativa e requintada sem cair na ênfase ou no preciosismo, envolvendo tudo num halo de lirismo, ora interiorizado e sonhador, ora mais exaltado e, quando necessário, assumindo uma veemência que dir-se-ia impensável numa compleição física aparentemente tão frágil.



Nuno Barreiros

Mas, para lá dos predicados individuais dos dois artistas, o recital não teria atingido as culminâncias que se verificaram se Maria João e Dumay não estabelecessem entre si a complementaridade de dois temperamentos, afinal de contas, de índole essencialmente diferente.

Brahms foi-nos transmitido através de um fluxo lírico sem hiatos, nunca pálido, antes exemplarmente matizado e valorizando o melodismo da obra. Debussy resultou igualmente cheio de contrastes e eloquente (não grandiloquente, entenda-se), apesar da concisão do seu estilo. Mozart chegou até nós com escorreita delicadeza.

Quanto à «Sonata a Kreutzer», encontrou uma inrerpretação verdadeiramente impressionante, pelo que correspondeu ao agitado jogo dos contrários que tão fortemente se espelha nestas páginas beethovianas. Teve rigor e ambiente meditativo, ímpeto dramático e momentos de serenidade apaziguante.

Um concerto que não será difícil vaticinar como um dos pontos culminantes do 25º Festival de Sintra, que tem muito de estimulante a oferecer-nos, prolongando-se em catorze manifestações, até meados de Julho. A sua temática, que nas últimas edições se centrou no romantismo e no piano, tornou-se agora mais abrangente, contemplando o impressionismo e formações diversificadas em que o piano participa.

E não faltam nomes consagrados, a par de não poucas revelações para o nosso público e representantes de gerações recentes, a maioria deles ostentando primeiros prémios em concursos internacionais de grande prestígio.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

AVISO

EMPREITADAS DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Tendo em vista alargar tanto quanto possível o número de Empresas concorrentes a empreitadas de Iluminação Pública, informa-se todos os possuidores de Alvará de 4.ª Categoria ou da 9.ª Subcategoria da 4.ª Categoria que devem manifestar por escrito o seu interesse junto do Departamento de Iluminação Pública da Direcção Municipal de Serviços Eléctricos e Mecânicos, Av. 24 de Julho, 1/1-C, 1399 Lisboa Codex, até ao próximo dia 3 de Julho de 1990.

O Vereador,
Luís Coimbra

Falar de cinema

Eastwood e Huston: obsessões africanas

CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO (white Hunter, Black Heart) - R: Clint Eastwood (EUA, 1990); A: Peter Viertel, James Bridges e Burt Kennedy; F(Cor): Jack N. Green; M: Lennie Nielhaus; Mont: Joel Cox; Cen: John Graysmark; P: Stanley Rubin/ Malpaso/ Ratar/ Warner Bros; I: Clint Eastwood, Jeff Fahey, George Dzundza, Alun Armstrong, Marisa Berenson, etc. D: 120 m; Columbia, Tri Star e Warner; Est: Amoreiras, King, Nimas, Quarteto, Terminal (Lisboa) e ainda Porto e Coimbra (1.6.1990); Cl: *** (M/12 anos).

Um filme como este *Caçador Branco, Coração Negro*, de Clint Eastwood, tem forçosamente dois tipos de público e dois tipos de leitura. Os cinéfilos e aqueles que conhecem bem a história do cinema (particularmente os fãs de John Huston) descobrem facilmente as referências nele contidas. Quem vir o filme sem de mais nada suspeitar do que o que a própria obra apresenta, ficará por uma história não muito excitante de um realizador de cinema americano que parte para África a fim de aí realizar um filme, mas que está mais interessado em matar um efefante do que em principiar as filmagens. Quando se encontra frente a frente com o grande paquiderme de presas invulgares, desiste dos seus propósitos, assiste à morte do guia negro que o acompanhava e regressa ao «plateau» onde finalmente dá ordem de «Acção».

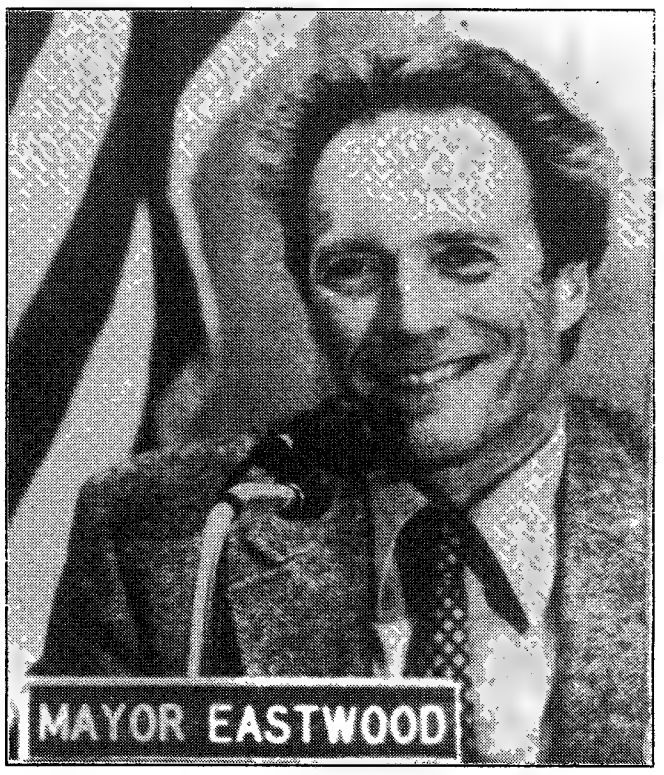
História de uma obsessão (confirmação de um heroísmo, de certa maneira gratuito, como forma de afirmação pessoal), *White Hunter, Black Heart* oferece-se aos olhos do público como relato de uma aventura interior, expressa num cenário privilegiado de aventura exterior (África). É aqui que o realizador em questão, John Wilson, não parece muito interessado no filme que vem rodar no Congo, preocupando-se essencialmente com o elefante que quer caçar, sem outro propósito que a excitação de defrontar a fera. Quando o consegue, o tiro fatal não parte da sua carabina e será o animal a matar o seu colaborador nativo. O que levará a tribo a que este pertencia a receber o cineasta com cânticos que acusam o «caçador branco» de ter um «coração negro».

Para quem associar esta ficção a John Huston *A Rainha Africana*, filme por ele dirigido em África em 1952, a obra de Clint Eastwood adquire uma outra ressonância e significado. Clint Eastwood interpreta o papel do John Huston e vai ao ponto de reproduzir a voz, os tiques, a forma de segurar o charuto, a ironia, o desencanto do gesto daquele cineasta recentemente falecido e um dos nomes míticos da história de Hollywood.

Partindo de um romance de Peter Viertel ele mesmo argumentista de *The African Queen*, tendo re-escrito o argumento de James Agee que adaptava ao cinema um romance de C.S. Forrester), *Caçador Branco, Coração Negro* parece ser directamente inspirado por episódios que rodearam a rodagem de A Rainha Africana e que tiveram John Huston como protagonista. Não conhecendo o romance de Viertel, mas segundo depoimentos de quem o leu, este era bem mais contundente para com a figura de Huston do que o argumento final de Clint Eastwood, que terá limado certas arestas e acrescentado algumas cenas que atenuam a imagem criada na obra literária. Assim, por exemplo, as cenas em que Wilson defende judeus e negros são de inspiração de Eastwood (ainda que reflitam aspectos marcantes da personalidade de Huston) e, no final do romance, o realizador acabava por abater o elefante, o que não acontece no filme.

Estas mudanças terão tido certamente a ver com uma tentativa de se aproximar mais do verdadeiro Huston e do significado do seu cinema. A obsessão pela caça ao elefante aparece como um elemento do universo obsessivo daquele cineasta, acabando assim por a própria vida de Huston participar do seu imaginário. Tanto mais que, neste apontamento contado por Eastwood, quando o seu protagonista julga ter atingido o objectivo, este deixa de ter significado (Wilson desiste de matar o elefante, quando o tem à sua mercê), um tema muito caro ao autor de *O Tesouro de Sierra Madre* ou *O Homem que Queria ser Rei*, dois títulos emblemáticos entre muitos outros possíveis de citar na filmografia de John Huston.

O curioso é que Clint Eastwood parece também ele fazer suas as palavras de Huston e o seu «Wilson» dir-se-ia um seu «alter ego», o



que transforma *Caçador Branco, Coração Negro* num jogo de espelhos onde uns aos outros se revêem, vendo-se a si próprios. A personagem de John Wilson surge como uma personagem de John Huston e é efectivamente uma personagem de Clint Eastwood que tem por ela tanto apreço que não só a dirige, enquanto realizador, como a interpreta, como actor.

John Wilson é assim um ponto de encontro na obra de dois grandes cineastas do cinema norte-americano, Huston e Eastwood. Dois cineastas da acção, mas de uma acção desencantada que se sabe inútil, mas a que se não resiste. Neste aspecto, é indispensável para a compreensão de Wilson-Huston Eastwood uma réplica do primeiro, explicando por que se vai bater com um empregado do hotel, racista. A cair de bêbado, ele sabe que vai sair maltratado dessa disputa, mas há coisas de que não abdica, há gestos de que não desiste. Afinal a concretização da sua dignidade. É uma atitude quixotesca que não irá mudar o mundo, mas, ao assumi-la, Wilson está a ser coerente consigo mesmo e a não desistir do que pensa ser o essencial.

Lauro António

Uma atitude que, saindo directamente de John Huston, é reafirmada por Clint Eastwood neste filme vitalista, onde paradoxalmente o que se persegue é a morte de um elefante. Como em *As Raízes do Céu*, um outro título de Huston para que esta película remete obviamente.

Sem ser o melhor Eastwood como realizador, *Caçador Branco, Coração Negro* abre excelentes perspectivas para a carreira futura desta cineasta, a quem finalmente se dedica uma atenção maior, mais de acordo com a sua importância no contexto do moderno cinema norte-americano.

Clint Eastwood

Nasceu em 1930, a 31 de Maio, em São Francisco, EUA, de uma família pobre. Começou como figurante e actor secundário em filmes da Universal, conseguindo certo relevo, entre 1958 e 1965, como protagonista de uma série de televisão, *Rawhide*. Emigra depois para Itália, onde, sob as ordens de Sérgio Leone, se celebriza em filmes como *Por um Punhado de Dólares* ou *O Bom, o Mau e o Vilão*. É conhecido como «o homem sem nome», quando regressa a Hollywood para trabalhar com Don Siegel, um dos seus mestres e amigo. Funda a sua produtora, a Malpaso, em 1968, estreando-se como realizador em 1971, com *Play Misty for Me*. A partir dessa altura alterna obras como actor, com outras como realizador, conseguindo firmar-se como cineasta de talento.

Em Abril de 1986 foi eleito presidente da Câmara de Carmel, cidade da Califórnia, iniciando uma carreira política que parece ter abandonado.

Filmografia (como director):

1971: *Play Misty For Me* (Destinos nas Trevas); 1973: *High Plains Drifter* (O Pistoleiro do Diabo); 1973: *Breeze* (Ontem ao Fim do Dia); 1975: *The Eiger Sanction* (A Escalada); 1976: *The Outlaw Josey Wales* (O Rebelde do Kanzas); 1977: *The Gauntlet* (Barreira de Fogo); 1980: *Broncho Billy* (Broncho Billy, Aventureiro); 1982: *Firefox* (Firefox); *Honky Tonk Man* (A Última Canção); 1988: *Sudden Impacto* (Impacto Súbito); 1985: *Vanessa in the Garden* (para TV); *Pale ride* (O Justiceiro Solitário); 1986: *Heartbreak Ridge* (O Sargento de Ferro); 1987: (Bird); 1990: *White Hunter, Black Heart* (Caçador Branco Coração Negro)

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$05	45$05
ALEMANHA FED. (marco)	86$75	87$95
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	4$032	4$282
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124$20	126$70
(notas de 5 a 1000)	124$70	127$20
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA	1$370	1$490
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$80	149$30
(notas de 5 a 1000)	146$30	149$80
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	25$80	26$50
HOLANDA (florim)	77$10	78$20
IRLANDA (libra)	233$80	237$80
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$909	$964
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	250$15	254$65
SUÉCIA (coroa)	24$00	24$50
SUÍÇA (franco)	102$25	103$75
VENEZUELA (bolívar)	2$633	3$433

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Cinema de Paris

Cyrano ou a inteligência do coração

É sempre aposta difícil realizar em cinema uma peça de teatro - e muito mais uma peça célebre e popular como o «Cyrano de Bergerac» de Edmond Rostand, no seu estilo ao mesmo tempo romântico e «fim de século». E Jean-Paul Rappneau era observado com especial atenção...

Ora, o que é preciso dizer, de entrada, é que, tudo dependendo precisamente do realizador, Rappeneau ultrapassou de magnífica maneira todos os escolhos, com a cumplicidade, acrescente-se, de J. C. Carrière, o argumentista que soube adaptar o texto retórico do dramaturgo da maneira mais inteligente e fluida. A planificação e a montagem, a imagem e a música fizeram o resto, para o êxito completo da adaptação.

O resto, porém, é, ainda e sobretudo, a grande interpretação de Gérard Depardieu, entretanto premiado em Cannes por este papel à sua medida. Medida de actor que, de filme em filme, de palco em palco, na maior variedade das interpretações, se afirma como um dos maiores do seu tempo.

É bem conhecida a história de Cyrano, personagem mais ou menos histórica, notável poeta do seu tempo, espadachim temível, espírito irreverente que não poupava os grandes do mundo e da corte. Terá sido, por isso, assassinado. Mas outra coisa contém a peça famosa de Rostand e é o amor escondido que o poeta sentia por uma linda prima - ele, a quem a natureza dotara de um nariz desconforme... São os amores infelizes de Cyrano, que empresta, por amor, o seu talento a um jovem camarada que só pela beleza (e pelo seu espírito) se fizera amar pela bela Roxane. Morto o amigo na guerra, jamais Roxane poderá saber qual era a voz que estava por trás da sua imagem.

E, ao longo dos anos, envelhecendo ambos, Cyrano e Roxane continuam a ver-se regularmente, numa amizade de oculto sentido...

Cyrano de Bergerac é Depardieu, robusto, tonitruante, herói de capa e espada, insolente e colérico - e que, por baixo dessa máscara (de descomunal nariz...), esconde um coração terno particularmente ferido. Durante muitos anos a encarnação viverá na nossa memória...

H. Galy-Carles

CULTURA E ESPECTÁCULOS

FITEI em balanço: um festival à espera

Um festival à espera de apoios sérios e a sério por parte do Estado; à espera de uma nova definição do seu projecto; à espera de imaginação para despertar de novo na cidade o entusiasmo que já despertou; à espera dos grandes espectáculos que este ano escassearam.

O FITEI começou por ser uma ideia inovadora: que se saiba nunca existiu, no domínio do teatro, qualquer manifestação que reunisse regularmente grupos e companhias oriundos das várias áreas de expressão castelhana e portuguesa, embora o Festival de Sitges fosse um pouco nesse sentido, mas só no que dizia respeito ao teatro português. Só recentemente o Gestival de Cádiz tem procurado institucionalizar a presença de grupos de teatro de língua portuguesa, mas exclusivamente do Brasil e de Portugal. O FITEI continua a ser o único, já que inclui grupos africanos, ao contrário dos citados. Mas essa singularidade que distingue o FITEI dos seus congéneres, não basta para o justificar. O público não se compadece só com boas ideias e, além disso, exige mais do que espectáculos que se limitam à importância histórica do texto, exige espectáculos inovadores.

É certo que as preferências do público por vezes erram o alvo: são os riscos que é preciso correr. Foi o que este ano aconteceu com o seus pectáculos que tiveram mais público ou despertaram mais expectativa: «Um Casal Aberto» de Dario Fo e Franca Rame, e «Tango Macbeth», este um equívoco de que Shakespeare está inocente.

O resto foi o «luxo» espanhol, com espectáculos, aliás, razoáveis, sobretudo com boas montagens («El Gran Teatro del Mundo», «Remora») com um espectáculo especialmente polémico, e que foi um dos casos do festival («Durango, Um Sonho. 1439»); foi a pobreza da América Latina, incluindo as decepções brasileiras (parcial no caso de Denise Stoklos); foram as insuficiências lusitanas («Margarida do Monte» / «Dr. Knock» / «Os Homens e as Suas Sombras» / «Arquicoiso»); foram as medianias portuguesas («Assassino de Macário» / «Autos da Índia e das Fadas»); foram as qualidades portuguesas, no entanto aparentemente inadequadas num festival como este, hostil aos textos extensos mesmo que importantes («Marco Milhão» / «A Floresta»); foi, ainda de Portugal, o deslumbramento («Ode Marítima»).

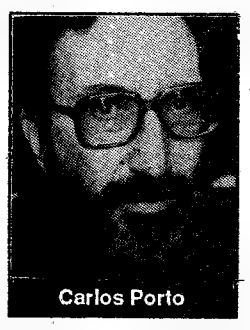
Noutro lugar, o mais interessante que aconteceu no Porto: o teatro africano de expressão portuguesa. Os três grupos presentes no FITEI contribuíram decisivamente para dar a volta ao Festival. Sem eles, o FITEI deste ano teria sido quase um desastre sob o ponto de vista de inconformismo artístico. Refiro-me naturalmente ao Mutumbela Gogo, ao Grupo Experimental de Teatro e ao Tchova Xita Duma.

De ter em conta em 90 as manifestações paralelas, escassas em anos anteriores e que contribuíram para encher os dias portuenses. A homenagem, no primeiro dia, a Dalila Rocha e Manuel Deniz Jacinto; os debates que se travaram à volta de temas como o teatro no Porto, o teatro brasileiro, o teatro espanhol, o teatro latino-americano, o teatro africano de expressão portuguesa, um workshop sobre dramaturgia por um especialista brasileiro. E ainda uma pequena mas bem fornecida amostra de livros para venda, organizada com o apoio da Leitura.

Últimos dias

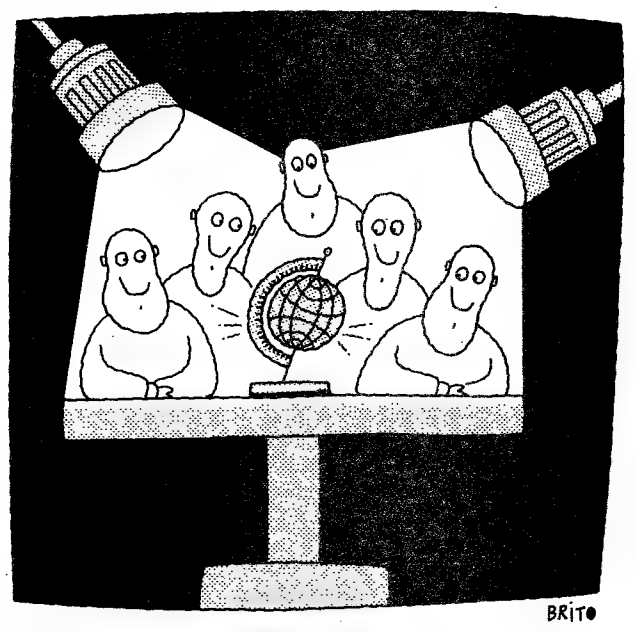
Além dos espectáculos do Teatro Geroa e dos Bonifrates, referidos em crónica anterior, outros preencheram os últimos dias do festival portuense. A eles são devidas algumas palavras.

O fenómeno de público deste FITEI foi o do grupo brasileiro Experimentando o Palco, com a peça de Dario Fo e Franca Rame «Um Casal Aberto». O Carlos Alberto encheu duas sessões, o que ainda não tinha acontecido. Tratava-se de um público diferente do habitual (público de telenovelas?) para quem as expressões e as referências que, noutras circunstâncias, seriam consideradas pornográficas obtiveram um êxito pouco menos do que espantoso. O facto só não merece ser considerado uma prova de maturidade desse público por isso mesmo: por não ter sido aceite naturalmente, como qualquer coisa que tinha a ver com o discurso intrínseco ao texto e não como mera provocação. Com a agravante dessa reacção ter prejudicado a recepção crítica do discurso ideológico, de carácter feminista, do texto, que já tinha sido visto numa versão incompleta de Io Apolloni. Apesar da razoável qualidade dos dois principais intérpretes, em especial da actriz Andreia Garavello, o espectáculo brasileiro esteve longe de merecer o êxito que obteve, sobretudo se o compararmos com outros espectáculos do FITEI.


Carlos Porto

O mesmo poderemos dizer do «Tango Macbeth», do grupo La Barrosa, de Buenos Aires, pseudo adaptação da tragédia de Shakespeare. O espectáculo não passa de uma sucessão de tangos, mais ou menos conhecidos, mais ou menos bem dançados pelo casal Magui Danni e Aníbal Pannunzio, e intercalados com breves frases, não de Shakespeare, mas de Emetério Cerro, adaptador (?) da obra.

Apresentado no bonito salão do Ateneu Comercial, o «Tango Macbeth» foi um equívoco como outro qualquer. Equívoco de outro modo e por outras razões foi o espectáculo a solo do dramaturgo e actor José Luiz Ardissone, do Arlequim Teatro de Assunción, Paraguai, com o monólogo «Caseron de Añejos Tiempos». Tratava-se da evocação de um poeta uruguaio Alejandro Guanes, célebre no seu país mas desconhecido fora dele. Através da interpretação de José Luiz Ardissone e das vozes gravadas de actores da companhia tomámos conhecimento dos principais acontecimentos da vida do Poeta, vida que não parece ter sido

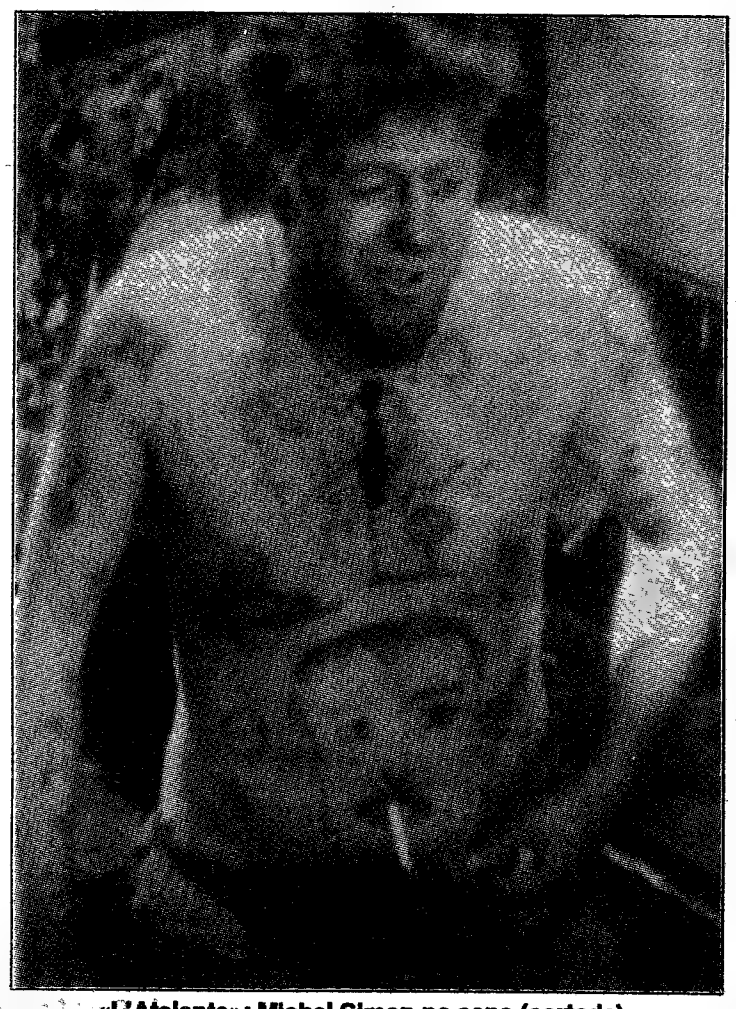

BRITO

tão apaixonante que justificasse a sua biografia teatral, pelo menos nos termos em que foi feita. O que surgiu agravado no espectáculo por um trabalho de interpretação demasiado sobrecarregado de sinais naturalistas tal como o cenário, labirinto de antiguidades que, pela quantidade, se tornavam insignificativas.

Um dos grupos anunciados para o FITEI foi a Escola Dramática Galega da Corinha que devia apresentar a peça de Manuel Lourenzo, »Adeus Madelon». À última hora o grupo foi obrigado a desistir da viagem por lhe ter sido retirado o apoio prometido pelas autoridades galegas.

Por fim, o espectáculo do Teatro Animação de Setúbal com a peça de Jules Romains, «Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina», encenação de Carlos César. Um dos fracassos do Festival. É difícil entender a escolha de um texto que parece, como escrita teatral, demasiado datado, apesar das reminescências molièrescas que a sua principal personagem revela. É certo que essa personagem e a possibilidade de pôr um automóvel antigo a andar no palco parecem atractivos suficientes para justificar a recuperação da peça de Romains, mas acabam por se revelarem enganadores, já que a peça só existe como conflito, como situação dramática minimamente interessante, nas primeiras cenas; depois, e especialmente no 2.º acto, parece-me inútil. Isto apesar da pretensa crítica que faz à medicina. Estes problemas do texto foram agravados pelo trabalho da companhia que, com excepção de Carlos César, procurou sobretudo o traço grosso das personagens e das situações.

Portanto, para voltarmos ao princípio, o FITEI fica à espera. Também o ~~crouista~~ fica à espera do próximo.


«L'Atalante»: Michel Simon na cena (cortada) do umbigo que fuma

Descoberta a versão original de "L'Atalante", de Jean Vigo

"L'Atalante", o derradeiro filme de Jean Vigo, realizado em 1934, acaba de renascer. Renascer é o termo, porque o filme surge agora com mais 24 minutos do que supunha ser a sua metragem total. A história é simples, relata-a a revista "Première" no seu último número.

Assim, em síntese. Em Fevereiro de 1934, Jean Vigo, às portas da morte (iria morrer em Outubro) não pode assistir à antestreia de "L'Atalante".

O acolhimento é desastroso e os produtores resolvem, sem o realizador saber, remontar o filme, substituir-lhe a banda sonora e reduzi-lo de 89 para 65 minutos. Não só. Mudam-lhe o título e o filme irá correr rebaptizado como "Le chaland qui passe", o nome de uma canção em voga.

Mutilado, "L'Atalante" estreia em Setembro de 1934, nos Champs Elysées, e não aguenta mais do que três semanas em cartaz. Seriam precisos, porém, poucos anos para que, mesmo adulterado relativamente à sua versão original, ganhasse os favores do público. Público que em todo o Mundo, durante mais de 50 anos, julgou ver o verdadeiro "L'Atalante".

Até ao ano passado quando a Gaumont resolveu reparar os erros do passado. Começou por devolver ao filme o som original e acabou...por descobrir as caixas com a primeira versão.

Mais do que um renascimento, é uma verdadeira ressureição, assim classifica "Première" esta descoberta do novo "L'Atalante", um filme soberbo que durante mais de meio século passou apócrifo. Se mesmo assim se gostava dele, imagine-se agora. Para "Première" trata-se de uma obra-prima.

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE
BENILDE

Subsídio SEC

2.º mês

«...Imagina-se José Régio entusiasmado — ia ele lá perder este tão belo retrato da sua Benilde pela Alexandra Lencastre! —...» — Eugénia Vasques — «Expresso».

«Alexandra pontifica em encenação inteligente.» — Tito Lívio — «A Capital».

«O elenco é seguramente de grande nível, com Alexandra Lencastre numa belíssima figuração de Benilde». — M.ª Helena Serôdio — «O Jornal».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTIN, RUY FURTADO

Últimas representações só até dia 30.

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos **domingos** às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

***Nomes no feminino** - Maria Helena Trindade Lopes, assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas do Departamento de História da Universidade Nova. Egiptóloga. Fundadora da primeira revista («Hathor») sobre Egiptologia em Portugal. Tese de doutoramento: «Nome e Nomeação»*

Um «Oh!» entre as Pirâmides

- Chama-se Pedro...?

- Sim. Qual a estranheza...?

- É que tenho também um filho chamado Pedro.

- E daí...?

- Bem, é que...

Maria Helena ri-se. É uma jovem senhora desenvolta, sentou-se sobre as pernas, uma certa ironia nos olhos, afável no ar de que ela se emana, oferecida à conversa, descendo por vezes a pormenores, outras vezes perdendo-se em largas exposições. Estamos a falar sobre Egiptologia, ciência que, muito recentemente, se tem vindo a instalar em Portugal. Exibe sobre os joelhos «O Homem Egípcio e a Sua Integração no Cosmos», da sua autoria, bem como a revista, por ela fundada, sobre a matéria em questão, designada por «Hathor», a primeira que sai a lume em Portugal. E diz:

- É que, a certa altura da minha vida, apercebi-me de que os nomes que as pessoas dão às coisas têm mais importância do que aquela que elas pensam que têm... Mas isto, Pedro (permita que o trate assim), talvez não seja um bom começo. Eu deveria ser mais erudita, mais...

- Isso é que não! Maria Helena (permita que a trate assim...), temos de ser claros na conversa. Para que tudo isto, na medida do possível, se assemelhe ao céu azul do Egipto reflectido na água de múltiplas cores do Nilo. Caso contrário...

Maria Helena de novo exibiu um sorriso, o rosto dourado como um sol (tem ido à praia, pois claro...), e acedeu à nossa pretensão:

- Tá certo! Caso contrário, o leitor passa à frente, não é...?

- É.

- Pois então, vamos lá... Que se precise, no entanto, de que vou falar (eu depois explico...) do nome e nomeação no Antigo Egipto, tema, aliás, da minha tese de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa. Depois desta breve introdução, volto ao juízo atrás emitido. Ainda se lembra, não...?

- Sim. Que a certa altura...

Helena tomou-nos a palavra, alisando, sobre os joelhos, livro e revista:

- Pois... A certa altura da minha vida apercebi-me de que os nomes que as pessoas dão às coisas têm mais importância do que aquela que elas pensam que têm. Quando se escolhe, por exemplo, o nome de Pedro para dar a uma criança (e Pedro é o nome do meu filho...), nunca esse nome é escolhido por acaso.

- Não...?

- Não. Situemo-nos, para melhor compreensão, no imaginário português. No imaginário dos portugueses, Pedro é visto como um símbolo romântico, um símbolo de rebeldia, de oposição, taciturno a um tempo e contra as regras noutro. Lembremo-nos do nosso D. Pedro I... Sim, há o desgosto causado por Inês. Mas, mesmo sim, é um ser que gosta das multidões, do contacto com o povo, do tu cá - tu lá... Foi por esses motivos, acredite, que dei o nome de Pedro ao meu filho. E penso que agi bem...

- E se um dia lhe surge uma Inês que, enfim, lhe venha a causar problemas, não por ela, mas por interpostas pessoas...?

Maria Helena sentou-se, erecta, no almofadado - e disse com um encolher de ombros, o corpo elástico, feito para mais viagens ao Egipto (volta ao Cairo em Novembro próximo, já lá esteve, mais adiante faleremos disso):

- Ora!

E depois, professora que é, um tom sério de súbito pelo rosto:

- Não dei ao meu filho, não, um nome por acaso. A importância desta questão no Egipto é que os egípcios tinham exactamente a noção de que não davam qualquer nome por mero acaso...

Maria Helena Trindade Lopes

Acção sobre o indivíduo

- O nome escolhido pelos Egípcios agia sobre o indivíduo seu portador. Esta questão foi tão importante e tão bem teorizada pelos Egípcios que mais tarde o próprio Platão a vai retomar exactamente nos termos egípcios. Que se leia o «Crátilo»... Adiante, porém. Para o antigo egípcio (e tal vem neste meu livro), o nome era uma dimensão essencial do ser divino ou humano, que não só definia o ser como expressava as suas qualidades e a sua força.

- Logo: era, como dizer, algo de essencial, algo de...

- Certo. O nome era a expressão de uma essência e, consequentemente, de uma existência, apresentando-se deste modo concordante com a doutrina da palavra realizadora, verbo, enfim, criador.

- Criador como... como...

- Pode dizer-se que o Egípcio acreditava no poder criador da palavra e, nesta perspectiva, o nomear uma coisa equivalia à sua criação.

- Bem, Helena, não me vai dizer que o seu filho foi criado unicamente quando lhe deu o nome de Pedro...

Maria Helena riu-se, mudou de posição no assento, foi espalhando fotografias coloridas ao seu redor: estatuetas com milhares de anos, baixo-relevos de traço finíssimos, as três Pirâmides rompendo o céu azul. O Egipto, enfim, ao alcance dos dedos, disparando brilhos, mistérios, sortilégios... E Helena, sentada como um escriba, surgindo esplendorosa no meio de tanta-pouca coisa:

- Claro que não! O que era nomeado não eram propriamente as coisas e pessoas, mas antes as *qualidades*, sendo as coisas concretas relegadas para a categoria de construções *lógicas*, ou seja, de construções que o discurso realiza juntando nomes de qualidades. Assim, um nome não se reduzia à sua aparência material, mas, antes, como uma família de signos, preenchendo assim um dos caracteres do símbolo. Quando chamei Pedro ao meu filho, fi-lo precisamente dentro dessa ordem de ideias... Compreendido...?

- Compreendido.

- E mais ainda... Para o antigo Egípcio, o nome não era antigamente um símbolo, antes também era a expressão da personalidade do seu portador. Fantasia minha ou não, espero que o meu filho assim se comporte... Que haja uma acção sobre o indivíduo que é o meu filho!

- Maria Helena, você é mesmo uma egípcia...

Um choro súbito

E ela, arrumando as fotografias, umas sobre as outras, uma Pirâmide dourada espreitando os seus olhos, a sua boca, o seu ar:

- Não, não... Portuguesinha! Lisboeta de Lisboa... Aconteceu foi que logo no liceu (ou talvez até na escola primária) me comecei a interessar pelas civilizações orientais. Com o passar do tempo, e já na Faculdade, compreendi, ou melhor, *senti*, que a civilização ocidental era iminentemente racional, lógica, dois e dois igual a quatro - e as civilizações orientais, mais simbólicas, mais *interiores*, mais espirituais... Que harmonia, apesar de tudo! Quando, pela primeira vez, fui ao Egipto, embora muito lisboeta, não me senti deslocada. E sabe o que me aconteceu...?

- Diga, Maria Helena...

- Comecei a chorar! A chorar como se fosse a primeira vez que alguém chorasse no mundo todo...

- Conte lá isso de maneira calma...

- É um tanto difícil de explicar. Direi, no entanto, que se tratou do encontro com a maior paixão da minha vida. Foi o encontro com um espaço e um povo que eu sinto como meus. Que dizer...? Um 'Oh!' íntimo entre as Pirâmides! Também a aceitação de determinados valores de sabedoria que fizeram com que me sentisse em casa. Sinceramente, não há palavras que expliquem a minha atitude... Mas amei o Egipto e lá voltarei no próximo mês de Novembro. Depois daquela primeira viagem, e dentro dos meus estudos, escrevi um livro - «O Homem Egípcio e a Sua Integração no Cosmos». Sim, sim, editado pela Teorema...

Um país pobre, mas...

- Quando pus os pés em terra egípcia, vi que me encontrava num país pobre. Mas essa pobreza, essa sujidade, esse tudo não sei o quê, eram uma consequência dos meios geográficos, das estruturas económicas, da sua maneira de ser... Tudo isso, no entanto, nada tinha a ver com o próprio homem em si. Sujos...? Sem dúvida que sim. Era (e é!) o pó do deserto continuamente a bater na cara desse povo, desse povo egípcio, muito e muito meu amado...

- Um povo amado, Helena... Mas a Helena é portuguesa - e sem dúvida que há uma diferença entre si e os egípcios...

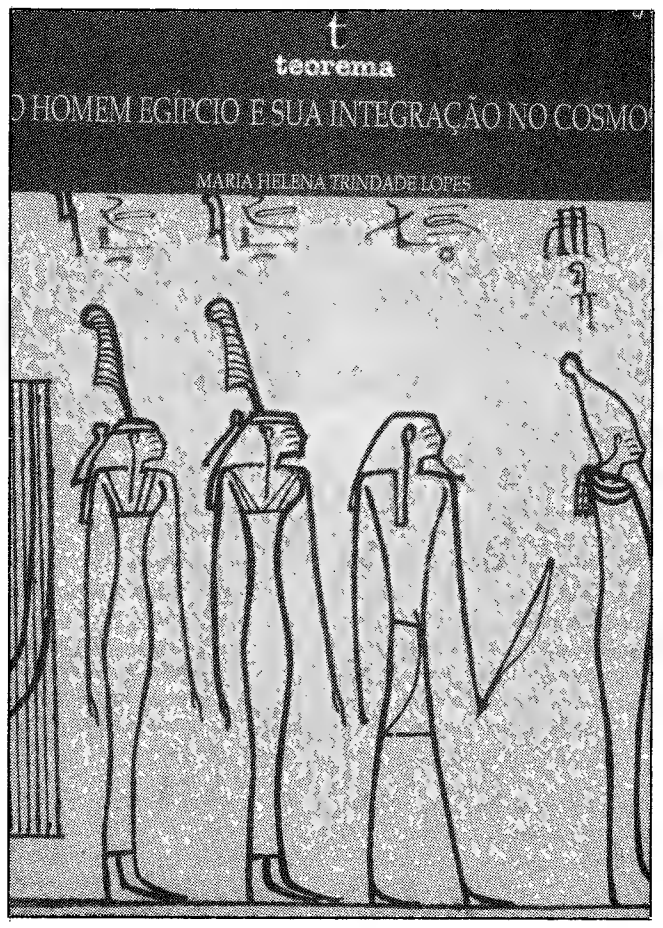
-Oh, sim! O português (para não falar de outros povos) é muito diferente dos egípcios... Embora tenha as suas características próprias, o português tem a carga da civilização ocidental, é mais racional, é menos simbólico...

- Maria Helena, desculpe lá... A pergunta talvez seja um tanto simplista, mas tenho de a fazer.

- Faça-a!

- Entre o ser português e o ser egípcio, qual a maneira de ser que tende mais para a felicidade...?

- Sem dúvida que a egípcia.



Aliás, todas as civilizações orientais. E isso porque as civilizações orientais são mais espirituais, mais preocupadas com o homem... Há coisas que só lá se podem sentir! Acredite que é assim... Por exemplo: aqui, o Pedro está a entrevistar-me e vai-se dando conta do tempo que está gastando comigo... E eu consigo, vá lá! Mas no Egipto, civilização oriental, não é assim... A dimensão do tempo é diferente. Para um ocidental, o tempo é passado, presente e futuro. E, enfim, uma sequência.

Para um oriental, porém, o tempo é um eterno porvir, sem compartimentos. E o espaço é também diferente - e isso por os orientais terem a capacidade (não vai compreender, não...) de dobrar o espaço com o pensamento. Ora os ocidentais...

- Os ocidentais...?

- Os ocidentais são prisioneiros do seu espaço: não sabem lidar com ele. Sabe-se lidar com o espaço, dobrá-lo, quando... Não, não sei explicar. Só estando lá, no Egipto, ou na Índia, ou noutro ponto qualquer... Está a perceber...?

- Sim, por intuição...

- Além disso, não podemos esquecer a junção da areia e da água. Junção também de difícil compreensão... É preciso lá estar, lá ter ido, lá não sei o que mais... Não podemos esquecer que o Egipto é um deserto atravessado por um rio, o Nilo. Tal facto, tanto no passado como no presente, produz um tipo de homem quieto, contemplativo e muito ligado à água. E o Nilo é uma constante fonte criadora, quer objectiva, quer subjectivamente...

- Sim...?

- Exacto. Veja só (e tome-me a sério) a força que areia e água me deram... Como...? Fundando uma revista, «Hathor - Estudos de Egiptologia», publicação que sobre tal ciência não existia ainda em Portugal. Era um sonho de há muito tempo... Quando percebi que ninguém me apoiava, resolvi eu fazer a revista. Juntei um grupo de pessoas, conseguiram-se contactos internacionais, surgiram os artigos, portugueses e estrangeiros - e, um dia, nos primeiros meses deste ano, eis-me ao computador. Sim, sim, toda feita por mim ao computador! Primeiro uma tiragem de quinhentos, depois uma segunda de igual número de exemplares. Tudo policopiado electricamente... Distribuição manual, pelas livrarias, por endereços além fronteiras. Países...? Os da Europa, os EUA, o Egipto... Agora - pensa-se já no número dois. Enfim...

- «Hathor». Porque se chama a revista assim...?

- Hathor é a deusa mais significativa do imaginário egípcio. É a deusa dos contrastes (amor e ódio), da bebedeira, da alegria, da festa, das mulheres grávidas, dos amantes, dos poetas, das flores, da explosão da terra... O que pretendo com a revista...? Trazer o Egipto da Filosofia para a História. Há em mim um silogismo que me leva a pensar assim: *Filosofia / História / Logo: Conhecimento!* Chega...? Quanto a mim, penso que fiz o melhor...

- Professora Helena, a senhora é mesmo a deusa Hathor!

- Oh!

Pedro Alvim

MUNDIAL

Carlos Valente: «Estive nervoso mas com o jogo sempre na mão»

O árbitro português deve ser chamado a nova intervenção, tendo sido designado pela FIFA para continuar em Italia

— Estive nervoso, sentindo que era muito pesado o ambiente em redor do jogo, que havia uma enorme tensão porque a equipa que perdesse era irremediavelmente eliminada. Por outro lado, sabia que, para além dos portugueses, dos argentinos e dos romenos, muitos mais milhões de telespectadores tinham os olhos em mim: e eu não queria, de modo nenhum, resvalar do lugar que conquistei com muito esforço.

Carlos Valente está connosco ao telefone desde Nápoles após o jogo Argentina - Roménia.

Acrescenta:

— Muitos colegas estavam a ver como eu me comportava: mas, sinceramente, estou bastante habituado a dirigir jogos muito importantes e a fazer bom trabalho. Por isso, quando acabou o Argentina - Roménia recebi naturalmente os parabéns das duas equipas e, logo depois, os abraços dos meus dirigentes.

Comenta:

— Tive sempre o jogo na mão. Agora, a crítica é que tem de comentar a minha actuação.

Esta manhã, estivemos em ligação com o hotel napolitano em que estava alojado um grupo de árbitros, entre os quais o português. Da recepção foi-nos dito que Carlos Valente saíra de madrugada, a caminho de Roma, pois foi designado pela FIFA para continuar em Itália, já que é um dos juízes previstos para actuar num dos jogos que faltam no calendário mundial. Depois da óptima exibição de ontem, mais uma distinção ao nosso mundialista.

Arbitragem: a peneira já funcionou

Os nomes dos 16 árbitros que dirigirão os encontros a partir dos oitavos de final, só serão conhecidos no próximo dia 22, anunciou Joseph Blatter, secretário-geral da FIFA.

O conhecimento dos 16 juízes para a fase crucial do campeonato do mundo implicará, necessariamente, a identificação dos 20 árbitros que deverão regressar a casa, uma vez que a prova se iniciou com um contigente de 36.

O anúncio de Blatter teve lugar numa reunião com jornalistas convocada para análise dos múltiplos comentários suscitados por intervenções suas nas televisões da RFA e da Itália, nas quais referiu as actuações negativas de três árbitros: o transalpino Agnolin, o sueco Fredriksson e o soviético Spirin, dando a entender que eles dificilmente serão escolhidos para dirigir jogos a partir dos oitavos de final.

A Fredriksson acusou-o de não ter assinalado uma grande penalidade cometida por Maradona no jogo Argentina-URSS, e a Agnolin de não ter posto cobro ao jogo violento dos colombianos de que foi alvo o jugoslavo Katanec.

Quanto ao juiz soviético Spirin, o secretário-geral da FIFA afirmou que o mesmo não assinalou uma infracção quando um defesa dos Emiratos Árabes cometeu uma falta clara na grande-área sobre o alemão-federal Jurgen Klinsmann.

Blatter revelou que o assunto já está a ser analisado pela Comissão de Árbitros, sublinhando porém que serão os relatórios dos inspectores da FIFA, primeiro, e dos membros daquele Comissão, depois, além de outros critérios da Federação, que permitirão decidir sobre os árbitros que prosseguem no Mundial.

Em qualquer caso, explicou o secretário-geral da FIFA, os juízes eliminados poderão, se o desejarem, permanecer em Itália para assistir aos jogos da última fase, mas alojados em hotéis diferentes daqueles onde ficarão instalados os 16 eleitos.

Acerca da eventual profissionalização da arbitragem, Blatter elogiou as federações espanhola e italiana por terem criado comissões especiais para estudo do assunto e sublinhou a conveniência de uma maior especialização dos juízes de linha, de modo a que o árbitro não tenha de assumir sozinho a responsabilidade de todas as decisões.

As actuações dos árbitros no Mundial de Itália-90 têm sido muito discutidas, uma vez que em vários jogos eles tomaram decisões polémicas, que posteriormente se verificou terem sido erradas. Deste modo e apesar de não terem sido citados por Blatter, o árbitro espanhol Soriano Aladren e o uruguaio Cardellino também foram objecto de controvérsia, por terem cometido erros em jogos anteriores.

Assim Cardellino, com Soriano Aladren a juiz de linha, marcou uma grande penalidade contra a União Soviética no jogo que esta efectuou com a Roménia, comprovando-se depois que a falta foi cometida fora da área.

Quanto ao juiz espanhol critica-se-lhe a marcação de uma grande penalidade favorável ao Egipto, no encontro com a Holanda, quando Ronald Koeman cometeu a infracção também fora da grande-área.

Provavelmente a FIFA considera ainda mais grave que Soriano Aladren não tenha mostrado o cartão vermelho a Koeman, que travou irregularmente um jogador que se encontrava em posição vantajosa para rematar à baliza, desobedecendo assim às directrizes da Federação Internacional de Futebol para este Campeonato do Mundo.

Soriano Aladren não voltou a ser chamado para dirigir qualquer encontro do Mundo, enquanto Cardellino apenas actuou como fiscal de linha no Itália-Estados Unidos.

Nomeações

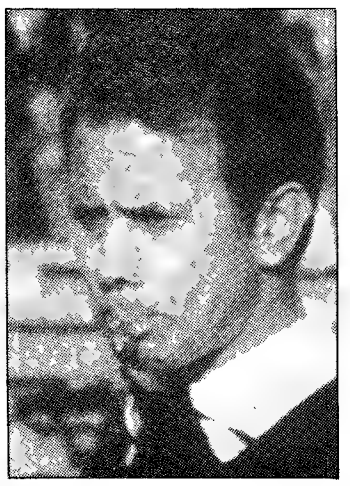
Entretanto para os encontros de hoje e amanhã foram escolhidas as seguintes equipas:

Amanhã: Brasil-Escócia (grupo C): árbitro: Helmut Kohl (Austrália); auxiliares: Siegfried Kirschem (RDA) e Michael Listkiewicz (Polónia); Escócia-Costa Rica (grupo C): árbitro: Zoran Petrovic (Jugoslávia); auxiliares: Alan Snoody (Irlanda) e George Courtney (Inglaterra).

Dia 21: Bélgica-Espanha (grupo E): árbitro: Juan Carlos Loustau (Argentina); auxiliares: Carlos Maciel (Paraguai0 e Vicent Mauro (EUA); Coreia do Sul-Uruguai (grupo E): árbitro: Tullio Lanese (Itália0; auxiliares: Najo Jouin (Tunísia) e Jean F. Diramba (Gabão); Inglaterra-Egipto (grupo F): árbitro: Kurt Roethlisberger (Suíça); auxiliares» Coesal Mendez (Mèxico) e Benny Ulloá (Costa Rica); Irlanda-Holanda (grupo F): árbitro: Michel Vautrot (França); auxiliares: Mohamed Hansal (Argentina) e Richard Lorenc (Austrália).

António Garrido comenta

«Excelente trabalho»



Antigo árbitro internacional e actual delegado da FIFA, António Garrido comentou para o «DL» a actuação de Carlos Valente no Roménia-Argentina de ontem.

Se eu tivesse sido incumbido, como delegado da FIFA para observar a actuação de Carlos Valente no encontro de ontem, ter-lhe-ia atribuído a nota 8, na escala 1-10, o que equivale a ter considerado excelente o trabalho produzido. É certo que Carlos Valente começou com excessivo nervosismo o que é natural, não só por se tratar dum encontro decisivo para as aspirações das equipas em confronto, pela importância de que se reveste qualquer actuação no Campeonato do Mundo e sobretudo devido às fortes pressões que têm vindo a ser exercidas sobre os árbitros. A partir do golo do empate, Valente passou a actuar com bastante serenidade, evidenciou sempre firmeza e decidiu, regra geral, com energia. Tenho, todavia, que fazer um reparo por, na parte final do encontro, ter dado indicações de alguma exuberância o que se estranha, justamente porque é um dos árbitros que pautua a sua actuação pela sobriedade.

Tecnicamente não cometeu qualquer atropelo às leis do jogo, apitou — como total acerto e sempre no momento exacto. Uma ou outra falha de julgamento, não teve a mínima importância nem qualquer influência no resultado do jogo. Disciplinarmente, penso que agiu defeituosamente ao ignorar uma falta cometida por Maradona e deveria ter mostrado o cartão amarelo ao argentino Batista quando este, nos minutos iniciais, cometeu uma falta merecedora da advertência. Outro lapso, também sem grande importância, consistiu na circunstância de por duas ou três vezes haver desprezado a lei da vantagem.

Na generalidade, Carlos Valente produziu trabalho que muito dignifica a arbitragem portuguesa e seria uma grande injustiça que os dirigentes da Comissão de Arbitragem da FIFA, o mandassem já para Lisboa. Carlos Valente vai certamente continuar em Itália e não será surpreendente que venha novamente a ser eleito para a coordenação de mais um jogo. Mais algumas palavras: excelente a sua condição física o que lhe permite acompanhar o jogo de perto o que, como se sabe, permite acerto no julgamento. Foi pena que os seus auxiliares não se situassem devidamente no terreno, mandando às malvas o preceito da «diagonal» recomendada universalmente. Em suma: Carlos Valente deu mais um exemplo de competência.

INSTALE PORTAS DE SEGURANÇA
E... VÁ DE FÉRIAS DESCANSADO
SEMES
SEMES - SISTEMAS ELECTRONICOS E METALOMECÂNICOS DE SEGURANÇA LDA
Novas instalações
FUNDIÇÃO DE OEIRAS - ☎ 443 03 24

Classificações

Grupo A

Itália - Áustria, 1-0; Estados Unidos - Checoslováquia, 1-5; Itália - Estados Unidos, 1-0 e Áustria - Checoslováquia, 0-1.

	J	V	E	D	G	P
Checoslováquia	2	2	-	-	6-1	6
Itália	2	2	-	-	2-0	4
Áustria	2	-	-	2	0-2	0
EUA	2	-	-	2	1-6	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): hoje — Itália - Checoslováquia (Olímpico, Roma, 20h); e Áustria - Estados Unidos (Comunale, Florença, 20h).

Grupo B

Argentina - Camarões, 0-1; URSS - Roménia, 0-2; Argentina - URSS, 2-0; Camarões - Roménia, 2-1; Camarões - URSS, 0-4; e Roménia - Argentina, 1-1.

	J	V	E	D	G	P
Camarões	3	2	-	1	3-5	4
Roménia	3	1	1	1	4-3	3
Argentina	3	1	1	1	3-2	3
URSS	3	1	-	2	4-4	2

Grupo C

Brasil - Suécia, 2-1; Costa Rica - Escócia, 1-0; Brasil - Costa Rica, 1-0; e Suécia - Escócia, 2-2.

	J	V	E	D	G	P
Brasil	2	2	-	-	3-1	4
Escócia	2	1	-	1	2-2	2
Costa Rica	2	1	-	1	1-1	2
Suécia	2	-	-	2	2-4	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): amanhã — Brasil - Escócia (Nuovo Comunale, Turim, 20h); e Suécia - Costa Rica (Luigi Ferraris, Génova, 20h).

Grupo D

Emirados Árabes Unidos - Colômbia, 0-2; Alemanha Federal - Jugoslávia, 4-1; Jugoslávia - Colômbia, 1-0; e Alemanha Federal - Emirados, 5-1.

	J	V	E	D	G	P
RFA	2	2	-	-	9-2	4
Colômbia	2	1	-	1	2-1	2
Jugoslávia	2	1	-	1	2-4	2
E. Árabes	2	-	-	2	1-7	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): hoje — Alemanha Federal - Colômbia (Guiseppe Meazza, Milão, 16h); e Jugoslávia - Emirados (Renato dall'Ara, Bolonha, 16h).

Grupo E

Bélgica - Coreia do Sul, 2-0; Uruguai - Espanha, 0-0; Bélgica - Uruguai, 3-1; e Espanha - Coreia do Sul, 3-1.

	J	V	E	D	G	P
Bélgica	2	2	-	-	5-1	4
Espanha	2	1	1	-	3-1	3
Uruguai	2	-	1	1	1-3	1
C. Sul	2	-	-	2	1-5	0

Faltam disputar os jogos: dia 21 — Bélgica - Espanha; e Coreia do Sul - Uruguai.

Grupo F

Inglaterra - República da Irlanda, 1-1; Holanda - Egipto, 1-1; Inglaterra - Holanda, 0-0; e Irlanda - Egipto, 0-0.

	J	V	E	D	G	P
Inglaterra	2	-	2	-	1-1	2
Irlanda	2	-	2	-	1-1	2
Holanda	2	-	2	-	1-1	2
Egipto	2	-	2	-	1-1	2

Faltam disputar (horas de Lisboa): dia 21 — Inglaterra - Egipto (20h, em Cagliari); e Holanda - Irlanda (20h, em Palermo).

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Soviéticos despedidos, argentinos

Começa o desmanchar da feira: na hora em que a angústia à hora do chá ainda rodeia outros «teams», a outrora poderosa formação futebolística da União Soviética faz as malas e, a esta hora, sem orgulho nem proveito, vai depositar Lobanovski perante a 2.ª dose de julgamento público. Carregando tardiamente no acelerador, os soviéticos impingiram uma goleada aos Camarões, mas a coisa ficou em família, porque também Valeri Nepomniachi nasceu no Turquestão e tem boa fatia dos seus 43 anos como assistente do professor Lobanovski, o mestre que deixa agora passagem para um discípulo. Como diria Albino Forjaz de Sampaio: «Nunca é bom ensinar-se tudo ao nosso mordomo...»

Adiante: a URSS foi embora, não deixou qualquer relevante cartão de cumprimentos, o «Mundial» fica com sete escolhidos no regaço. Exacto:» Itália e Checoslováquia (Grupo A), Camarões e Roménia (B), Brasil (C), RFA (D) e Bélgica (E). Quanto ao resto dos eleitos, muitas interrogações moram ainda no horizonte e, provavelmente, até ao lavar dos cestos, quando o sol recolher a casa para a noitada de 5.ª-feira. Palpitar qualquer juízo dos tempos que vêm aí será pura estultícia. Mas, vamos a isso: também Zandinga, Hórus, a astróloga Sara ou a vidente Licas muitas vezes metem os pés pelas mãos e sai tripla no Totobola das nossas interrogações. Dá para tudo. Até para Dom Dieguito e sua corte ficarem à espera de um 3.º lugar que dê pulo em frente.

Pois é: quem poderá dar o braço aos poderosos germânicos da alta calibragem para o golo? Jugoslávia tem mais hipóteses do que Colômbia, até porque esta tarde terá pela frente os imberbes mocinhos árabes que, a chá e laranjada, não ganharam peito e pernas suficientes para se baterem nestas andanças. Ivkovic e seus parceiros de nacionalidade vão tentar golos em número acautelador de qualquer surpresa desencadeada pelos colombianos no diálogo com germânicos, «team» que já se prepara para entregar o testemunho de Beckenbauer para Berti Vogts. Que poderá fazer o excêntrigo Higuita face à eficiente pontaria, à gula pela baliza de Voeller e Mathaeus? Certamente que não voltará a repetir aquelas loucas sortidas pelo relvado fora, porque os mocetões da Alemanha não têm perdoado. Nem ao gato.

Portanto, contemplados os cartazes de Milão e Bolonha, ficará definido quem salta em frente no Grupo D da maratona colorida dos mais variegados matizes. Aliás, o mesmo que irá acontecer quando, ao cair da noite, o pano resvalar sobre o conjunto onde Checoslováquia e Itália atempadamente ganharam carta de alforria. A hipótese de dois pontos no erário final dos valsistas colegas de Polster chegará para repescagem num comboio em andamento?

Apurado o periclitante Brasil, sempre tão capaz do óptimo como do mais frágil, quem o seguirá no mesmo golpe de asa do 3.º Grupo? Escócia, Costa Rica e Suécia ainda depositam esperanças para a noite de amanhã. Os homens do saiote aparentemente com pequena dianteira: 2-2 em matéria de tentos obtidos e sofridos, brasileiros mudando o «onze» e (certamente) fazendo apelo a Aldair e Romário, já para não citar Ricardo Rocha, uma vez que um novo castigo de Mozer (tão bom jogador como futebolista indisciplinado) implica que se encontre parceiro para Ricardo Gomes. Ora, como Valdo se queixa da clavícula esquerda e a *torcida* exige Bebeto a tempo inteiro, é mais que certo: Romário será espectáculo em Turim, provavelmente ficando Careca na lateral, ao lado de um Lazaroni que não consegue, mesmo passando até novo patamar de esforço, convencer paulistas e cariocas de que está com a inteira razão e Renato Portallupi pode zarpar para a Tijuca que não provocará qualquer oscilação no paquete *canarinho*.

Porém, se a Escócia (por força de golos logrados) tem levíssima dianteira, nada implica que se coloque na obscuridade a dupla Costa Rica / Suécia, aqui com vantagem dos homens de outro continente caso a Suécia não consiga mais de dois tentos de superioridade na conversa entre ambos. De qualquer modo, venha o Diabo e escolha.

Cartaz romeno em estádio italiano: «Itália, não nos mandes para a morte. SOS»

DIGEST

Donadoni rei do pano verde

O italiano Roberto Donadoni, para além do seu reconhecido talento como futebolista, tem-se também revelado, no decorrer do Mundial de futebol como um «ás» no bilhar.

O médio-atacante da selecção transalpina, que cria sempre muitos problemas aos defesas adversários, pela sua rapidez e imaginação, é também um perito no bilhar, mostrando-se imbatível frente aos seus colegas de selecção, nas várias partidas realizadas nos intervalos dos jogos do Mundial.

Segundo o porta-voz da formação transalpina, a superioridade de Donadoni no bilhar é tão evidente, que os seus colegas se têm recusado a ser seus adversários.

Freiras também torcem

Distantes já os tempos em que as aparências de recolhimento e divórcio das atracções terrenas caracterizavam a existência conventual feminina, eis que as freiras de Roma assumem publicamente o seu interesse pelas coisas do Mundial de Futebol.

De facto, e segundo o diário espanhol «El Pais», nas comunidades freiráticas da capital transalpina, inclusive nas das mais rigorosa clausura, reza-se com exemplar elevação de espírito pelo bom destino da prova em geral, e pelo êxito das selecções dos países do Terceiro Mundo em particular.

E para avaliarem do sucesso maior ou menor das suas generosas orações, as religiosas reivindicaram e obtiveram das respectivas superioras algumas alterações no horário dos seus afazeres conventuais, de modo a poderem assistir à transmissão televisiva de alguns encontros, com particular incidência nos participados pelas equipas «pobres» dos Camarões, Egipto, Colômbia e Costa Rica.

Algo mais complexo é o caso da madre Gilda Oliveira, de 34 anos, brasileira de nascimento, adepta sem reservas da «selecção canarinha» e amiga de alguns jogadores do «escrete», como é caso de Bebeto. Conforme revelou com candura aos jornalistas, quando assistiu televisivamente à entrada em campo do seu afeiçoado Bebeto, no jogo Brasil - Costa Rica, madre Gilda ergue-se emocionada da cadeira, e soltou um grito da mais pura e cristã alegria.

No seu convento das Escravas da Caridade, no caminho romano do Casaletto, madre Gilda já içou, orgulhosa e beneficiente, a bandeira do Brasil que, garante-o, se manterá a ondular até à final do Campeonato do Mundo, que a sua comunidade aspira — seja entre Itália e Brasil.

Jogo de reis

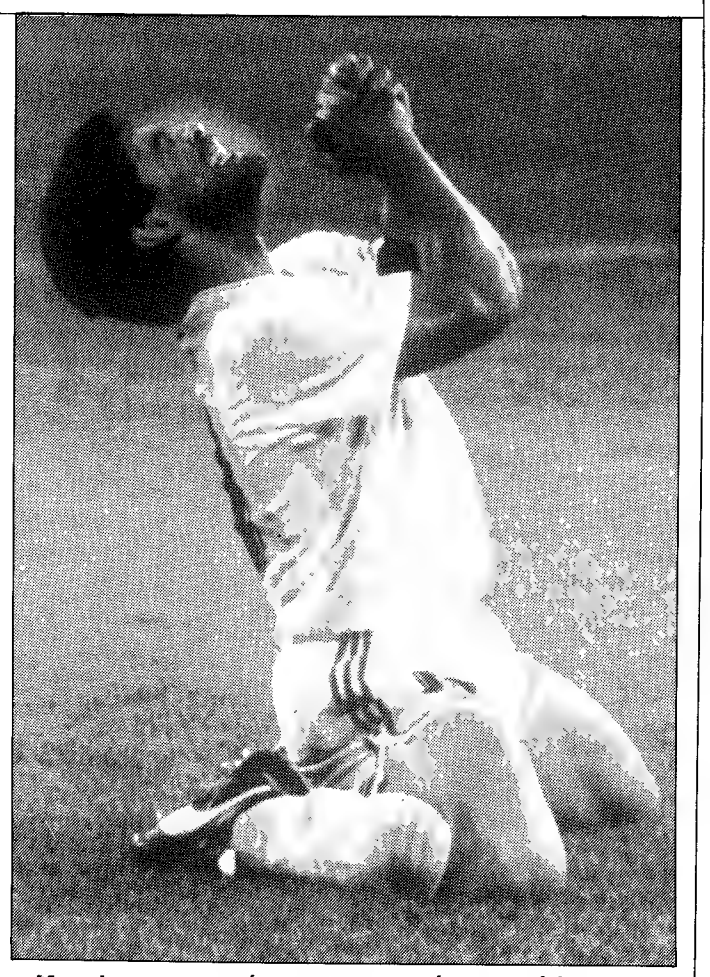
O próximo encontro Bélgica - Espanha, na tarde de quinta-feira, decisivo para as aspirações dos nossos vizinhos vai ter espectadores especiais: Juan Carlos e Balduino vão a Verona dar apoio aos seus súbditos e transformar este prélio num jogo de reis.

à espera

Baggio vai hoje jogar ao lado de Schillachi, quando toda a Itália faz preces para o mais caro jogador do Mundo mostrar habilidades junto com as belas pernas do papá de ouro, do novo ai-Jesus que a Juventus lançou no colorido *mundito* dos milhões. Roma ou Bari? Que cidade vai ter nas palminhas o esquadrão de Sachi?

Resta o último golpe na matança de inocentes: Espanha ou Uruguai? Os dois juntos, calcando uma Coreia do Sul que não possui artimanha, talento, classe ou ambição para andar nestas viagens? Luís Suarez sente, aqui no país ao nosso lado, que a vida está permanentemente viajando sobre o fio de afiada navalha: onde está um «hincha» poisa sempre um novo seleccionador. Michel salvou a honra do convento no colóquio com os simpáticos e modestos coreanos: restará saber qual será o comportamento do bloco quando estiver perante a espada volteante dos diabos vermelhos vindos de Bruxelas. Quanto ao Uruguai, que comportamento irá rubricar Francescoli, um fora-de-série que (amiúde) se queda num apagamento que parece assim a modos que comparativo ao do nosso Fernando Mamede quando lhe aparece a «dor de burro»?

Enfim: o que for, soará no Grupo F, onde o quadrunvirato de bandeiras «está perfeitamente sincronizado», como diria o saudoso Vasco Santana. «Os automatismos perfeitamente idênticos», na opinião de Toni. «Cada qual à espera de estampar o contrário na valeta»: corajoso, ousado e sapiente alvitre que me sugere o Gomes das sardinhas assadas que, nisto de adivinhar o que vai acontecer no negócio da «chicha» é infalível. Para que se saiba: anda há oito anos enriquecendo porque aposta sempre contra o Sporting...



Maradona a rezar é mesmo o que é necessário, para que a Argentina consiga a repescagem

Roménia, 1 - Argentina, 1

Sete vezes o amarelo põe equipas em sentido

Carlos Valente não foi de modas: aos 1.os sinais de que os romenos estavam tentando fazer a sua força com base em dureza demasiada, mostrou o cartão amarelo a Lacatus e Hagi. Permanentemente em cima do lance, o juiz português esteve impecável, num jogo em que a defesa em linha argentina travou muitas investidas dos europeus de Leste. Rotariu perseguiu Maradona em todo o palco e, como Lacatus esteve desastrado e Hagi receoso nas entradas, as vedetas maiores não brilharam.

Excelente arbitragem de Carlos Valente, que esteve auxiliado por Longhi (Itália) e Ulloa (Costa Rica).

ARGENTINA: Sergio Goycochea; Pedro Monzon, Juan Simon, Jose Serrizuela e Pedro Troglio (Ricardo Giusti, 53 minutos); Sergio Batista, Jorge Burruchaga (Gustavo Dezotti, 61), Jose Dasualdo e Julio Olarticochea; Claudio Caniggia e Diego Maradona.

ROMÉNIA: Silviu Lung; Mircea Rednic, Michael Klein, Ioan Andone e Iosif Rotariu; Gheorghe Popescu, Ioan Sabau (Dorin Mateut, 83), Ionut Lupescu e Gheorghe Hagi, Marius Lacatus e Gavril Balint (Danut Lupu, 72).

Golos: Pedro Monzon e Gavril Balint. Cartão amarelo para Lacatus, Hagi, Lupescus, Serrizuela e Batista. O romeno Lacatus não poderá alinhar no próximo jogo do seu país, o mesmo acontece ao argentino Batista.

URSS, 4 - Camarões, 0

Protasov e camaradas fazem hoje as malas

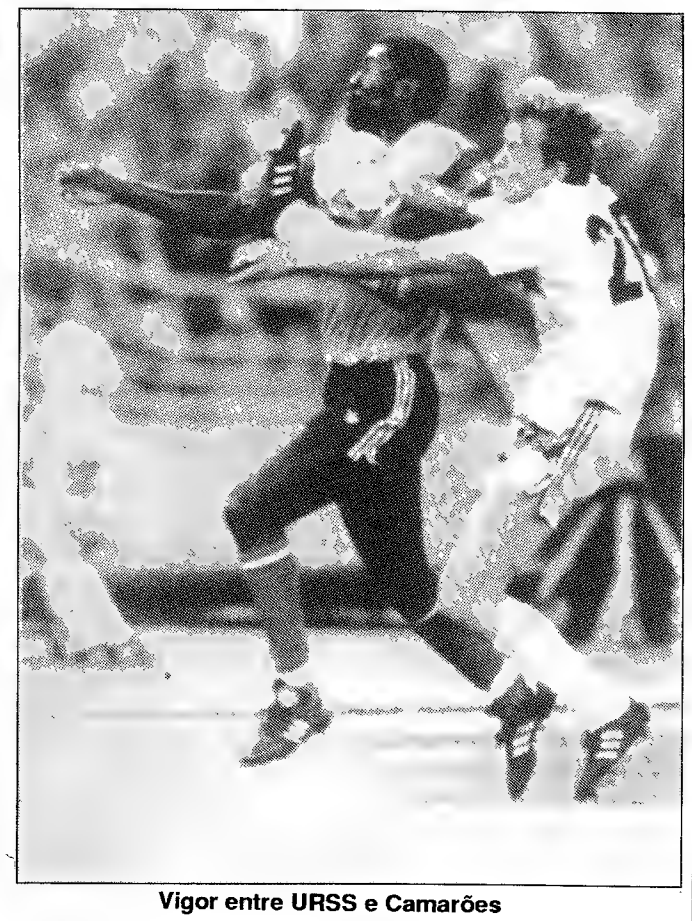
O largo triunfo dos soviéticos de nada serviu: a equipa morando no último lugar do grupo; disse adeus ao Mundial. Curiosidade: foi a 1.ª derrota dos Camarões em fase final de uma competição deste gabarito: mas justificada pela displicência com que, já triunfantes no Grupo,l encararam o jogo que era apenas de compromisso e repouso para as suas melhores «estrelas». Fica seriamente equacionada a continuidade de Valeri Lobanovski, muito contestado pela falta de resultados favoráveis para os «teams» que ultimamente vem orientando na União Soviética.

Boa direcção do brasileiro José Ramiz Wright.

Camarões: Thomas Nkono; Jules Onana, Bertin Ebwelle, Emmanuel Kunde (Roger Milla, 34), e Stephen Tataw, Victor Ndip, André Kana, Biyik, Emil Mbouh e Louis Mfede e Cyrille Makanaky (Jean-Claude Pagal, 56) e François Oman Biyik.

União Soviética: Alexander Uvarov, Vagiz Khidiyatullin, Oleg Kuznetsov, Anatoly Demyanenko e Sergei Gorlukovich; Sergei Aleinikov, Gennady Littovchenko (Ivan Yaremchuk, 72), Andrei Zygmantovicth e Igor Shalimov (Alexander Zavarov, 2.ª parte; Oleg Protasov e Igor Dobrovolsky.

Golos: Oleg Protasov, Zygmantovich, Zavarov e Dobrovolsky. Cartão amarelo para Biyik, Roger Milla, Khidiyatullin e Protasov.



Vigor entre URSS e Camarões

Beenhakker à beira do despedimento

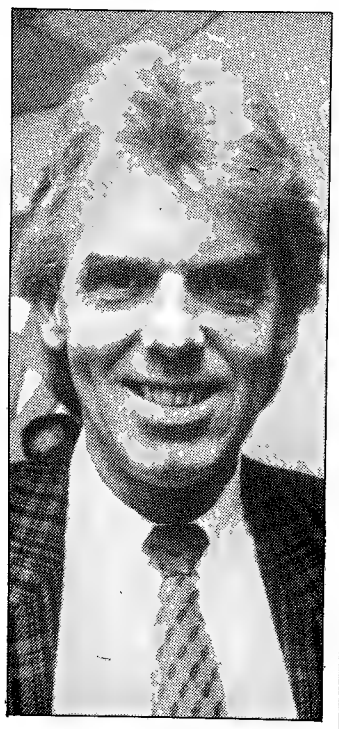
Leo Beenhakker, o técnico da selecção holandesa de futebol, corre o risco de abandonar o cargo na próxima quinta-feira se os campeões europeus não vencerem a República da Irlanda na última jornada do Grupo «F» do Mundial.

«Temos de ganhar para ter a certeza de que passamos aos oitavos de final», afirmou Beenhakker, 47 anos, nomeado treinador da selecção «laranja» apenas para o Campeonato do Mundo, após substituir o técnico Thijs Libregts, contestado pelos jogadores da selecção.

Além de ter poucos meses para preparar a equipa «à sua maneira», Beenhakker teve de se conformar com o facto de não ser o treinador desejado pelos jogadores da «laranja mecânica», que tinham pedido a substituição de Thijs por Johann Cruyff.

Ainda a gozar da glória alcançada com a conquista do título europeu, em 1988, a selecção holandesa tem desiludido os adeptos de bom futebol, com exibições sem história frente à Inglaterra e ao Egipto. Beenhakker, no entanto, considera que o problema não é de agora, dizendo:

«Todos parecem querer viver no passado, em 1988, mas, agora, estamos em 1990 e temos de reconhecer que a selecão não faz um jogo já há dois anos. Estou farto do mito europeu. Todos — jogadores, delegação, patrocinadores — apostaram em limitar-se a recordar como eram as coisas em 1988», disse.



O treinador holandês está em maus lençóis

ESTA SEMANA HÁ JACKPOT

totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

OS JOGOS NA TV

Hoje

RFA - COLÔMBIA

RTP 2 16H00

ITÁLIA — CHECOSLOVÁQUIA

RTP 1 — 20H00

Walter Zenga	1	Jan Steijskal
Franco Baresi	2	Julius Bielik
Guiseppi Bergomi	3	Miroslav Kadlec
Luigi Agostini	4	Ivan Hasek
Ciro Ferrara	5	Jan Kocian
Riccardo Ferri	6	Frantisek Straka
Paolo Maldini	7	Michal Bilek
Pietro Vierchowod	8	Jozef Chovanec
Carlo Ancelotti	9	Lubos Kubik
Nicola Berti	10	Tomas Skuhravy
Fernando de Napoli	11	Lubomir Moravcik
Stefano Tacconi	12	Peter Fieber
Giuseppi Giannini	13	Jiri Nemec
Giancarlo Marocchi	14	Vlademir Weiss
Roberto Baggio	15	Vlademir Kinier
Andrea Carnaval	16	Vilian Hyravy
Roberto Donadoni	17	Ivo Knoflicek
Roberto Mancini	18	Milan Luhovy
Salvatore Schillaci	19	Stanislav Griga
Aldo Serena	20	Vaclav Nemecek
Gianluca Vialli	21	Ludek Miklosko
Gianluca Pagliuca	22	Peter Paluch

Amanhã

BRASIL - ESCÓCIA

RTP 2 20H00

FORA DE JOGO

O efeito - Camarões

Esta crónica parte do Festival de Cinema de Tróia, próximo do fim, quando ainda passa no ar misturado com as nuvens que nos tapam o sol, o efeito — Camarões. A população já familiar desta coriácea manifestação cultural, oscilado entre as fitas independentes, baratinhas, mas, às vezes, fortemente afirmativas, e a fífia inicial do team de Maradona, tem um olho no grande ecrã e o outro no pequeno, o que lhe dá, aqui e ali, a pose da sobrancelha franzida. Conversam assim:

—O filme do Jarmusch tem piada. Se o remate do Vialli não tem sáido ao lado tinha entrado.

—O filme do Démy, é absolutamente revivalista. E os soviéticos, ahn?, a verem-se gregos com os romenos?

— Os holandeses do Milão, estão nas lonas.

— Tiveram muito *pressing*, muito campeonato, muita canelada.

— Ainda aparecem. E os espanhóis a verem jogar o Uruguai? A fita dos miúdos do *jazz* é muito simpática. Os ingleses não se safam. A Irlanda já os avisou.

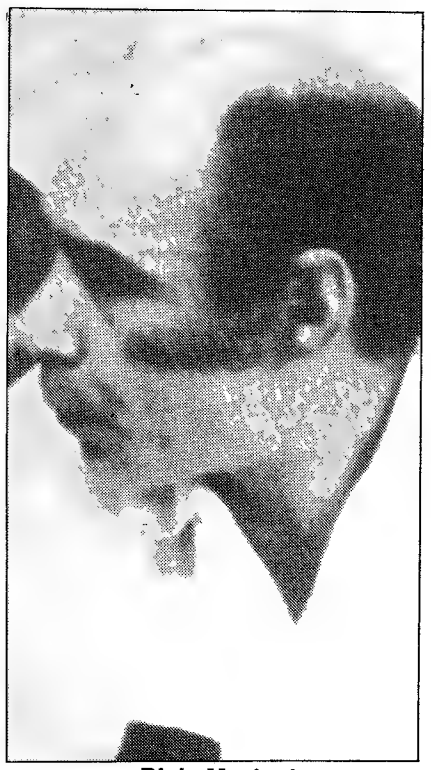
— A Irlanda é do campeonato deles. Fica tudo na ilha. A fita húngara filia-se numa área da estética metalúrgica decadente.

— E os Camarões, pá? E os Camarões?

— É verdade, os Camarões.

— Vocês estão a falar nos Camarões? Não vi o segundo jogo por causa da retrospectiva. E a maionaise caiu-me mal.

— Perdeste os Camarões? É pá, os Camarões não se podem perder.



Dinis Machado
Escritor

— Eu vou entrar para sócio. Se não ganhar o Brasil, ganhem os Camarões.

Do lado de fora das conversas: o meu pequeno televisor, quando o ligo, dá-me uma profusão de risquinhos, inscrevendo-se, de um modo geral, no universo, de uma certa tecnologia abstracta experimental. Daí que eu ande com o nariz no ar a perguntar qual foi o resultado.

— Hoje ganhou a Jugoslávia — diz-me outro. Vê-se bem no bar ao lado do restaurante. Viste a fita francesa do coiso?

— Da Jugoslávia já sei. Mas o outro jogo?

—)O resultado desse ainda não sei. Tenho de ver é o jogo dos Camarões.

— Vocês estão a falar nos Camarões?

Não sei se os Camarões terão águas propícias na fase seguinte. Mas que são mais apaparicados do que o Chris Walken terá sido, disso não há dúvida.

— Diziam que eles não tinham bolas, jogavam com cocos. Pois toma lá e aprende.

Diz outro:

— Uma equipa com nome de marisco tinha de ser de luxo. E mais vale cair em graça do que ser engraçado.

Assim falou o Silva, ou o Oliveira, escutado atentamente pelo finlandês que não percebe patavina entre o Joris Ivens, o «Quem espera por sapadas de defunto morre descalço», a aflição do Lazzaroni no banco dos réus, uma conferência de imprensa, o «Suffering Bastards» — e o tiraço do Zevekwrowstich (?), ou do Abdul não sei quê, que o guarda-redes defendeu com os pés.

— Vocês viram?

Hooligans estão a perder

FIFA felicita a polícia

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) congratulou-se já com a forma como as autoridades italianas controlaram os «hooligans» e a violência desportiva no Mundial.

O secretário-geral da FIFA, Sepp Blatter, referiu que «a Polícia italiana realizou um trabalho sensacional», acrscentando: «Os nossos parabéns ao Governo italiano, especialmente ao Ministério do Interior que coordenou as operações.»

A Polícia transalpina teve de actuar sábado, antes do jogo Holanda-Inglaterra, lançando gás lacrimogéneo e utilizando bastões, para afastar adeptos ingleses, dispostos a actos de violência.

A rápida e eficiente actuação das autoridades evitou mais incidentes, tendo o jogo de Gagliari terminado sem que se registassem problemas de maior entre a assistência.

Imagens de Cagliari, com a polícia de choque a perseguir adeptos ingleses

RFA pede devolução dos «holigans» detidos

O Governo alemão-federal pediu ontem às autoridades italianas que permita o regresso a casa dos «holigans» germânicos detidos no Mundial, após envolvimento em actos de violência e vandalismo.

O consul alemão-federal Manfred Steinkueller solicitou às autoridades transalpinas uma maior flexibilidade e tolerância para com os adeptos detidos, após o jogo RFA-Jugoslávia (4-1), advertindo que estes correm o risco de perderem os seus empregos na RFA, caso não sejam rapidamente libertados.

Os oito adeptos detidos, cujas idades oscilam entre os 20 e os 30 anos, enfrentam penas até oito meses de prisão, sob a acusção de actos de vandalismo e resistência à autoridade policial. Foram detidos quando um grupo de cerca de mil adeptos da selecção germânica, munidos de barras de ferro, resolveram destruir as montras de algumas lojas, em Milão, causando posteriormente incidentes na estação dos caminhos de ferro local.

Candongueiros apanhados

As brigadas da Polícia antifraude apanharam em Turim quinze candongueiros com a boca na botija: nas imediações do Estádio delle Alpi preparavam-se para despachar 120 bilhetes.

A acção foi aproveitada pela Polícia italiana como um êxito das brigadas especiais. Os polícias têm-se misturado com os «tiffosi» sem suscitar grandes atenções e actuam com eficiência.

Em Palermo, circulavam rumores de que o mercado negro de bilhetes estaria nas mãos da Mafia. A Federação Irlandesa de Futebol, a quem se atribuía a afirmação foi obrigada a desmentir tal afirmação, mas fê-lo sobretudo com medo de represálias.

Em Roma, porém, os candongueiros parecem mais bem organizados. Actuam em postos estratégicos, às vezes nas barbas da Polícia que ainda não conseguiu nenhuma detenção espectacular.

De qualquer modo para a candonga a vida está difícil: além da perseguição policial, os intervenientes neste negócio são obrigadoas a um verdadeiro contra-relógio pois os preços baixam consideravelemnte à medida a que a hora do jogo se aproxima. E a prevista eliminação de equipas à partida tidas como favoritas também não ajuda nada no negócio.

Amanhã

Romário regressa ao «escrete»

O avançado brasileiro Romário que sofreu uma fractura na perna há três meses, vai defrontar amanhã a Escócia, para o Grupo «C» do Mundial de Futebol Itália-90, num jogo que assinalará o seu regresso à alta competição. Romário lesionou-se na Holanda, num jogo pela sua equipa, o PSV.

«Posso confirmar que Romário vai jogar, salvo algum imprevisto de última hora» — disse o seleccionador brasileiro Sebastião Lazaroni, depois de mais um treino da selecção canarinha em Asti, no Norte de Itália.

Romário tem criticado Lazaroni por o excluir da equipa brasileira, que actuou contra a Suécia e Costa Rica, mas agora, Lazarni deixou transparecer a ideia de que irá efectuar alterações na equipa brasileira, havendo quem adiante a mudança de três jogadores.

«Agora que o Brasil soma quatro pontos e está já apurado para os oitavos de final é altura de dar uma oportunidade aos outros jogadores. É isso que vou fazer», comentou Lazaroni.

O técnico do Brasil tem sido alvo de críticas pelo sistema táctico que tem vindo a adoptar, havendo quem o acuse de se preocupar demasiadamente com o aspecto defensivo.

Apesar das críticas, Lazaroni foi categórico ao afirmar: «Vamos jogar outra vez com apenas dois avançados e a nossa maneira de actuar vai-se manter.»

Uma das dúvidas de Lazaroni é escolher entre Ricardo Rocha, (ex-sporting), Marinho e Aldair para o lugar de Mozer, que não pode alinhar depois de ter averbado dois cartões amarelos.

Entretanto, Bebeto, um avançado talentoso que ainda não teve uma oportunidade a sério, para demonstrar o seu valor, sofreu uma contusão no joelho, num treino, tendo realizado uma radiografia para apurar a gravidade da lesão. O dianteiro do Vasco da Gama também não tem poupado o técnico Lazaroni, que só o colocou em campo frente à Costa Rica nos últimos sete minutos de jogo, não lhe dando tempo para «brilhar»'

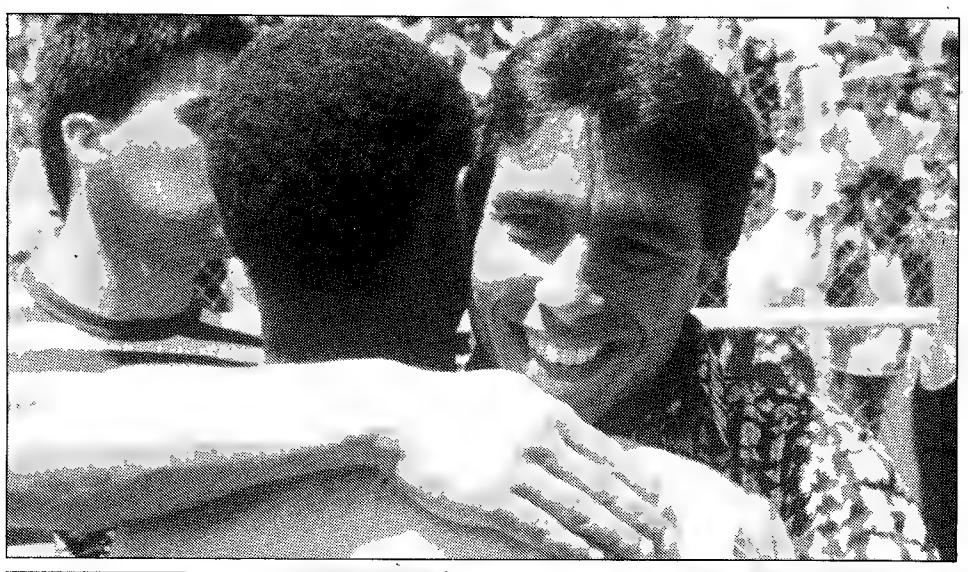
Lazaroni não parece perturbado com a existência de «rebeldes» no seio da equipa, dizendo com toda a calma: «Não posso impedir os jogadores de desabafarem com os jornalistas e de darem a sua opinião, mesmo que me critiquem.»

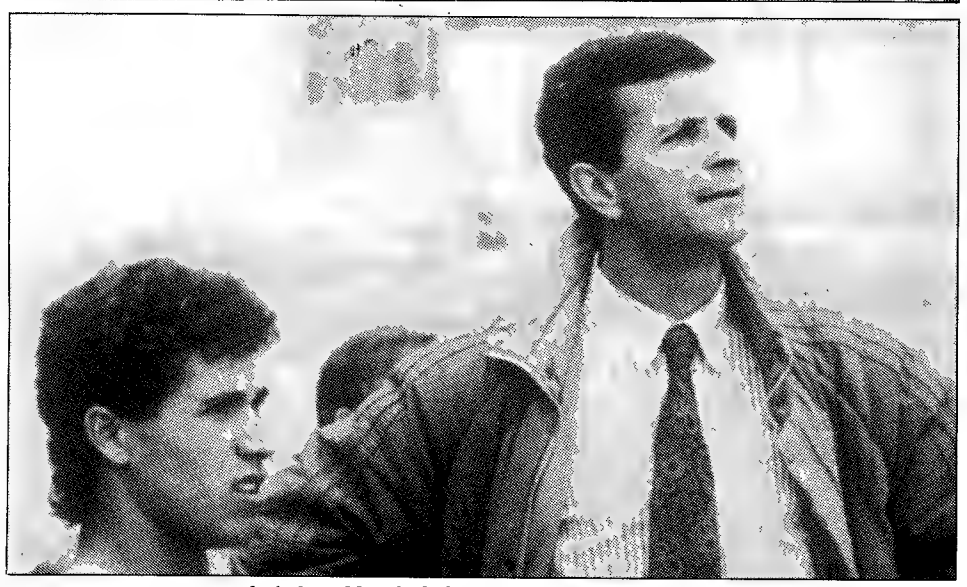
DESPORTO

Inácio e Nené: continuidade no patamar do êxito

Augusto Inácio e Tamagnini Nené foram dois excelentes futebolistas e profissionais de comportamento que justificou pleno apreço em toda a extensão da sua carreira, culminada com a continuidade nos clubes onde terminaram a actividade de artistas de raro talento, engenho e arte, sendo promovidos a treinadores das classes jovens. Dois técnicos que constituem inquestionável exemplo de desportivismo e por isso colocados no patamar que melhor se molda à imagem que evidenciaram no decurso da sua passagem pelos palcos do futebol português. No passado domingo, estiveram frente a frente nas Antas a dirigir as equipas de juniores num encontro que terminou com o triunfo dos «dragões» por 4-0 o bastante para que os comandados de Augusto Inácio festejassem antecipadamente mais um título nacional, tendo Nené protagonizado gesto bonito ao reconhecer a superioridade do seu opositor.

Refira-se, a título de curiosidade, que das 49 edições do Campeonato Nacional de juniores, o Benfica somou 20 títulos, seguindo-se o FC Porto (14), Sporting (8), Académica (3) e ainda Unidos do Barreiro, Leixões, Belenenses e Braga.





Inácio e Nené: êxito com os jovens

BREVES

Oeiras: corrida para todos

«Oeiras convida-vos a correr», foi o sugestivo título de uma iniciativa desportiva promovida pela Câmara Municipal de Oeiras e que decorreu na pista sintética do Estádio Nacional. Foi a 1.ª corrida aberta a todos, colocando em pista cerca de 250 participantes que eram convidados a avaliar as suas capacidades de resistência sem andar ou parar, uma ou duas horas, conforme a sua própria opção.

Sem intuitos competitivos (salvo em relação a si próprios) atletas de ambos os sexos e de todas as idades, uns correndo mais rápido outros mais lentamente, deram um colorido diferente ao Estádio Nacional, não faltando banda de música no meio do relvado, animando a participação desportiva.

A Câmara Municipal de Oeiras, com esta iniciativa, abre um novo ciclo de actividades desportivas, levando à pista aquilo que já sucede na estrada: a corrida para todos.

Clube Atlético de Alvalade promove sarau anual

Integrado nas comemorações do seu 40.º aniversário, vai o Clube Atlético de Alvalade realizar o sarau anual que decorrerá a partir das 21 horas da próxima sexta-feira (dia 22) no Pavilhão do Inatel, em Lisboa. Recorde-se que o CAA desenvolve intensa actividade no desenvolvimento da actividade física e cultural com classes de ginástica, judo, «aikido», «full contact», «karate», natação, bailado, dança moderna, «yoga», artes decorativas e campismo. Uma colectividade de inquestionável utilidade pública.

Atlético Figueirense domina o «full contact»

O Atlético Figueirense, com 42 pontos, foi vencedor da temporada desportiva de «full contact», na disciplina de «semicontact» e, na qual, participaram 236 atletas, distribuídos por 36 equipas.

O segundo lugar da classificação final por equipas coube à Académica Loios/Santa Iria da Azoia, seguida do Ginásio Clube Mirandelense.

Jogos de Almada

Os II Jogos Desportivos de Almada, organizados pelo Pelouro de Desporto da Câmara Municipal, com o apoio das colectividades e o patrocínio das juntas de freguesia do concelho, continuam a decorrer com total empenhamento dos milhares de jovens que responderam à chamada feita pelo sector da autarquia agora liderado pelo vereador António Matos e que conta com a excelente colaboração dos técnicos Joaquim Marreiros e Pedro Carrilho.

Para a história desta 2.ª edição do importante acontecimento desportivo de raiz popular (por alguns denominado por «Almada Sport») registamos o nome dos clubes que treparam ao pódio na modalidade de futebol de salão: 1.º escalão: 1.º Clube Recreativo Barroquense; 2 .º Clube Recreativo Alagoa; 3.º CM B. Matadouro; 2.º escalão: 1.º CM Bairro do Matadouro; 2.º CR Barroquense; 3.º Clube Desportivo de Almada; 3.º escalão: 1.º Esc. Prep. de Almada; 2.º Núcleo Desp. da Trafaria; 3.º CR Barroquense; 4.º escalão: 1.º CD Cova da Piedade, 2.º Vaidembute; 3.º CR Barroquense; femininos: 1.º Monte de Caparica

Amendoeiras: crosse de luxo

Em reunião realizada em Bruxelas o Crosse Internacional das Amendoeiras que a Região de Turismo do Algarve realiza anualmente na pista da Aldeia das Açoteias (Albufeira) foi, unaninemente considerado o «melhor do seu género em toda a Europa». Tal distinção foi motivada pelos aspectos organizativos, de competição, traçado do percurso e apoio a atletas.

A referida reunião congregou a participação dos organizadores das 8 provas que em 1990/91 e no âmbito da CEE vão constituir o calendário da Europa Cross Cup. Esta nova competição de atletismo será disputada nos moldes idênticos à Fórmula Um do automobilismo, com os atletas a pontuarem nas várias provas em que participam e havendo uma classificação final, com um valioso prémio pecuniário atribuído pela Comunidade Económica Europeia. Os diversos crosses foram agrupados nos escalões A e B, conforme a sua importância e tal determinará também a pontuação a atribuir.

O Crosse Internacional das Amendoeiras a disputar em 13 de Janeiro de 1991 faz parte do grupo A e será transmitido para todos os países comunitários, além de outras nações, via TV. Esta época, a Europa Cross Cup consta de 8 provas, mas na época seguinte será disputada em todos os países da CEE. O calendário ficou assim elaborado: dia 4 de Novembro de 1990 — Berlim — República Federal da Alemanha; 15 de Novembro — Roeselare (Bélgica); 2 de Dezembro — Margute (Grã-Bretanha—; 6 de Janeiro — Belfaste (Irlanda do Norte); 13 de Janeiro — Albufeira (Portugal); 20 de Janeiro — Diekirch (Luxemburgo); 27 de Janeiro — Tourcoing (França) e 31 de Março — Zamúdio/Bilbau (Espanha).

O Crosse Internacional das Amendoeiras, como todas estas provas é para atletas femininos e masculinos, disputando-se a 1.ª competição (6000 metros), pelas 10.30h e a prova para homens (10 mil metros), pelas 11.15h.

NÃO GUARDE PARA AMANHÃ
O QUE PODE PENSAR HOJE

Externato Flor do Campo

Contacte-nos
Para garantir vaga
no próximo ano lectivo

Temos:
- Transporte próprio
- Infantil – Primário
- Ciclo Preparatório e Secundário
- Parque infantil e campo de futebol
- Música – Natação
- Ginástica

Aberto todo o ano
das 7 às 20h

Quinta da Carochia, Lt. 4 – B.º Bons Dias
Casal dos Apréstimos – 2675 ODIVELAS
☎ 932 74 22 – 931 54 63

I Série N.º 139
Dia 19 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Decreto-Lei n.º 197/90:
Estabelece normas relativas à carreira de técnico auxiliar dos serviços complementares de diagnóstico e terapêutica de serviços departamentais das forças armadas.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 198/90:
Introduz alterações ao Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 394-B/84, de 26 de Dezembro.

Decreto-Lei n.º 199/90:
Altera o Regulamento das Custas dos Processos das Contribuições e Impostos, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 449/71, de 26 de Outubro.

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 36/90:
Cria no quadro de pessoal do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social um lugar de assessor principal.

Ministério da Administração Interna

Decreto-Lei n.º 200/90:
Adita o artigo 28.º - A ao Decreto-Lei n.º 177/82, de 12 de Maio (estabelece as normas respeitantes à atribuição das medalhas de segurança pública).

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 21/90:
Aprova o Protocolo Relativo à Cooperação para a Formação Profissional na Área das Pescas entre a República Popular de Angola e a República Portuguesa.

Decreto n.º 22/90:
Aprova o Acordo Especial de Cooperação no Domínio das Pescas entre a República Popular de Angola e a República Portuguesa.

Decreto n.º 23/90:
Aprova o Protocolo de Cooperação sobre Investigação Científica na Área das Pescas entre a República Popular de Angola e a República Portuguesa.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 201/90:
Define a disciplina aplicável ao atordoamento dos animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina e solípedes domésticos.

Ministério da Indústria e Energia

Decreto-Lei n.º 202/90:
Estabelece as normas relativas ao fabrico e comercialização do equipamento eléctrico destinado a ser utilizado em atmosfera explosiva.

PESSOAS & FACTOS

Importante acordo entre a Olivetti e a Softnet

No âmbito da política de expansão da sua rede de parceiros, a Oliveti Portuguesa assinou recentemente com a SoftNET um acordo de comercialização e promoção de software **Videotex/Unix**, uma solução desenvolvida e adaptada pela SoftNET para o mercado português, que corre em equipamento Oliveti da linha LSX 3000 (Mc-68xxx), computadores pessoais (Intel) 80286/386) e CP 486 (Intel 486).

A Olivetti reafirma assim a sua estratégia de fornecimento de soluções integradas com a incorporação de software produzido por parceiros locais.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte
Céu muito nublado diminuindo de nebulosidade para a tarde. Vento fraco a moderado de Noroeste. Períodos de chuva fraca ou chuvisco pela madrugada e manhã, em especial no litoral. Pequena descida da temperatura. Neblina ou nevoeiro matinal. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.

Regiões do Centro
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco soprando moderado de Noroeste, com rajadas no litoral. Neblina ou nevoeiro matinal. Pequena descida da temperatura. Mar de pequena vega a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Regiões do Sul
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de Nororeste. Neblina ou nevoeiro matinal. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Regiões do Norte
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Períodos de chuva fraca ou chuvisco, para o fim do dia, no Minho e Douro Litoral.

Regiões do Centro e Sul
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado no litoral Oeste pela madrugada e manhã. Vento moderado de Noroeste.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado pela madrugada e manhã no litoral a Norte do Cabo da Roca. Vento fraco soprando moderado de Noroeste na faixa costeira ocidental. Pequena subida da temperatura.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 2 metro na Costa Sul.

No Funchal
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado a forte.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado.Vento Nordeste moderado a forte.

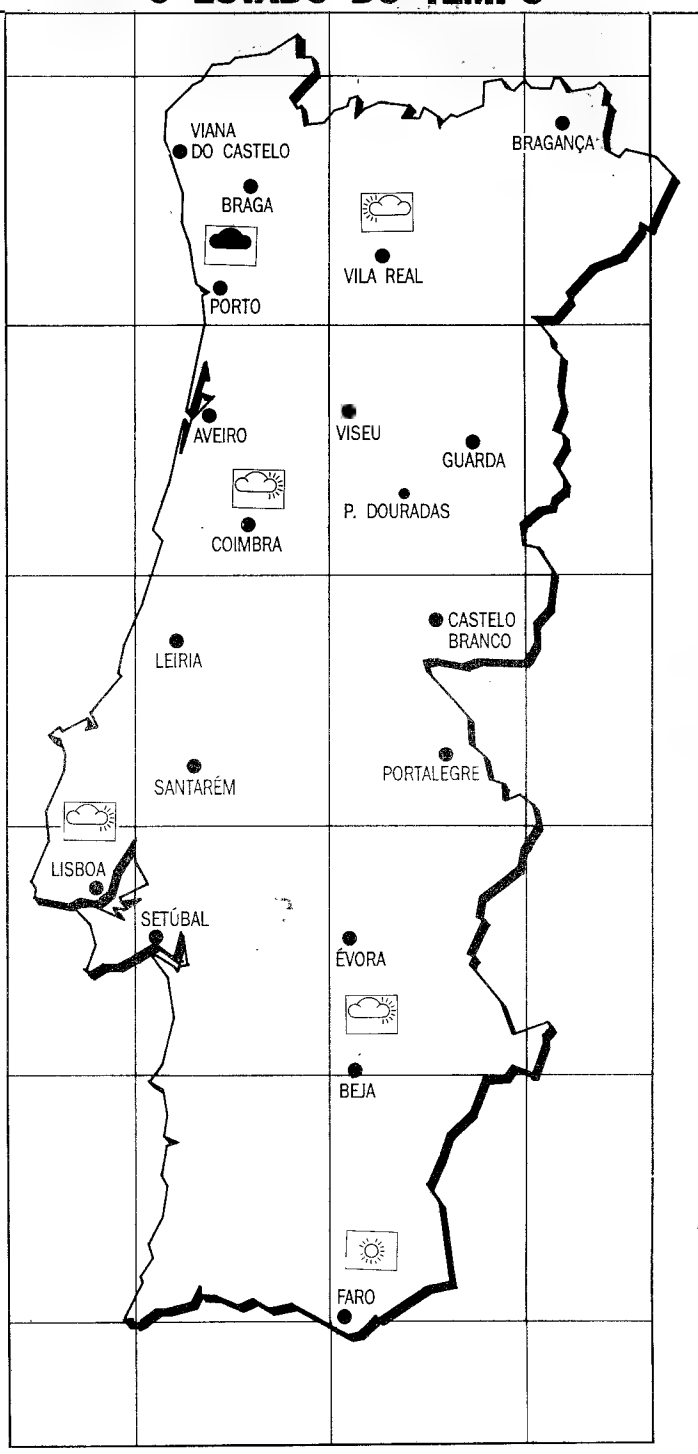
AÇORES

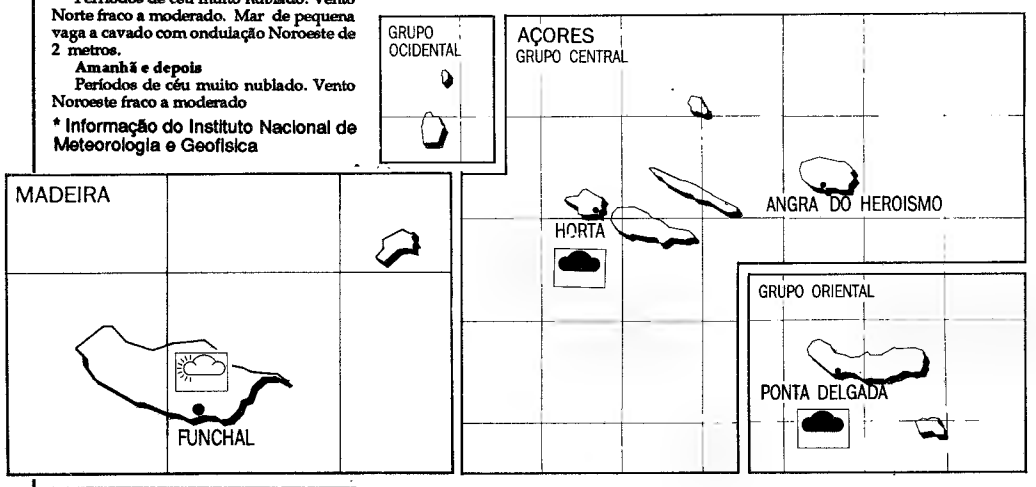
Grupos Ocidental e Central
Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste fraco a moderado. Mar de pequena vaga a cavadocom ondulação Noroeste de 2 metros.

Grupo Oriental
Períodos de céu muito nublado. Vento Norte fraco a moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Amanhã e depois
Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste fraco a moderado

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo	
Céu pouco nublado	
Céu muito nublado	
Chuva	
Trovoada	
Neve	
Vento	
Mar calmo	
Mar encrespado	

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
12.51	3,3m	06.15	0,9m
– –		18.48	0,9m

Amanhã

01.20	3,3m	07.13	0,8m
13.62	3,5m	19.46	0,7m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	15	15	M. nub.
V. Castelo	16	16	M. nub.
Vila Real	14	14	Encoberto
Porto	14	16	Encoberto
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	17	17	Chuvisco
C. Carvoeiro	18	18	Encoberto
C. Branco	14	15	P. nub.
Portalegre	13	14	P. nub.
Lisboa	17	17	M. nub.
Évora	15	15	M. nub.
Beja	12	13	M. nub.
Faro	16	16	Limpo
Sagres	16	16	P. nub.
P. Delgada	16	16	Aguaceiros
Horta	18	18	M. nub.
Funchal	17	17	P. nub.
Sines	-	-	-

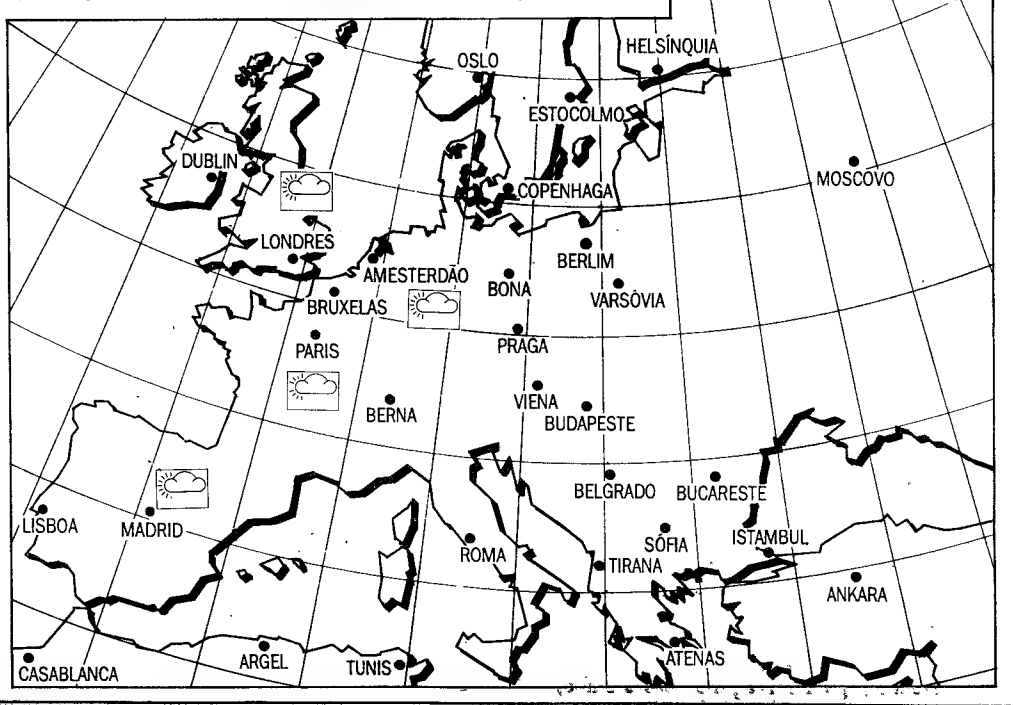
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 21; Faro, 23; P. Delgada, 23; Funchal, 24.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	10	13	P. nub.
Londres	13	14	Chuva
Paris	15	15	Chuva
Bruxelas	16	17	M. nub.
Amesterdão	15	16	Neblina
Genebra	12	14	Neblina
Roma	14	16	Neblina
Oslo	13	14	Chuva
Copenhaga	14	16	Neblina
Estocolmo	8	10	Nevoeiro
Berlim	14	15	Neblina
Viena	16	19	Limpo
Varsóvia	9	14	P. nub.
Atenas	19	22	P. nub.
Moscovo	12	17	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	18	29	P. nub.
Houston	24	36	Limpo
Los Angeles	15	25	Encoberto
Montreal	12	23	Aguaceiros
Nova Iorque	20	30	Encoberto
S. Francisco	12	19	Encoberto
Toronto	15	27	P. nub.
Vancover	13	21	P. nub.
Washington	22	32	Trovoada
Hong Kong	26	31	Aguaceiros
Melbourne	3	11	P. nub.
Pequim	20	26	Nublado
Perth	9	20	Aguaceiros
Singapura	26	32	Encoberto
Sydney	6	13	P. nub.
Tóquio	22	29	P. nub.
Wellington	6	13	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Almirante Gago Coutinho:** Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Anjos - Chile:** Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 821973; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Caminhos Ferro:** Vilalobos Santos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; **Castelo:** Bastos Andrade, Calçada Santos André, 107, Tel. 860450; **Chelas - Zona 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Conde Barão:** Açoreana, Largo Conde Barão, 2, Tel. 661330; **Lapa:** Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 661251; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **Saldanha:** Cardeira, Av. Duque d'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** Central de Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8, 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Bairro Alto: Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321534; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Popular - Av. República:** Alcântara, Av. da República, 74-A, Tel. 771379; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Praça de Londres:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Caxias:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A, Tel. 2432829; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 182, Tel. 2432034. Permanente; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 247785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Permanente; S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Pinto Leal, R.Ferreira de Castro, 61 - Massamá, Tel. 4378402. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ - Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073023. Permanente.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Wilson reconhece a derrota nas eleições

O primeiro-ministro Harold Wilson reconheceu praticamente a vitória dos seus adversários nas eleições gerais ao declarar hoje de manhã, numa entrevista pela BBC: «Os números tornam extremamente provável que os conservadores obtenham a maioria.» Os jornais londrinos proclamam hoje o chefe conservador Edward Heath como o novo primeiro-ministro britânico, depois de terem sido apurados os resultados das eleições gerais de ontem em dois terços dos círculos disputados.

Balduíno visita Kinshasa

O Chefe do Estado congolês e o rei da Bélgica exaltaram, um após o outro, a amizade e a fraternidade novamente encontradas entre os dois países, depois de um grande jantar de gala que reuniu ontem à noite nos jardins do Palácio Presidencial, em Kinshasa, todas as personalidades políticais desta capital africana.

Rogério Perez

O nosso querido camarada Rogério Perez («El Terrible Perez») foi, no intervalo da corrida de ontem no Campo Pequeno, condecorado pelo Chefe do Estado com o colar de cavaleiro da Ordem de Santiago de Espada, por mérito literário e artístico.

EFEMÉRIDES

1970

•A cápsula espacial soviética «Soyuz-9» aterra no Casaquistão, estabelecendo o recorde do mais longo voo espacial tripulado em 17 dias, 16 horas e 59 minutos.

1983

•O presidente Eanes inaugura, na sala Portugal, da Sociedade de Geografia de Lisboa, o Congresso Internacional dos Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento, que decorre na Gulbenkian e que conta com a participação de 200 investigadores de 90 universidades, de 39 países.

1984

•As autoridades portuguesas desencadeiam em todo o País uma operação policial contra as «Forças Populares 25 de Abril».

•A Assembleia Regional dos Açores rejeita a aplicação da lei de despenalização do aborto na Região Autónoma.

1985

•Inicia-se a publicação do «Diário de Aveiro».

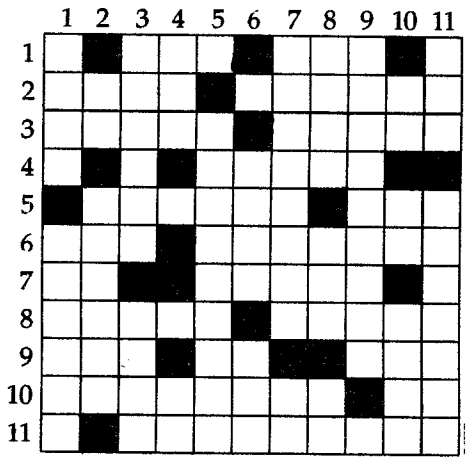
1987

•Um atentado bombista levado a cabo num centro comercial de Barcelona causa 17 mortos e 33 feridos. A ETA reivindicaria o atentado, classificando-o como um «acidente desgraçado».

1988

•Termina, em Lisboa, o XIV Congresso do PSD, com um apoio claro à direcção do partido e ao Governo.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17941

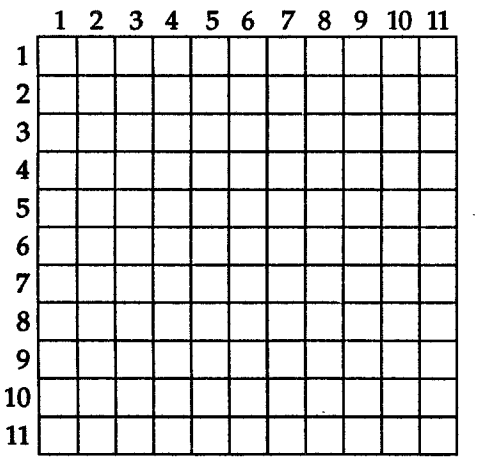
HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Pronome relativo. Suspiros. Tempo do verbo ser.
2 - Tecido transparente com que se encobre o rosto (pl). Amplexo.
3 - Encerar. Lugar com vegetação, no meio de um deserto.
4 - Enganos.
5 - Pensar muito numa coisa. Antiga capital da Birmânia.
6 - A mais velha de determinadas mulheres. Arejaras (Bras.).
7 - Espera Deferimento. Apanhei.
8 - Muito pequena. Freguesia do concelho da Covilhã.
9 - Colina na Suécia. Zomba. Ribeira de Portugal.
10 - Separados de outros. Miriare.
11 - Indivíduos muito gordos.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho de Santa Comba Dão. Além disso.
2 - Artigo definido (ant.). Transigias.
3 - Desejava. Costumes.
4 - Emprega. Nota musical.
5 - Rejuvenesceram.
6 - Invulgar. Passada.
7 - Enfada. Sufixo que designa estado.
8 - A Pérsia. Prefixo que designa ar. Senhor.
9 - Peneirarias.
10 - Cento e um em romano. Vossa Alteza. Domestique.
11 - Deusa da Aurora, esposa de Tirono. Queimaras.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16751

HORIZONTAIS:

1 - Freguesia do concelho de Anadia. Prefixo de privação.
2 - Preveniremos.
3 - Bismuto (s.q.). Filtra. Povo antropófago que atingiu o Gabão, ido do Nordeste, pelo meado do século XIX e que chegou até ao Congo.
4 - O mesmo que rato (peixe). Filtrava.
5 - Átomo. Sacerdotes budistas. Campeão.
6 - Xarope. Rates.
7 - Limparam metais.
8 - Pronome reflexo. Da Síria.
9 - Terra de Mouros. Boro (s.q.).
10 - Apalpais. Bailado campestre.
11 - Membros de aves. Concerto musical nocturno.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho de Vieira do Minho. Basta!
2 - Alcançaremos com a vista.
3 - Nota musical. Vê. Vã.
4 - Materias em água muito quente.
5 - Recusa. Rio da Sííça. Zomba.
6 - Grande. Pegas.
7 - O mesmo que oh! (Bras.). Cor vermelha, brilhante.
8 - Samário (s.q.). Sufixo que designa abundância. Espécie de pano grosseiro.
9 - Rei de Mércia, de 757 a 796. Antiga Agência Telegráfica de Imprensa. Brisa.
10 - Guarnecias de asas. Produto.
11 - Sadias. Ilha da Polinésia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 940

HORIZONTAIS: 1 - DE. MANHÃ. É. 2 - Asseio. MCII. 3 - Ea. Apor. 4 - Am. Lassamos. 5 - Solhas. Re. 6 - Criem. Roçar. 7 - Orai. Assaca. 8 - Oiros. 9 - QS. Ova. Roda. 10 - Sorte. Io. 11 - Eia! Sairia.
VERTICAIS: 1 - Damasco. QUE. 2 - És. Morros. 3 - SE. Liai. 4 - Mealheiros. 5 - Aí. Aam. Ovos. 6 - No. SS. Asara. 7 - As. Rs. Ti. 8 - Amparos. Rer. 9 - COMEÇA. O. 10 - Eiró. Ac. DIA. 11 - Sararão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 750

HORIZONTAIS: 1 - Filipinas. 2 - Olor. Paneta. 3 - Rir. Rimaras. 4 - Em. Mosto. 5 - Ornar. 6 - Sia. Ecar. Mi. 7 - Às. Amadora. 8 - Ou. Ovo. Era. 9 - Atra. Assara. 10 - Farnel. Atar. 11 - Aarau. Aso.
VERTICAIS: 1 - Formosa. Afâ. 2 - Ili. Risota. 3 - Lorena. Urra. 4 - Ir. Ma. Ana. 5 - Remo. Er. 6 - Ipim. Cavala. 7 - Namorados. 8 - Anás. Ro. Sa. 9 - Sertã. Reata. 10 - Tão. Marras. 11 - Vãs. Bi. Aaro.

PROVÉRBIO: DE MANHÃ É QUE SE COMEÇA O DIA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
ROMERO
Filme de John Duigan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
ROMERO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
MEU PAI
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
SEGREDO DE GUERRA
Filme de Robert Knights
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SUPERMUNDO DOS BACANAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
CAMINHO DE FOGO
Filme de J. Lee Thompson
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

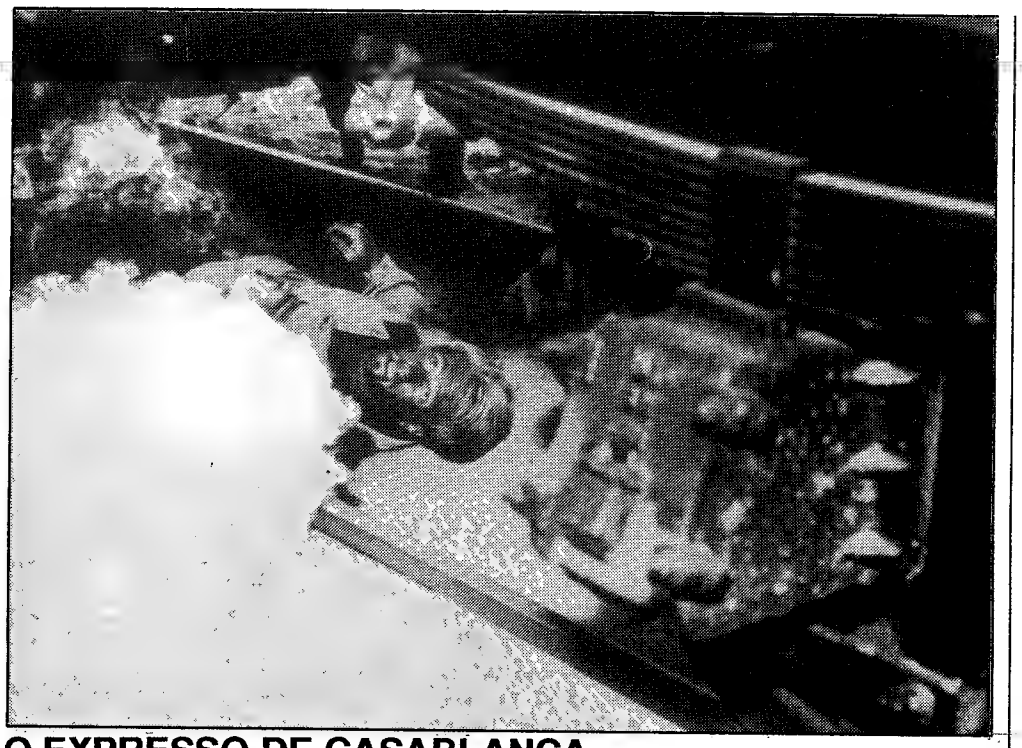
CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
FORÇA DESTRUIDORA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
NOVIDADES SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
Ciclo Hatoun Farocki
FOGO INEXTINGUIVEL
Às 18.30, Seguido de,
COMO SE VÊ
A DIVISÃO DE TODOS OS DIAS
Às 21.30, seguido de,
IMAGENS DO MUNDO E TESTEMUNHOS DA GUERRA,



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
TORAI TORAI TORAI
M/12 anos - Às 14.00, 17.00 e 21.15

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
NOBRES VÍCIOS
Filme de Rex Bromfield
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
ROCK DE FOGO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAVA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
ROMERO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
UM NINJA AMERICANO 3
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
O CASAL FASCINANTE
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
A FUGITIVA
Filme de Mario Azzopardi
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
NO CI RESTA CHE PIANGERE
Filme de Maximo Troisi
M/16 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NINGUÉM É SANTO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
A FEBRE REGRESSA
Com John Travolta
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
NARCOTRÁFICO
Filme de Stephen Mincc
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O MEU PÉ ESQUERDO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
POLÍCIA DE MIAMI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
O MEU TIO SOLTEIRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
SONHOS DE AKIRA KOROSAWA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
MUSIC BOX - O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
BELA DEMAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA - BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
COBRA ATACA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
STAR TRECK V - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
UM NINJA AMERICANO III
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
O ÁS DO ENGATE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ÁGUEDA

ANÚNCIO

Faz-se saber que nos autos de execução de sentença sumária n.º 816/84/A, que a Metalúrgica de Levira, Ld.ª, com sede em Oiã-Oliveira do Bairro move contra a executada RITAL — RIBEIRO & TAROUCO, Ld.ª, com última sede conhecida na Estrada de Minde, Aljustrel , Fátima, pendentes na 2.ª secção do 2.º juízo, é esta executada citada, para no prazo de cinco dias, que começa a contar depois de finda a dilação de trinta dias, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, deduzir oposição, pagar à exequente a quantia de 640105$00 acrescida de juros ou nomear bens à penhora, sob pena de não o fazendo esse direito ser devolvido à exequente.

Águeda, 8 de Junho de 1990

A Juiz de Direito
Dra. Teresa Maria Pais

A escriturária judicial
Maria Helena Soares

DL — 19/6/90 — 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
12.º JUÍZO
ANÚNCIO

Proc. 8958
1.ª Secção

Por este Juízo e primeira secção correm termos uns autos de Liquidação de Herança Jacente, registados sob o n.º 8958, por óbito de MÁRIO CARLOS MENDES, com último domicílio na Rua Cardoso de Oliveira, n.º 5 em Lisboa, que o digno Magistrado do Ministério Público move contra incertos, correm éditos de trinta dias, contados da data da publicação do segundo e último anúncio, citando os interessados incertos, para no prazo de vinte dias, decorrido o dos éditos, deduzirem, querendo, a sua habilitação, nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 1 132.º do Cód. Processo Civil, na acção indicada e na qual o Autor pede que a mesma seja julgada procedente e provada e em consequência declarada vaga para o Estado os bens deixados, no valor global de Esc. 135 720$00.

Lisboa, 6 de Junho de 1990
O Juiz de Direito
José Geraldes Pereira de Carvalho
O escrivão-adjunto
Valentim Eugénio

DL — 19/6/90 — 2.ª Pub

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA, Juiz de Direito do 2.º Juízo — 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Manda anunciar que por este Juízo e 1.ª Secção corre seus termos uns autos de acção sumária com o n.º 139/89 em que é Autora MARIA ANTÓNIA LOPES FRANCISCO, residente na Av.ª Duque de Loulé n.º 67-2.º Esq.º em Lisboa e Réu LEOPOLDO JOBIU com última residência conhecida na Av.ª Duque de Loulé, n.º 67-6.º Dt.º em Lisboa, e na qual é este Réu citado para contestar, querendo no prazo de OITOS DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contados a partir da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob pena de não o fazendo ser condenado imediatamente no pedido constante da petição inicial, cujo duplicado se encontra à ordem do citando neste Juízo e Secção.

Lisboa, 25 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
Francisco Alves de Almeida

O Escrivão Adjunto
Carlos Manuel de Almeida Neves

«DL» — 2.ª Pub. — 19/6/90

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
31º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
19.50 - BOLSA
19.55 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Itália-Checoslováquia. A equipa anfitriã enfrenta nesta jornada uma selecção que não escondeu, à partida para a Itália, que o seu objectivo principal era rodar a equipa com vista ao Europeu 92. Mas isso não é, por si só, motivo para que os italianos entrem em campo convencidos da vitória. Os pupilos de Venglos são disciplinados e bons tecnicistas e os craques italianos (Zenga, Baresi, Maldini, Ancelotti, Vialli, Mancini) terão de fazer o seu melhor. (O Tempo é transmitido no intervalo)
21.50 - BOLETIM AGRÁRIO
22.00 - VALE TUDO
23.00 - CRÓNICA DO CRIME
40º episódio. Entre cenas de acção e *flashbacks*, o episódio de hoje dá-nos conta das audiências feitas pelo Departamento de Justiça no sentido de incriminar a brigada especial chefiada por Mike Torello. Montada por Ray Luca com a ajuda dos seus amigos bem colocados na vida e nos orgãos de poder, esta «operação» assenta, no entanto, numa base algo frágil, uma vez que a acusação apenas possui como prova um depoimento de 200 páginas em que Santerro testemunha que Torello usou da violência para arrancar dele a «verdade».
24.00 - 24 HORAS
00.30 - REMATE

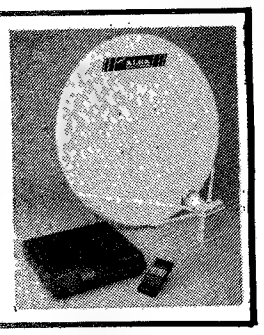
Amanhã no 1º Canal, em «Matinée», Joan Bennett (na foto) no filme de Fritz Lang «Suprema Decisão»

«O Liceu Degrassi», amanhã às 16.20 no 2º canal

RTP-2

15.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
RFA-Colômbia. A Alemanha Federal é, a par da Itália, do Brasil, da Argentina e da Holanda, outra grande candidata ao título. Frente a uma Colômbia que está pela segunda vez numa fase final e embora ambiciosa, tem poucas hipóteses de fazer frente ao poderio alemão, a RFA pode brilhar.
18.00 - BEANY E CECIL
18.20 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
129º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«Ana e as Irmãs». Um filme de Woody Allen, com o próprio e Michael Caine, Mia Farrow, Carrie Fisher, Barbara Hershey, Dianne Wiest, Lloyd Nolan, Maureen O' Sullivan, Daniel Stern e Max Von Sydow. Algures entre a comédia e o quotidiano, entre o drama e o imaginário, Woody Allen assina mais um belo e envolvente trabalho marcado por um irresistível bom gosto, bem como pela sua extraordinária capacidade em se reinventar e recriar de filme para filme.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.02 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - CLÍNICA GERAL
14.20 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - PONTO POR PONTO
15.50 - MATINÉE
17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«O Último Fôlego»
23.40 - 24 HORAS
00.15 - REMATE

RTP-2

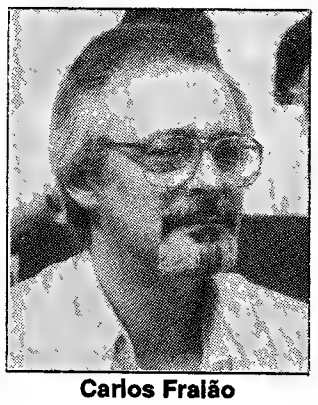
14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA, ESCOLHA!
16.20 - O LICEU DEGRASSI
16.50 - O PEQUENO DOUTOR
17.15 - OS TRÊS PASTORINHOS
17.50 - TELEMERCADO
18.10 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.50 - ESPAÇO INFANTIL
19.30 - VIA RÁPIDA
19.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Brasil-Escócia
22.00 - JORNAL DAS NOVE
22.30 - LENINE ... O COMBOIO
23.20 - SÉCULO XX
«Os alemães na II Guerra Mundial»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 CRÓNICA DO CRIME
RTP 2 CINEMADOIS
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«Todas as tentativas para criar um movimento ecologista, verde por dentro e por fora, têm falhado»

Fernando Pessoa, «Diário de Notícias», 18.06.90

A PERGUNTA DO DIA



Carlos Fraião
membro da Distrital de Coimbra do PCP

Quais vão ser os temas das jornadas legislativas que o PCP vai realizar no final desta semana em Coimbra?

«As jornadas legislativas, organizadas pela Comissão Distrital de Coimbra do PCP e pelo Grupo Parlamentar comunista, consistirão em mais de três dezenas de visitas, entrevistas e encontros de diversos deputados com empresas, autarquias, escolas e outros organismos, conforme a sua especialidade. As visitas decorrerão em todo o distrito, durante todo o dia de sexta-feira e no sábado de manhã, culminando, na tarde de sábado, com uma sessão de trabalho para a qual estão convidados os organismos mais significativos do distrito. Os objectivos destas jornadas consistem em divulgar o que o Grupo Parlamentar tem feito em prol do distrito, conhecer os problemas da região, traçar vias parlamentares e políticas de intervenção, e ainda programar um calendário de actuação para os próximos meses. Prevê-se que neste encontro estejam presentes mais de cem pessoas.»

ENTREVISTA

Miguel Esteves Cardoso, director-adjunto de «O Independente» é, certamente, o cronista que os portugueses melhor conhecem. Admite que muitos dos seus textos são palhaçadas, mas fala muito a sério quando condena a união política europeia

«Sou uma pessoa séria»

D.L. - Considera-se um português com uma costela inglesa ou um inglês com uma costela portuguesa?

M.E.C. - Sou metade/metade pois a minha mãe é inglesa e o meu pai é português. Mas sinto-me português. Eu só aprendi a falar português aos nove anos, sou bilingue e as pessoas bilingues têm sempre muita dificuldade em fazer a sua identificação cultural. Eu só a fiz aí aos 20 anos, quando senti que não se pode ser duas coisas, não se pode ser homem do mundo, internacional e, então, senti que era português. Sou um português com uma costela inglesa

D.L. - Quais são as suas dependências?

M.E.C. - São iguais às das outras pessoas... preciso de ler, de escrever...

D.L. - E as suas independências?

M.E.C. - As minhas independências? Não sei...

D.L. - Considera-se um político?

M.E.C. - Não, mas tenho ideias políticas. Estudei Filosofia Política durante muito tempo, é a minha especialidade e, portanto, tenho ideias políticas. Como tal, gosto de ter uma intervenção política em Portugal, relativamente a certos assuntos, nomeadamente em relação à Europa, que é uma tragédia. O Presidente da República, no dia 10 de Junho, falou em limitações de soberania. Um chefe de Estado, de um Estado soberano, falar em limitações de soberania é quase um acto de traição. O seu principal opositor, o Lucas Pires, também é um federalista, também é a favor da união política. É uma tragédia viver num país em que não há sequer crítica à ideia de união política.

D.L. - Acha que é uma má ideia?

M.E.C. - Até nem digo que seja uma má ideia, apesar de eu achar uma má ideia, mas é trágico que em Portugal não haja uma única pessoa que ponha em causa a união política ou que defenda a tal soberania alargada. Parece que vamos perder porque já há um consenso entre o chefe de Estado e a oposição no sentido de a perder. Nesse sentido, sou um político, porque sou obrigado a defender aquilo que acho bem, da mesma maneira que eles o fazem.

D.L. - Foi com esse objectivo que se candidatou ao Parlamento Europeu?

M.E.C. - Desta segunda vez, pretendia criticar a ideia do federalismo e da união política europeia, que acho uma tragédia para um país como Portugal. Acho bem a integração monetária, mas acho que a perda da independência política é uma coisa grave de mais para ser negociada.

D.L. - Não acredita na Europa?

M.E.C. - Acredito na Europa, a Europa já existia, é aquilo em que acredito mais. Mas acredito numa Europa em que a CEE é apenas um pinguinho. Acredito numa Europa constiuída por nações soberanas, assim como numa sociedade que pode ser muito una mas que é constituída por indivíduos autónomos. A autonomia e a liberdade também existem ao nível colectivo e Portugal não pode prescindir disso.

D.L. - Desligou-se de «O Independente»?

M.E.C. - Não, não me desliguei, sou director-adjunto, continuo a ir lá, estou tão ligado como sempre estive.

D.L. - Ter o nome no cabeçalho é uma coisa e participar é outra...

M.E.C. - Agora até tenho uma visão muito melhor de «O Independente» do que tinha antes, pois estava demasiadamente envolvido com o Caderno 3 e não via o jornal inteiro. É o meu jornal e eu adoro-o!

D.L. - As suas crónicas são a sério ou são só para fazer rir?

M.E.C. - Há umas que são palhaçadas, que são para fazer as pessoas rir, fazer de palhaço. Mas de vez em quando aparece uma ou outra séria.

D.L. - Aquelas que fazem rir não são a sério?

M.E.C. - Há palhaçadas que são só para fazer rir, mas há outras que podem fazer rir, sendo sérias. Sou uma pessoa séria, como toda a gente...

D.L. - O que é que vai ser a revista «K»?

M.E.C. - Vai ser uma grande revista mensal, de grande informação e que vai tratar da vida em geral. Vai ser muito rica, vai ser para crianças, adolescentes, homens, mulheres. Portugal é o único país civilizado que não tem uma revista grande.

D.L. - Acha que o seu nome vale muito dinheiro?

M.E.C. - Não, acho que não vale dinheiro nenhum. Os nomes das pessoas não valem dinheiro. O nome só serve para as pessoas irem ver o primeiro número, mas se não gostarem, não vão comprar o segundo por causa de um nome, nem que fosse o do Papa.

D.S.

Quarta-feira no **Diário de Lisboa**

Miguel Serras Pereira premiado por duas traduções

O novo Livro de António Ramos Rosa

«Em defesa da soberania de Portugal» por Albano Nunes

«O poder popular revisitado» por Artur Castro Neves

Cartoon de Pedro Palma

meteorologia

A turma

O colaborador deste jornal, atento ao mundo da dança, já falou do projecto realizado em forma de espectáculo, no ACARTE da Fundação Gulbenkian: *O Beijo da Técnica no Futuro* - nome inventado pelas crianças. Entusiasmante, alegre barafunda domada e organizada pela Escola Preparatória de Miraflores, à qual deram colaboração os artistas profissionais, os professores profissionalizados, as organizações já clássicas e outras *up to date* - mas sobretudo os miúdos da turma. Alma da empresa, Paulo Ribeiro, do lado da coreografia, do teatro, do lado estético, e Paula Bárcia, a pedagogia da festa.

Entusiasmante, pois, também visto pelo prisma de super-responsáveis, do ministro da Educação ao presidente da Gulbenkian: apreciaram esses 40 minutos do espectáculo sobre o futuro do futuro que já não é o que era.

Porém, fiquei em dúvida que nasceu directamente do visto: era uma obra de uma pedagogia moderna ou tinha ambições artísticas; era um exercício ou um espectáculo; qual era a verdadeira natureza do objecto mostrado; o fim estava em si mesmo ou transcendia-o? Podia-se até verificar na prática que nada separa o trabalho tipo pedagógico do outro, artístico e espectacular. Porém, não se verificou: uma parte, à origem, era evidentemente elaborada de dentro da proposta pedagógica e independente do juízo exterior, outra já motivada por razões exógenas que se sobrepuseram àquela.

Sim; embora não o primeiro desse género nas escolas portuguesas (vide há anos IMAVE), o projecto é feliz e a ser repetido, sem repetição, noutras escolas; no entanto que a decisão seja clara: de saber o que se quer, para quê, para quem.

Foi festa: mas dois regimes fizeram a fartura.

Jorge Listopad

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW Audi
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

TERÇA-FEIRA, 19 JUNHO 1990

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

Comerciantes, industriais e organizações profissionais declararam guerra aberta à pirataria de programas e, à falta de lei específica, vão procurar que seja emitida jurisprudência que acabe com um flagelo que provoca prejuízos na ordem dos dez milhões de contos/ano e impedem a indústria portuguesa de se desenvolver

Piratas de *software* vão a tribunal

Perdida a paciência, depois de perdidos milhões de contos, foi declarada guerra aberta à pirataria de *software*, dispondo-se os seus promotores a pôr em tribunal, ainda este ano, os prevaricadores mais renitentes.

Trata-se de uma acção levada a cabo por uma comissão especial criada em conjunto pela Associação Portuguesa de Informática e Associação Portuguesa das Empresas de Serviços de Informática, em colaboração com empresas comerciais e industriais.

As primeiras estão a ter prejuízos na ordem dos dez milhões de contos/ano, as segundas vêem-se impedidas de alcançar massa crítica que lhes permita dar o salto para a sua internacionalização.

Pretende-se, essencialmente, que os tribunais emitam jurisprudência que venha colmatar as deficiências das leis actuais, as quais explcitamente não defendem o *software* da pirataria.

Págs. centrais

Moscovo procura equilíbrio no comércio com Lisboa

Os soviéticos querem estabelecer um ponto de equilíbrio nas trocas comerciais com Portugal, as quais representam, neste momento, para o nosso país, mais do dobro das exportações efectuadas entre as duas nações.

Tal questão está a ser abordada em pormenor e, como foi salientado ao DL, a discussão deste assunto, o debate em torno da unificação alemã e os reflexos desta medida para a Europa, bem como a reflexão sobre os direitos, garantias e liberdades dos cidadãos, foram os objectivos da visita oficial, durante a passada semana, de uma delegação parlamentar do Soviete Supremo da URSS, chefiada pelo deputado e escritor Anatoli Ananaev.

Portugal exporta para a URSS equipamentos, barcos, tomate e calçado e importa petróleo, peixe e fio de algodão. Se o saldo da balança comercial é positivo para o nosso país, o futuro deverá ser perspectivado noutros moldes, que passam pela formação de empresas mistas

Pag.8

Como trabalham os executivos

Qual a vida que levam os executivos de diversos países? Bem pagos, trabalhadores, empenhados, ou figuras desconhecidas por detrás de portas sempre fechadas?

Uma ronda pelo mundo mostra as diferenças que existem. Se há quem gaste longas horas em almoços, outros reduzem ao máximo as suas férias.

Pág. 6

Portugal prepara regresso a África

Mais que aplicar fundos e meios em sectores deficitários, a ELO defende a cooperação sem complexos com os países africanos lusófonos

Discutir os problemas da cooperação de Portugal com os cinco Estados africanos lusófonos e analisar a realidade institucional portuguesa nesta área é o objectivo do encontro internacional, promovido pela ELO, a realizar no final deste mês.

José Braz, director-geral desta associação empresarial, advoga o apoio da Europa à produção em África e a abertura das fronteiras comunitárias aos produtos africanos, com o correspondente sacrifício dos grupos de produtores europeus. Portugal tem à sua frente campo para manifestar as virtudes de ex-potência colonial, desde que as instituições correspondam às exigências das novas realidades.

Se o país não tem as possibilidades financeiras de outros, deve rentabilizar as suas vantagens comparativas: conhecimento do terreno, relações, serviços e produtos que pode fornecer, intermediação que pode desempenhar.

Pág. 7

Orçamento comunitário para 91 privilegia ambiente e cultura

Pág.3

«Plano Marshall» para formar agricultores

Pág. 2

A questão financeira -A análise de Geraldo Dias

Pág 3

A quem aproveitam os benefícios fiscais -Por Isabel Braz

Pág. 3

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

BREVES

Cooperativas de habitação adquirem terrenos

Contratos-promessa de compra e venda, entre seis cooperativas de habitação e um promotor privado são hoje assinados, entre aqueles o o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE). Presentes a Ugetimo, Casamar, Cociocooper, Habitanova 200, Cheuni e Profcoop e a empresa Fonseca e Filhos. Segundo o Instituto, esta acção visa incrementar o desenvolvimento de programas já postos em acção por diversas entidades. Estes contratos visam a construção de 554 fogos e equipamentos integrados, num montante aproximado de 270 mil contos.

BCP chega à Madeira com Nova Rede

O Banco Comercial Português vai instalar, possivelmente ainda este ano, balcões Nova Rede na Região Autónoma da Madeira. Segundo afirmou Jardim Gonçalves, presidente do BCP, este serviço, que está em grande expansão no continente, chegará ao arquipélago, em especial ao Funchal, devido à crescente importância que a instuituição bancária está a adquirir na região, onde possui um número significativo de accionistas.

Criado *lobby* regional em Castelo Branco

o Núcleo Empresarial Regional de Castelo Branco (Nercab) e as associações comerciais e industriais do distrito assinaram um protocolo para a formação do Conselho Empresarial local. Alfredo Silva, presidente do primeiro destes organismos, afirmou que o protocolo visa «dar resposta à actividade empresarial, a principal responsável pela criação de riqueza e emprego, devendo o Conselho assumir-se como '*lobby*', dotando a região de uma única e mais forte voz dos empresários, capaz de ganhar força negocial no contacto com as instituições públicas e, nomeadamente, com as que tutelam a administração regional».

Técnicos de contas criticam Governo

A Associação Portuguesa de Técnicos de Contas (Apotec) criticou o Governo, dizendo que o Executivo «não cumpre os cumpomissos assumidos, de forma pública, quanto à regulamentação legal da profissão». Num texto publicado no seu jornal, a Associação recorda o papel desempenhado pelos técnicos de contas, na reforma fiscal, o que foi reconhecido pelo Governo, bem como as promessas do titulare da pasta das Finanças no que se refere ao futuro desta classe. Estas as razões porque ao fim do dia de hoje a Apotec e a Câmara dos Técnicos de Contas se reúnem, para debaterem o problema e a adopção de medidas oportunas.

Missão norueguesa para aumentar intercâmbio

Uma missão comercial e industrial norueguesa deslocou-se a Portugal, para divulgar a sua experiência na exploração do petróleo e gás natural e para incentivar o intercâmbio económico entre os dois países. A missão, que chegou ontem a Lisboa para uma visita de dois dias, traz em agenda a possibilidade de formação de novas *joint ventures*, numa altura em que já existem experiências anteriores, com destaque para a Solisnor, que tem um contrato de exploração com a Setenave, empreendimento visitado pela delegação, que trouxe igualmente no programa encontros com investidores portugueses.

Tranquilidade mais lucrativa aumenta volume de prémios

A carteira de prémios da Companhia de Seguros Tranquilidade teve um aumento de 35,8 por cento, durante os primeiros cinco meses deste ano, em comparação com igual período de 1989. Quanto ao conjunto dos prémios de seguros directos e seus adicionais, contabilizado entre Janeiro e Maio, subiu a quase 13 milhões de contos, tendo o ramo Vida registado 2,1 milhões, o que é mais 87,8 por cento que em idêntico período do ano passado. Dados divulgados pelo ISP - Instituto de Seguros de Portugal apontam para o facto desta companhia estar classificada na segunda posição do *ranking* nacional, em termos de lucros registados em 1989.

AJAP quer «plano Marshall» para formação profissional

Mais de centena e meia de formandos com a Europa ao fundo

A AJAP, Associação dos Jovens Agricultores de Portugal, vai avançar com um «plano Marshall», em termos de formação profissional, se lhe forem atribuídos os meios necessários para o efeito.

Estas palavras de Orlando Gonçalves, vice-presidente da AJAP, proferidas no passado domingo em Santarém, no Encontro Nacional dos Jovens Agricultores, seguiram-se à entrega de cem diplomas aos formandos que frequentaram cursos de agricultura financiados pela CEE.

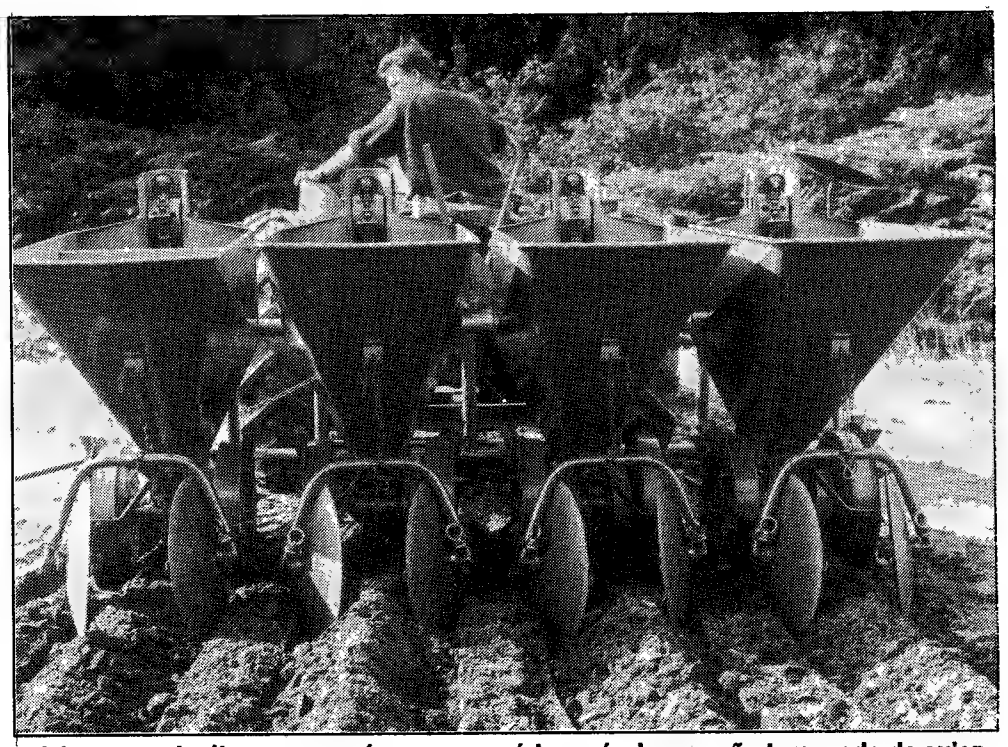
Na altura, Orlando Gonçalves sublinhou que a responsabilidade dos cursos deve passar para as associações de agricultores, cabendo ao Estado apenas «facilitar os meios».

Salientam os jovens agricultores que tiveram de esperar seis anos para receberem os cinco mil contos correspondentes à segunda *tranche* do primeiro curso realizado pela AJAP.

No mesmo dia, data coincidente com o encerramento da Feira Agrícola de Santarém, o secretário de Estado da Alimentação, Luís Capoulas, dizia em Évora, na entrega de diplomas a outros 60 jovens, que as associações de agricultores devem aproveitar os recursos do programa PROAGRI.

Este programa coloca à disposição das associações de produtores uma verba global de cerca de 34 milhões de contos para «reforço da sua capacidade técnica e operacional».

Luís Capoulas, a propósito destes cursos promovidos pela ANPMA, Associação Nacional dos Pequenos e Médios Agricultores, disse que Portugal «vai entrar num mundo novo» a partir de 1991, na segunda etapa de adesão à política agrícola comunitária.



O jovem agricultor europeu é um empresário agrícola que não tem medo de sujar as mãos e utiliza uma tecnologia avançada

Tanto em Évora como em Santarém, foi salientada a necessidade de alterar o papel do jovem agricultor, hoje mais empresário agrícola do que agricultor.

Joaquim Branquinho, presidente da ANPMA, sintetizou desta forma a problemática em questão: «A renovação da agricultura portuguesa passa pelas vertentes do rejuvenescimento e da formação profissional, tendo em vista o desafio comunitário.»

A pena e a espada

Em Santarém, Moreira da Silva, presidente da AJAP, dizia, por sua vez, que uma das grandes preocupações dos jovens agricultores é «a liberalização dos mercados agrícolas, a questão da reforma antecipada e a formação profissional».

Este agricultor mostrou-se céptico quanto aos efeitos da liberalização nos rendimentos dos agricultores e garantiu que os jovens vão estar atentos e agir «com a pena ou com a espada» em função dos factos futuros.

Falando no encerramento do Encontro dos Jovens Agricultores, em Santarém, Cavaco Silva disse que a grande aposta do Governo é «o fortalecimento do investimento no sector, bem como a continuação do desenvolvimento das infra-estruturas de produção, de comercialização e de transformação dos produtos agrícolas». O primeiro-ministro salientou igualmente a importância que a aprendizagem das modernas tecnologias tem para que os jovens agricultores portugueses possam colocar-se ao nível dos seus parceiros europeus.

Arlindo Cunha, ministro da Agricultura, coube na altura referir as medidas do Governo para o sector, entre as quais se destacam a isenção de imposto de sisa para aquisição, por jovens agricultores, de prédios rústicos e o alargamento do conceito e do prémio de primeira instalação, bem como a introdução alternativa do recurso ao crédito bonificado para complementar o subsídio a fundo perdido.

«DL»/Lusa

Bolsas de valores em acelerado

A Bolsa de Lisboa, na passada semana, apesar de ter tido só três sessões, foi palco de negócios que subiram aos 7,7 milhões de contos, valor superior em cerca de 400 mil contos ao verificado na semana anterior.

Os negócios atingiram, no mercado de acções, os 2,3 milhões de contos, sem que tenha havido, no mercado oficial, qualquer operação que saisse da normalidade, tendo a novidade aparecido no mercado não oficial, com a transação de mais de 300 mil títulos da Sonadel, numa operação que representou a venda de 58,4 por cento da empresa, detida pela Quimigal e pela Colgate, associadas em *joint venture*.

De referir que, no mercado oficial, no que respeita à liquidez, os BCP portador e nominativas que tiveram maior expressão foram os da Corticeira Amorim e da Sonae, que continuam a liderar o sector.

Quanto ao segmento obrigacionista, os negócios foram da ordem dos 1,9 milhões de contos, com destaque para as do capital BPI/87 e Sociedade Portuguesa de Leasing a alcançarem resultados da ordem das 100 mil unidades.

Destaque para os tesouro FIP/85 e 87 e para a Lusoleasing/88, com transacções que rondaram os 70 mil papéis, enquanto aos títulos de participação a semana foi de fraca expressão, com os negócios a não atingirem os 150 mil contos.

Quanto à Bolsa de Valores do Porto, os altos montantes apurados, no sector obrigacionista e a operação, com um milhão de acções nominativas do BCP, dominaram as operações, tendo o volume global atingido os 5,77 milhões de contos, nas quatro sessões da passada semana.

Quanto a cotações, a estabilidade continua como tendência dominante, com o índice BPA/Lusa, para este mercado de acções recuperado. Foi assim que a última sessão da semana passada, na Bolsa do Porto, fechou nos 291,06 pontos, com uma variação de 1,27 pontos positivos em relação ao fecho de sexta-feira da semana anterior.

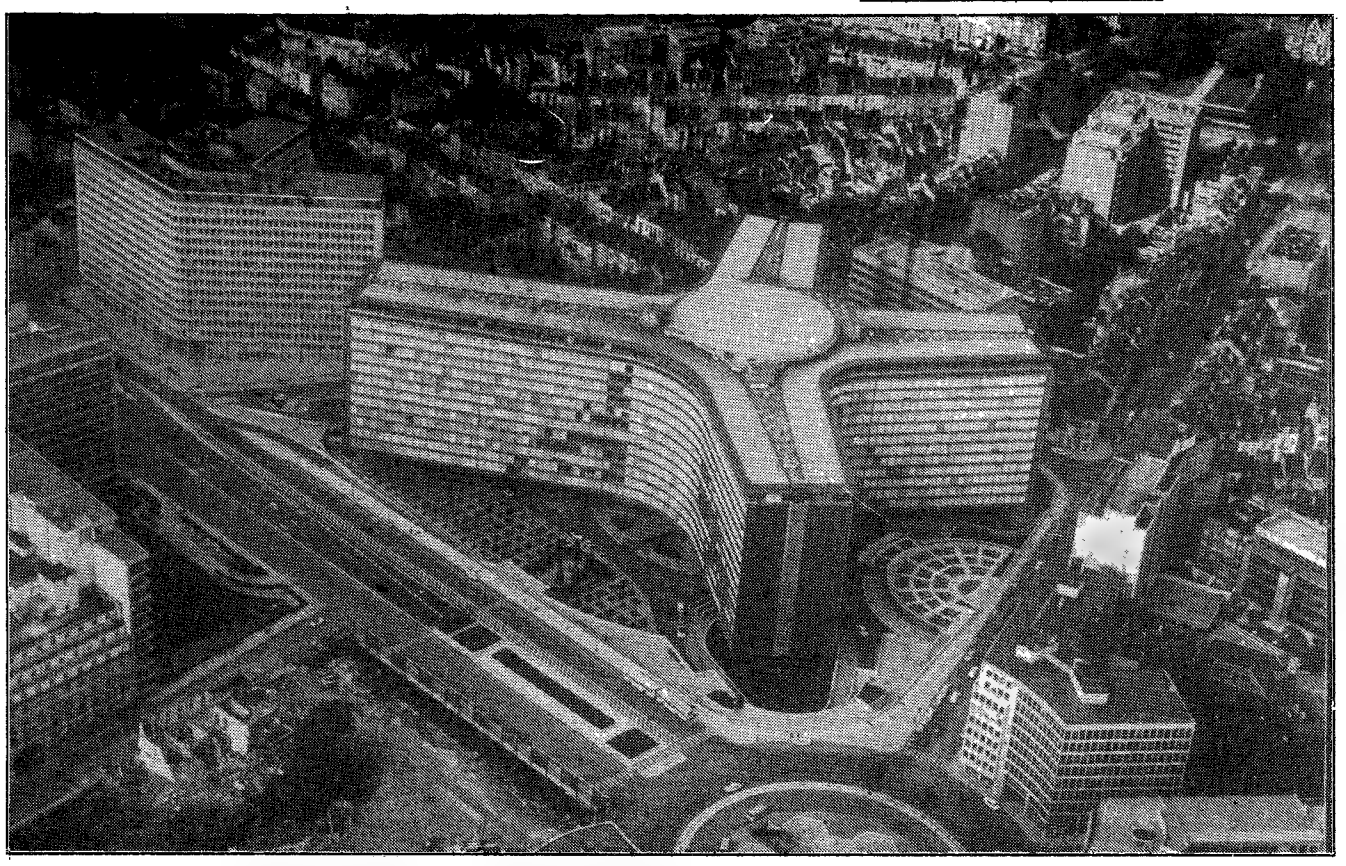
O destaque, no mercado oficial de acções, foi para a operação das acções do BCP que, segundo diversas fontes, foi devida ao reforço da posição do grupo Amorim no capital social deste banco.

Taxas de juro mínimas a subir contra a inflação

As taxas de juro mínimas de depósitos a prazo, superiores a 180 dias, subiram, a partir de ontem, de 13 para 14 por cento e as das contas poupança-habitação passaram de 13,25 para 14,5, segundo determinação do Ministério das Finanças.

O ministro das Finanças decidiu alterar as taxas, que vigoravam desde Maio de 1988, «para fomentar a poupança voluntária e contribuir para o combate à inflação», segundo uma fonte do Ministério.

Segundo afirmado, nas operações activas, as taxas administrativas referentes aos empréstimos concedidos ao abrigo das contas poupança-habitação são mantidas ao nível de 17,5 por cento.



Comissão aponta para áreas prioritárias

Anteprojecto do Orçamento da Comissão contempla áreas prioritárias. Cooperação com Europa Central e de Leste merece reforço

CEE: orçamento de 91 privilegia os sectores de ambiente e cultura

Do nosso correspondente em Bruxelas

O anteprojecto do Orçamento da Comissão Europeia para 1991 contempla cinco áreas prioritárias com créditos complementares particularmente sensíveis: protecção do ambiente, com 41, 1 por cento a mais relativamente ao ano anterior; política audiovisual (mais 183,3 por cento); transportes (mais 89,6); energia (aumento de 147,7); e formação profissional (mais 163,5 por cento em relação ao ano corrente).

A primeira leitura do documento será efectuada em Conselho de Ministros dos Doze, a 26 de Julho, já sob a presidência italiana.

O estudo salienta que, nos domínios do ambiente e da cultura os créditos globais serão ainda mais elevados do que aqueles que estipula o documento, tendo em conta a sua repercursão noutras rubricas de despesas. A parte destinada às acções estruturais é, pela primeira vez, superior a 25 por cento.

Para a cooperação com a Europa Central e Oriental a Comissão destinou uma verba aproximada de 151 milhões de contos, 140 milhões de contos para ajuda aos países mediterrâneos e aos países da Ásia e da América Latina e 75 milhões para políticas prioritárias, tendo em vista a construção do Mercado único.

Numa primeira análise do documento, sobressaem as despesas relativas à investigação, para as quais foram destinados 360 milhões de contos.

Fundos estruturais

Os créditos destinados aos fundos estruturais elevam-se aproximadamente a 2 423 milhões de contos. Para o FEOGA Orientação estão previstos 436 milhões, enquanto para os fundos sociais há a verba de 226 milhões.

Quanto aos fundos regionais, serão contemplados com 1 210 milhões de contos

As citadas verbas ficarão afectadas à ajuda a regiões pouco desenvolvidas, à reconversão de regiões industrializadas, à luta contra o desemprego de longa duração e à inserção profissional dos jovens, bem como à adaptação das estruturas agrícolas e ao desenvolvimento das zonas rurais.

As despesas para a secção Garantia do FEOGA atingirão os 5 464 milhões de contos, sendo que a quantia destinada à cooperação com a Europa Central e Oriental inclui a participação no capital do BERD (Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento). Créditos destinados à RDA poderão igualmente ser incluídos neste pacote.

José Rui Cunha

A questão financeira

Um Estado autoritário procede, com facilidade, a um processo de ajustamento ou saneamento financeiro, reprimindo expressões sociais e controlando, de uma forma dirigista, as actividades económicas. Pode, ainda, pôr em prática um processo de crescimento económico alheio às condições de vida de pessoas e grupos. Num quadro democrático os processos de reabilitação financeira consequentes jogam-se na resposta às aspirações sociais, através de complexos processos de arbitragem, envolvendo parceiros sociais, instituições financeiras autónomas, mercados financeiros de eficácia social reconhecida e um Estado que estimula os padrões de vida e as actividades económicas que correspondam a um caminho de desenvolvimento económico e financeiro para o progresso, num quadro interno/externo.

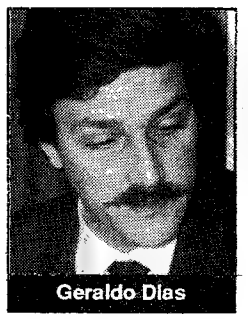
Num ambiente geral de liberalização, há que ter em conta que os mercados são, em certa medida, artificiais e o processo da sua criação resulta de um «trade off» *entre os que tentam ajustar a Finança aos seus planos e aqueles que adaptam os seus investimentos às restrições de financiamento.*

A importância dos mercados para a afectação dos recursos, para a descoberta dos preços e gestão do risco — os mercados de «futuros» permitem arbitragens redutoras de entropia — é condicionada pelo modo de funcionamento concreto dos mecanismos reais e financeiros da economia.

A flexibilidade dos mercados financeiros e monetários é condicionada, em contexto de défices públicos, pela capacidade de inovação tecno-sócio-institucional que potencialize a capacidade de produção nacional, fazendo recuar os limites de exaustão, dependência e exclusão e permitindo ultrapassar a precariedade dos rendimentos proporcionados pela intervenção estatal. O desenvolvimento dos mercados monetários e financeiros pode contribuir para a mobilidade dos fundos que financiam os investimentos e operar alterações nas formas de concorrência que possibilitem uma melhor afectação de recursos e um desempenho optimizado na economia. Mas, se o peso das formas antigas — dirigismo e proteccionismo — se faz sentir, a transição para as novas formas não pode iludir as manifestações parasitárias e especulativas que sempre as acompanham.

Face à desregulação, a libertação da iniciativa, no ambito das actividades económicas e financeiras, resultará de empenhamentos sistémicos e novos relacionamentos público/privado, a níveis interno e externo, dotados de agressividade, de modo a permitir alternativas credíveis para a aplicação das poupanças dos particulares e o financiamento das empresas e das famílias, num contexto em que o Estado decide partilhar o seu papel de regulador da vida micro- económica com bancos e instituições não monetárias autónomas e o mercado financeiro progressivamente internacionalizados.

O sucesso das mudanças insere-se na qualidade das políticas macroeconómicas. A acomodação, por parte dos agentes económicos, que influencia decisivamente a eficácia e a extenção dos conseguimentos dessas políticas, fundamenta-se na antecipação dos cenários — objectivos finais da evolução económica e sua ligação com os objectivos intermédios — em que os agentes acreditam, em termos de que o valor esperado dos resultados influencia o valor actual das medidas. Acresce que, muito liberalmente, os diferentes agentes antecipam, de forma diversa, a bondade das medidas.



Geraldo Dias

A quem aproveitam os benefícios fiscais

A dispersão dos benefícios fiscais constituía um dos aspectos mais criticáveis do sistema tributário português.

Na revisão do regime e com a entrada em vigor dos novos impostos sobre o rendimento, entendeu o Governo reunir, num só diploma, os benefícios fiscais. Foi, assim, aprovado e publicado o Decreto-Lei nº 215/89, de 1 de Julho, ou seja, o Estatuto dos Benefícios Fiscais.

Este documento diz sobretudo respeito aos impostos sobre o rendimento (IRS e IRC) e à contribuição autárquica. Assim, os desagravamentos com características de permanência e estabilidade são incluídos neste Estatuto. Aqueles que tiverem finalidades marcadamente conjunturais ou que requeiram uma regulação frequente serão, por sua vez, incluídos nos Orçamentos do Estado.

O regime dos benefícios fiscais é de capital importância no incentivo aos investimentos produtivos, já que a rendibilidade dos projectos de investimento dependem, em muito, do enquadramento fiscal vigente. Este facto origina, muitas vezes, que os agentes económicos tomem as suas decisões.

No entanto, no diploma em questão verifica-se que os benefícios fiscais se dirigem, fundamentalmente, para o sistema financeiro e para o mercado de capitais.

Posteriormente foi incorporado, neste estatuto, um novo artigo que prevê desagravamentos para grandes projectos de investimento com valores superiores a 10 milhões de contos, o que vai beneficiar essencialmente os investidores estrangeiros que pretendam instalar-se no País, como é o caso da Ford.

É, assim, de lamentar que as empresas portuguesas não sejam mais beneficiadas, não se aproveitando a oportunidade para estabelecer outros benefícios fiscais cuja justiça social é indiscutível, nomeadamente quando aos subsídios destinados a despesas com assistência médica dos trabalhadores pagos pelas entidades patronais, já que estão sujeitas a imposto. Ou para determinados sectores com necessidades de incentivo, como é o caso da construção de habitação a custos controlados.

Por outro lado, o sector terciário é praticamente ignorado neste documento, mantendo-se uma situação de tratamento desfavorável, quando comparado com os outros sectores.

Verifica-se, pois, com esta reforma, um alargamento da base tributável, a ampliação do campo de incidência e a redução dos benefícios fiscais.

Isabel Braz

Mais de dez milhões de contos por ano de prejuízos comerciais e graves danos à indústria nacional de fizeram perder a paciência às empresas e às organizações profissionais e empresariais, levando-as a u declarar guerra aberta à pirataria generalizada que se verifica em Portugal

Piratas de *software* vão ser postos em tribunal

Uma comissão especial foi criada para combater a pirataria de *software* em Portugal, actuando a vários níveis e mostrando-se disposta a levar a tribunal os prevaricadores mais renitentes. Trata-se de salvaguardar importantes interesses comerciais (cerca de 10 milhões de contos por ano), mas também de defender a indústria portuguesa de programação que se vê impedida de progredir devido a este fenómeno generalizado de cópias ilegais de *software*.

Se um cidadão se dirigir à Polícia para apresentar queixa de que lhe roubaram um computador (entendido este como o equipamento físico, ou *hardware*), esta age de imediato para tentar prender o ladrão e recuperar o aparelho. Mas se o mesmo cidadão se for queixar de que lhe roubaram o *software*, pelo qual deverá ter pago mais do que o preço do computador, a Polícia nada faz, provavelmente alegando que não existe lei para este caso.

Será mesmo assim? A Associação Portuguesa de Informática (API) uniu esforços com a sua congénere das Empresas de Serviços de Informática para provar o contrário. Tanto o Código Civil como a Lei do Direito de Autor implicitamente prevêem a condenação de quem use indevidamente qualquer programa de computador.

Na verdade, se um tribunal condena quem rouba um computador, porque não há-de condenar quem furta a essência dessa máquina, aquilo que, afinal, é a sua razão de ser? Seria, diz Pereira da Costa, presidente da API, como se uma pessoa pudesse roubar um quilo de açúcar, não sendo penalizado desde que não levasse consigo a embalagem em que ele está contido.

Assim, trata-se de levar a tribunal casos exemplares que originem jurisprudência que cubra as deficiências de leis pouco específicas.

Sistematizar combate

A referida comissão tem em vista sistematizar o combate à pirataria do *software*, actuando em várias vertentes. «Esta junção de esforços nasce do facto de pensarmos que se trata de um problema nacional que não pode ser individualizado», afirma Pereira da Costa.

Um combate que tem vindo a ser desenvolvido há vários anos pela API, no plano cultural e legal. No primeiro, no sentido de alertar as pessoas para os prejuízos que, a nível comercial, industrial e dos utilizadores, ocasiona a pirataria. No segundo, actuando junto das instâncias nacionais e internacionais para que seja elaborada legislação específica que proteja o *software*.

No entanto, Pereira da Costa afirma: «É necessário ter em atenção que o problema da pirataria de *software* está legalmente resolvido em Portugal, pelo menos implicitamente».

E recorda que até explicitamente esteve quase a ser resolvido quando, em 1985, o projecto de Código do Direito de Autor continha uma alínea que colocava os programas de computador e os seus manuais debaixo da alçada da referida lei. Aliás, em consonância com a Convenção de Berna, que considera o *software* uma obra intelectual.

No entanto, diz, «infelizmente e para nosso espanto», quando o Código foi publicado nada continha sobre os direitos de autor relativos à informática.

Vertente legal

A API não desiste de «pôr o preto no branco» nesta questão. E assim prossegue na sua colaboração com a Assembleia da República para que, mais explicitamente, o *software* seja legislado.

Outro nível de actuação ainda mais importante é o que desenvolve junto da CEE: «Queremos o mesmo tratamento para esta matéria em todos os países comunitários, de forma a que a indústria portuguesa tenha o mesmo grau de protecção seja onde for, o que hoje em

Futuro da economia em causa

A luta contra a pirataria de *software* tem a ver com «princípios de ética profissional, mas também com o futuro da economia portuguesa», afirma Teresa Ventura, presidente da Inix, uma *software-house* portuguesa que se vê afectada, a vários níveis, pela utilização ilegal de programas.

Natural, portanto, a sua satisfação pela luta que está a ser desenvolvida contra a pirataria. «Penso que um dos problemas que as *software-houses* portuguesas têm é o de uma grande dificuldade em garantir que a sua produção seja vendida a um público suficientemente vasto que permita a prática de preços competitivos», afirma.

Para ela, trata-se de um problema muito grave, fortemente implantado na sociedade portuguesa. Começa nos jovens que pirateiam jogos, passa pelos utilizadores e vai até às escolas de maior prestígio, onde se considera «uma pedra de toque do dinamismo o saber-se piratear bem».

Recorda um caso passado com a sua empresa: «Aqui há um ano um nosso cliente muito respeitável veio comprar-nos *software* e quis logo saber que programa, em troca, o deixávamos piratear. Quer isto dizer que a capacidade negocial também já é aferida pelo êxito no acesso a *software* pirateado».

Capacidades

Teresa Ventura recorda que já se chegou à conclusão de que Portugal, no domínio da informática, tem grandes capacidades para desenvolver uma indústria de *software*.. Mas a verdade é que a pirataria está a asfixiar «um mercado que praticamente dá para todos, porque depende da criatividade e esta, felizmente, não falta aos portugueses».

Por outro lado, refere, também se nota em Portugal uma grande capacidade de flexibilidade e de adaptação a novas situações, «o que me leva a acreditar nas grandes possibilidades de exportação de *software*, portanto na sua internacionalização».

Diz, no entanto, que essa internacionalização só é possível se houver escala para se produzir com qualidade. «Ora essa escala só se consegue se o ambiente do país for propício para que se venda com qualidade», adianta.

Só que com uma pirataria generalizada esse objectivo não se alcança. E Teresa Ventura lamenta: «É espantoso que os próprios profissionais da área, que deveriam defender o trabalho uns dos dos outros e os princípios da deontologia profissional, acabem por subvertê-los apenas para se afirmarem espertos e habilidosos nos negócios, esquecendo-se que podem perder fortemente em termos pessoais e institucionais, para além de prejudicarem o país».

É assim que considera que as próprias empresas de informática têm um papel importante a desempenhar nesta matéria. «Por exemplo, aumentando a consciência dos seus clientes», diz.

Prejuízos

Para além da perca de mercado, revela Teresa Ventura, as *software-houses* portuguesas têm ainda outros prejuízos. Por exemplo, perdem dinheiro e tempo na protecção, sempre falível, dos seus produtos. Por outro lado, no caso da Inix, igualmente se perde tempo e dinheiro na sensibilização e educação dos clientes, para que eles não utilizem programas pirateados. «A utilização de *software* pirateado pelos nossos clientes tem-nos criado problemas graves. Posso dizer-lhe que o nosso trabalho de manutenção triplicou nos últimos três meses, devido a infestações sucessivas», revela Teresa Ventura.

V.L.

Dez milhões de conto de prejuízos comerci

A Associação Portuguesa de Informática estima em 10 milhões de contos por ano os prejuízos comericiais originados pela pirataria de *software*. Por seu turno, Mário Gajanito Filho, director-geral da Datalógica (distribuidora oficial da Ashton-Tate) considera que as perdas directas são da ordem dos 6,5 milhões, não englobando nesta verba a facturação indirecta proveniente de serviços adicionais (formação, desenvolvimento de aplicações, consultoria, assistência...).

A Datalógica e as suas associadas - Loja dos Computadores (Microsoft) e TBD (Lotus), que representam mais de metade do mercado português de *software* para microinformática, decidiram acelerar a luta directa contra a pirataria, à qual aderiram já muitas outras empresas e que acabaria por ser depois liderada por uma comissão constituída pela API e pela Associação Portuguesa de Empresas de Serviços de Informática.

O que levou aquelas empresas a acelerar a luta? «A situação é bastante crítica», responde Gajanito Filho, ao considerar que os 6,5 milhões de contos de prejuízos inicialmente estimados são «uma verba optimista».

Lembra que a pirataria se verifica essencialmente ao nível da microinformática, o que torna difícil fazer um cálculo correcto da situação. «O microcomputador é utilizado por todo o tipo de pessoas e organizações, o que dificulta o seu controlo, tanto mais que há um certo segredo quanto às vendas de equipamentos», explica.

Gajanito Filho: «A situação é muito crítica»

Números assustam

Apesar desta indefinição, Gajanito Filho não hesita em considerar que «os números a que chegámos assustam». E acrescenta: «Quando vemos o dinheiro que se está a perder (e que de uma certa forma é roubado), vamos ficando mais inconformados e mais actuantes».

Prejuízos resultantes de uma menor facturação directa e indirecta, é certo, mas também de uma canalização deformada de investimentos. «São recursos que deveriam ser canalizados para o *marketing*, para a contratação de pessoal, para a melhoria do serviço, mas que estão a ser desviados para campanhas educativas, pagamento a investigadores e a advogados, enfim, para coisas que nada têm a ver com a nossa actividade», refere.

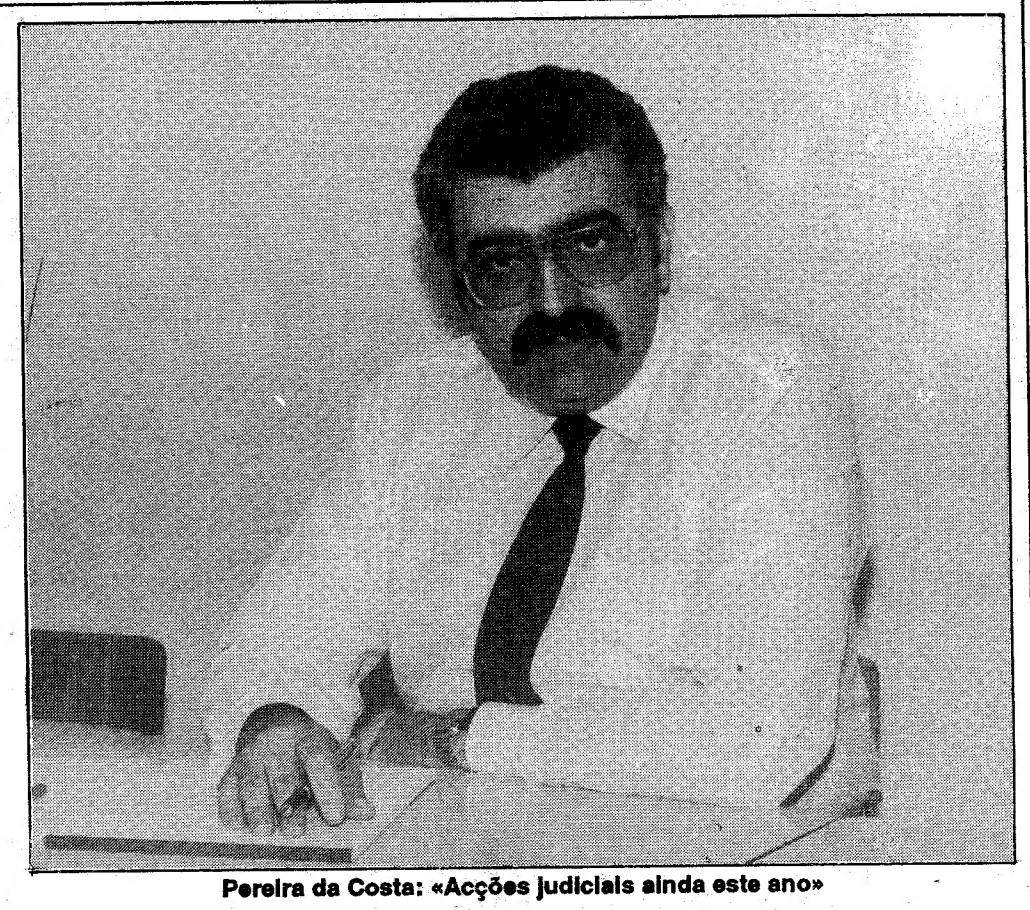
Números que assustam pela quantidade, mas também pela qualidade dos piratas: desde crianças, que trocam entre si jogos pirateados, até às grandes organizações públicas e privadas (administração pública, ministérios, bancos, seguradoras), passando, acredite-se ou não, pelas grandes empresas de informática.

Não faltam piratas

Por isso, como diz Gajanito Filho, «não faltam candidatos a uma visita da Justiça». Para já, mantém-se o sigilo

nal de programação
s a unirem-se para

al



Pereira da Costa: «Acções judiciais ainda este ano»

tinha dia não acontece», refere
autor Pereira da Costa.

Por outro lado, defende que a Comunidade Europeia deve respeitar completamente a Convenção de Berna. «Estamos a tentar extravasá-la para os doze países da CEE, até para que o *software* comunitário seja também protegido nos mais de cem países que assinaram a Convenção», explica o presidente da API.

«pôr
nesta
segue
om a
ública
olici-
legis-

uação
e é o
o da
esmo
atéria
comu-
que a
enha o
tecção
oje em

Em tribunal

A API, através da comissão atrás referida e em colaboração com várias empresas, está já a analisar várias situações passíveis de serem julgadas em tribunal, de forma a que seja elaborada jurisprudência neste domínio.

«Está a ser feito um levantamento geral de muitas situações concretas (e os casos são tantos que o problema é de grande gravidade), de forma a levá-las a tribunal», refere Pereira da Costa.

No entanto, está-se a actuar com certas cautelas, agindo fundamentalmente em relação às entidades que, para além de estarem de posse de *software* pirata, manifestem a vontade expressa de o manter.

Na verdade, explica Pereira da Costa, «há uma ou outra entidade que, por sua própria iniciativa, alteraram o seu comportamento, enquanto que outras continuam teimosamente a mantê-lo».

Nesta conformidade a API está a apoiar todos os esforços para levar os prevaricadores renitentes a tribunal, disponibilizando técnicos para actuar como peritos junto dos juízes. «Ainda este ano deverá haver acções judiciais», garante Pereira da Costa.

Victor Leitão

ntos/ano
rciais

ontra-
a mel-
s que
s para
s, pa-
res e a
ra coi-
com a
ere.
ustam
s tam-
s pira-
ue tro-
iratea-
rgani-
ivadas
iblica,
egura-
redite-
randes
ica.

ajanito
ndida-
stiça».
sigilo

sobre as empresas que vão, no mínimo, ter a sua imagem degradada por verem o seu nome associado à pirataria. «Temos uma lista muto grande de utilização indevida de *software*», diz, para acrescentar: «Estamos a proceder de forma científica, dentro do processo jurídico, e isso leva algum tempo.

Gajanito Filho não deixa de mostrar a sua preocupação pelo facto de grandes organizações utilizarem *software* ilegal. «Que segurança posso ter num banco que não tem um comportamento sério? Que credibilidade tem um ministério que me cobra impostos e não recolhe os que são devidos ao que ele próprio utiliza?», pergunta.

E refere aquilo que considera o «caso mais drástico»: o da indústria de *hardware*. «São vários os casos já comprovados de distribuidores de grandes multinacionais instaladas em Portugal que utilizam *software* ilegal nas suas instalações», acusa.

Chama ainda a atenção para a contradição que este caso evidencia: «Parece que não têm consciência de que o *hardware* sem o *software* vira um vaso para flores, pois a máquina não serve para coisa alguma se não tiver algo dentro dela. Mais ainda, matando-se a indústria de *software* também morre a de *hardware*».

V.L.

Indústria portuguesa de programação está a ser gravemente lesada

A indústria portuguesa de *software* está a ser gravemente lesada pela pirataria, que a impede de alcançar massa crítica que permita a sua expansão a nível internacional. Esta a opinião de Pereira da Costa, presidente da API, que é apoiada por diversas entidades contactadas pelo DL.

Aquela instituição tem desencadeado uma luta contra a pirataria de *software* em defesa, é certo, de interesses comerciais lesados em cerca de 10 milhões de contos/ano, mas também de uma indústria nacional que se vê asfixiada por este fenómeno.

Para Pereira da Costa, uma indústria de *software* só pode sobreviver e desenvolver-se se tiver capacidade para produzir mais programas, inovação e base económica.

«Em Portugal, o que se verifica hoje em dia é que a maior parte das empresas de *software* não conseguem atingir os volumes de produção que lhe são devidos em resultado da pirataria, a qual leva a que as suas condições de sobrevivência comecem a ser crescentemente precárias», explica o presidente da API.

Recorda, por outro lado, que, depois de muitos debates públicos, chegou-se ao convencimento generalizado de que a indústria informática mais viável em Portugal é a de *software*.

Mas, acrescenta, «ao admitirmos a pirataria, não estamos a permitir que essa indústria cresça». Lembra que a qualidade do *software* português já é disputada internacionalmente e refere o caso de uma multinacional que opera em Portugal (a Alcatel) que já tem a sua carteira de encomendas cheia para os próximos cinco anos. «Isto demonstra bem a nossa capacidade competitiva na produção de *software*», afirma.

Drama da Indústria

Para Pereira da Costa, os grandes problemas com que se debate a indústria nacional de *software* não têm a ver com a capacidade de inovação, de qualidade ou de produção. «O problema reside essencialmente na comercialização», afirma, explicando: «Não temos capacidade de comercialização nos mercados externos, porque não conseguimos alcançar massa crítica no mercado interno que permita caminhar na via da profissionalização da parte comercial».

Para ele, o «grande drama da indústria portuguesa de *software*» é estar a inovar e a produzir para os programas serem comercializados sob marcas estrangeiras, sujeitando-se à subcontratação um sector estratégico, o qual, se lhe derem condições, demonstra ter amplas capacidades para ser independente.

Drama que ultrapassa a própria indústria e se vai reflectir negativamente nos poucos núcleos de investigação e desenvolvimento que existem em Portugal e que vêem o seu esforço perder-se na fase de comercialização em resultado da pirataria, a qual ultrapassa o próprio volume de vendas.

«Se queremos ter competência e independência ao nível da informática (o que é fulcral para o futuro do país), temos também de saber produzir e comercializar. E aí é fundamental criar massa crítica, para que haja inovação e renovação do *software*», considera Pereira da Costa.

Os preços

As entidades oficiais fecham os olhos à pirataria e até chegam a estimulá-la, alegando que o preço dos programas é demasiado elevado. «Mas a verdade é que, quanto mais se piratear, mais altos serão os preços e, a partir daí, estamos numa espiral», diz Pereira da Costa ao lembrar que quanto mais se vender mais baixam os custos.

Para se sair do ciclo vicioso, aponta para uma luta sem tréguas à pirataria, mas também ao recurso intensivo, pela respectiva indústria nacional, ao PITIE (Plano Integrado de Tecnologias de Informação e Electrónica), «sacando» todos os milhões possíveis para os aplicar na construção de uma indústria portuguesa de *software*.

«Temos massa cinzenta, temos inovação e qualidade, precisamos de ter o arrojo que nos tem faltado», afirma.

V.L.

À MARGEM

Os grandes prejudicados são os utilizadores

«A pirataria de *software* é a principal causa da degradação da qualidade da utilização da informática em Portugal», garante Pereira da Costa. Na verdade, ela impõe-se como barreira inultrapassável à qualidade de serviços e de assistência.

«Os utilizadores ficam protegidos se eliminar-mos a pirataria», afirma, explicando: «Primeiro, porque conseguem programas mais baratos; segundo, porque podem exigir uma melhor qualidade do produto e do serviço, nomeadamente manuais não fotocopiados, formação adequada, renovação do *software*, assistência, etc.».

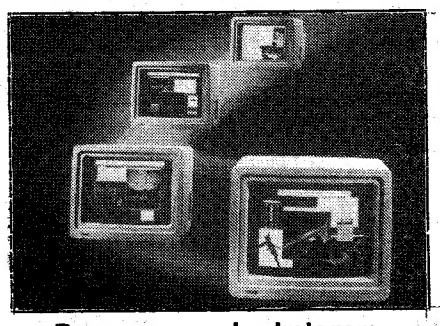
Propriedade intelectual para quem cria

A Associação Portuguesa de Informática defende que, a exemplo do que acontece noutros países, a propriedade intelectual do *software* deve ser de quem constrói o programa, embora os seus direitos económicos possam ser alienados.

«A lei deverá essencialmente privilegiar a produção de *software* e a sua paternidade. Se o autor quiser acordar coisa diferente com as entidades com quem trabalha poderá fazê-lo», diz Pereira da Costa.

Defesa técnica da piratagem é uma impossibilidade

Será possível defender tecnicamente o *software* da piratagem? Para Mário Gajanito Filho a resposta é não. «Uma protecção é feita por um técnico normalmente brilhante, só que um técnico de idêntica capacidade pode quebrar qualquer defesa», explica.



Programas: mais piratagem, preços mais altos

E diz que desde que está na informática tem visto anunciar protecções e, dois ou três meses depois, outros a anunciarem quebras de protecções. «A situação chega ao requinte de a quebra de protecção ser um produto de *software* com mercado e que acaba também por ser pirateado», diz.

Considera que, no plano teórico, é possível fazer-se uma protecção que dificulte de tal forma a cópia que a torna inviável. «Mas ao procedermos desse modo estamos também a dificultar a utilização do programa pelo utilizador normal», refere.

Programas ilegais originam vírus

Setenta por cento dos casos de vírus informáticos relatados à API tem como indiscutível origem *software* pirateado, revela Pereira da Costa. No entanto, é provável que os restantes 30 por cento tenham a mesma causa. Pelo menos é esta a opinião de Mário Gajanito Filho. «Ouço muita gente a falar em vacinas, em higiene e noutras analogias médicas, quando o problema reside muito mais na questão de se impedir a entrada de programas piratas no sistema», afirma.

Para Gajanito Filho, assiste-se a uma campanha de desinformação. «Chegamos ao ponto de lermos num órgão de informação especializada que tinha tido um vírus no seu computador. Isso, para quem entende do assunto, não é mais do que o reconhecimento da utilização de *software* pirateado. Mas o pior é que na edição seguinte revelou qual o programa utilizado e aconselhou os leitores a não usá-lo. Isto é pura inconsciência».

E acrescenta: «Penso que as empresas não têm ideia dos riscos que estão a correr. E é por isso que a nossa luta tem uma fase educativa, que procura mostrar os prejuízos que podem ter quando utilizam *software* pirata, o qual pode fazer perder, em segundos, o trabalho de anos».

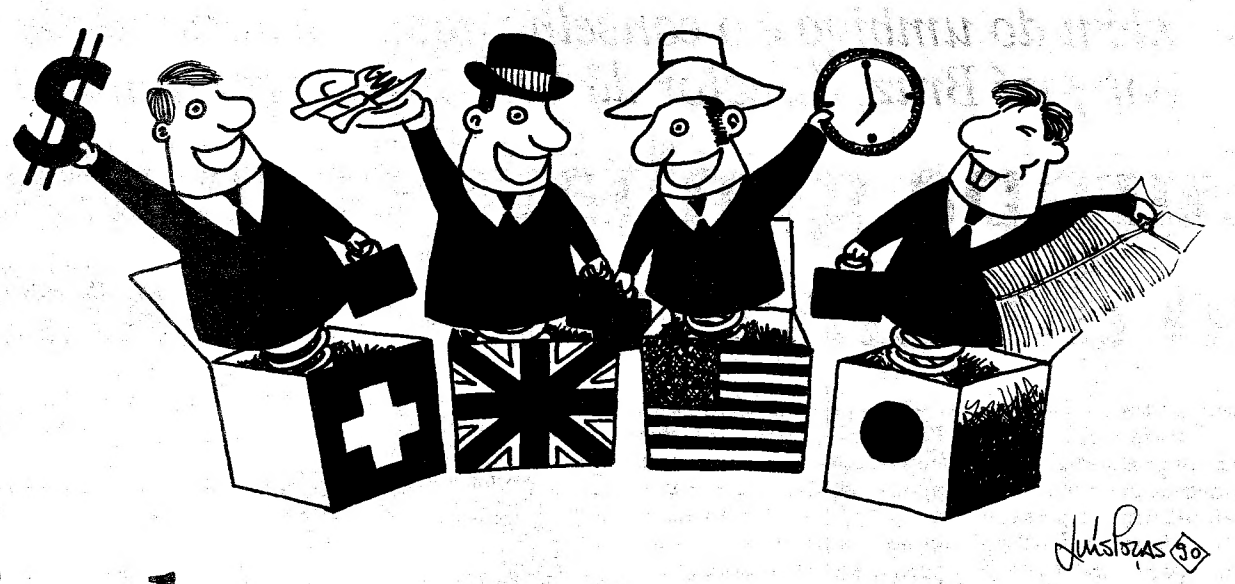
De facto, diz, por seu turno, Teresa Ventura, o problema dos vírus afecta tanto o utilizador individual como as grandes organizações públicas e privadas. E revela: «Temos como clientes um número significativo de juntas de freguesia que originam tremendos problemas de manutenção, devido às pessoas que, com muito boa vontade e alegria, piratearem joguinhos que trazem vírus que depois corrompem os ficheiros».

Por outro lado, acrescenta, «se não houver medidas muito firmes contra a pirataria, os vírus serão em Portugal uma ajuda para acabar com ela», pois que os problemas serão de tal maneira graves e generalizados que os utilizadores serão «obrigados» a ver as vantagens de não utilizar programas ilegais.

V.L.

ECONOMIA

Grandes variações de salários, de horários de trabalho e de períodos de férias. Os suíços ganham mais, os japoneses só pensam nos negócios e os ingleses são os que têm mais tempo para descansar



Desigualdade de tratamento também atinge executivos

Os executivos ingleses demoram longas horas a almoçar, os homens de negócios suíços são os que auferem um maior salário, os gestores americanos são os primeiros a chegar ao trabalho e os japoneses os que têm as férias mais curtas. Estes alguns resultados de um inquérito realizado junto dos gestores.

Com que empenho real é que o executivo da sua empresa trabalha, em comparação com os seus colegas noutros países? Quando a porta do seu gabinete está fechada, ele estará a pensar nos melhores meios de aumentar a produtividade... ou a praticar as suas tacadas de golfe na carpeta?

Uma parte do véu que encobre o mundo dos executivos - com que empenho trabalha, quanto tempo de lazer tem e quanto ganha - foi levantado por uma série de inquéritos internacionais.

Agora ficámos a saber que o executivo japonês goza pouco tempo de férias - por vezes nem sequer as tem - e ganha menos do que o seu homólogo inglês. Em Inglaterra estão os executivos que mais prolongam as horas de almoço. E trabalham cerca de duas horas menos por dia do que os seus colegas norte-americanos.

Mas se é dinheiro que um executivo procura, então deve ir trabalhar para a Suíça, pois é aí que são pagos os mais altos salários de todo o mundo. Contudo, os suíços trabalham muitas horas seguidas.

O líder de uma média empresa helvética ganha cerca de 111 mil libras (cerca de 27,6 mil contos) por ano. Depois dos impostos deduzidos ainda fica com 70 mil libras (aproximadamente 17,4 mil contos).

Mas para conseguir este salário ele levanta-se por volta das 6 horas e nunca chega ao escritório depois das 7, toma o pequeno almoço durante o trabalho e não volta antes das 18 horas ao lar, para onde aos fins-de-semana leva uma pasta repleta de trabalho.

Os americanos

Um executivo americano na mesma categoria ganha aproximadamente o mesmo salário. Mas, se houver necessidade, terá de trabalhar mais que o seu colega suíço. No seu local de trabalho despende, em média, 12 horas na maior parte dos dias.

Nos Estados Unidos, o gestor começa, habitualmente, a trabalhar às 7 horas, tomando o pequeno almoço durante o período laboral. Normalmente o almoço é tomado à secretária, salvo se tiver de estabelecer contactos de negócios, altura em que se permitirá ter hora e meia para comer, mas sem ingerir álcool.

O executivo americano, normalmente, só ingere a sua primeira bebida do dia depois de deixar o local de trabalho, cerca das 19.30 horas.

Também costuma levar muito trabalho para casa. É frequente deslocar-se ao escritório aos sábados e tem apenas duas ou três semanas de férias pagas por ano.

Os japoneses

Para um executivo japonês, três semanas de férias seria tempo de mais. Uma semana por ano basta-lhe. Por vezes nem sequer uma.

O trabalho é aquilo que é mais sagrado para a maioria dos gestores nipónicos. Nem sequer chegam a ser prioridades o lazer e a descontracção.

E não é apenas por dinheiro que assim pensam e agem. De acordo com os padrões internacionais estão um pouco abaixo da média: apenas ganham cerca de 7,5 mil contos por ano.

E os britânicos

O gestor de uma média empresa inglesa recebe cerca de 10 mil contos brutos por ano, o que, depois de deduzidos os impostos, o coloca abaixo dos seus colegas de dez outros países.

Um executivo britânico pode iniciar o seu dia de trabalho às 8 horas e terminá-lo às 18 horas. Mas pode tirar cerca de três horas para almoçar. Usualmente goza cinco semanas de férias por ano.

O consultor de negócios americano Philip B. Crosby disse, depois de estudar a cena britânica, que a Grã-Bretanha podia produzir um milagre económico à semelhança do Japão, se os homens de negócios gastassem menos tempo em almoços e chás.

Mas o Instituto de Executivos, sediado em Londres, tem um ponto de vista diferente. Para ele, os executivos trabalham tanto que mal têm tempo para uma boa noite de sono. Por isso aconselha-os a deixarem espaço na sua agenda para «descontracção e divertimento entre as horas regulares de trabalho».

Bem pagos

Os dois executivos mais bem pagos de Inglaterra são os gestores da BCO, Bob Giordano, que ganha cerca de 219 mil contos por ano, e o dirigente dos Beechams, Bob Bauman, que recebe 167 mil contos/ano. Um pormenor: ambos são americanos.

O director dos Beechams justifica: «Queríamos o homem certo e não o encontrámos em Inglaterra. Bauman já ganhava mais de 150 mil contos nos Estados Unidos e não o podíamos convidar para ganhar menos do que isso''.

Mas o economista Jeremy Hale, do banco Goldman Sachs, considera errado o modo como os gestores são tratados em Inglaterra. E afirma: «Na América, os executivos são tidos na maior conta», acrescentando: «Na Grã-Bretanha não se estimulam os estudantes a seguir uma carreira empresarial».

Um proeminente executivo londrino dá, contudo, a receita para ultrapassar este problema, aconselhando os jovens que estão a iniciar uma carreira de executivo: «O melhor é arranjar uma forma de se nascer na Suíça e, então, prosseguir ali a carreira empresarial. Alternativamente, ir para os Estados Unidos, tentar chegar ao topo hierárquico e depois vir para a Europa''.

Desta forma, diz, o executivo deverá estar apto a requerer um alto salário e a conseguir um bom tempo para a sua hora de almoço.

A formação

Um outro inquérito mostra que a Inglaterra está muito atrasada no domínio da formação de quadros. Ian Mangham, professor na Universidade de Bath, diz que anualmente saem das escolas inglesas cerca de três mil pessoas por ano formadas em administração empresarial, enquanto que nos Estados Unidos esse número se eleva a 60 mil.

Por outro lado, durante seis anos a universidade belga de Louvain realizou um estudo que demonstra que as companhias francesas, belgas e espanholas, que investem bastante dinheiro em formação, trabalham sempre melhor do que as suas concorrentes que gastam menos nesta área.

Por seu turno, Philippe de Woot, afirma: «É muito elitista afirmar isto, mas não existe qualquer relação entre o sucesso e o dispêndio monetário de uma empresa para a formação dos seus futuros quadros''.

A.E.I.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluidos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

Ver além do umbigo é o conselho dado à Comunidade, nas suas relações com África, por José Braz, director da ELO. Portugal também é destinatário da sugestão

Europa ganhará com abertura ao desenvolvimento africano

Portugal deve defender a abertura das fronteiras comunitárias aos produtos africanos e instalar-se em África, defende José Braz, director-geral da ELO - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e a Cooperação.

Esta recomendação baseia-se na «coincidência» das políticas necessárias à Europa e à África: o combate ao subdesenvolvimento africano e o aumento da competitividade europeia.

O papel de Portugal, nesta questão, é visto «mais em função das suas ligações internacionais e dos 200 milhões de pessoas que falam o Português, do que dos seus 10 milhões de habitantes».

Ajudar a aumentar a produção, desde logo agrícola, em África e abrir-lhe as portas da Europa materializaria aquela recomendação.

Sacrificar alguns grupos de produtores europeus, entre os quais portugueses, é algo que decorre da proposta.

Proteccionismo contraproducente

Assim, como diz, «em vez de proteger meia-dúzia de produtores de carne em Santarém, é preferível defender a abertura das fronteiras e instalarmo-nos em Angola, porque aqui produzir-se-á mais carne a preços mais baixos».

Neste cenário, «Angola, por exemplo, precisará de grandes quantidades de máquinas, de peças, de serviços de transporte, de transitários, entre outros».

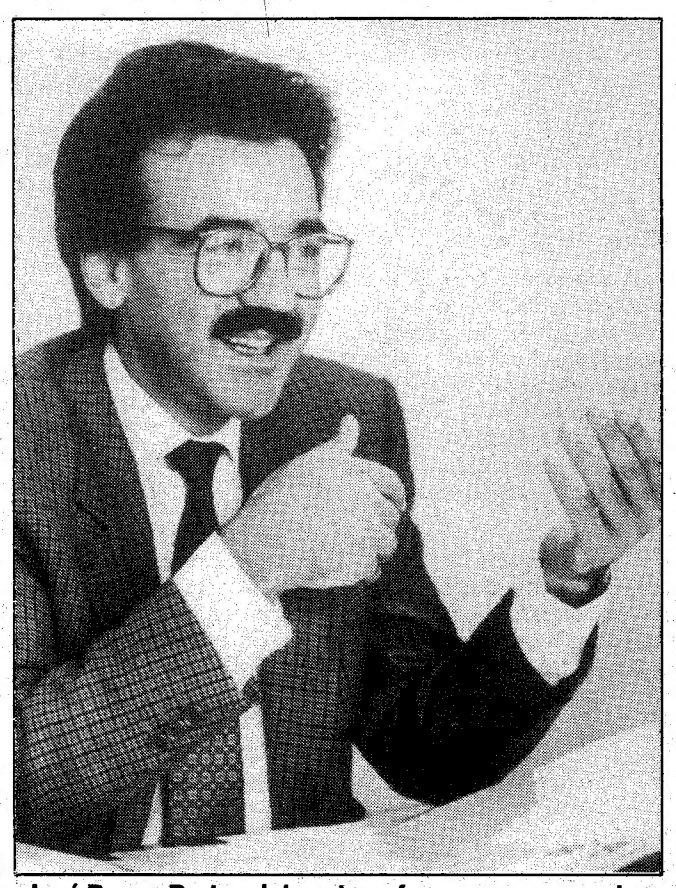
Para José Braz é óbvio que Portugal deveria apostar nestes sectores de serviços de apoio à agricultura em vez de proteger, na Comunidade, os seus pequenos grupos de produtores, como os de flores ou de bananas: «Faz muito mais sentido do que proteger a produção agrícola nacional e apoiar a política europeia de proteccionismo à produção agrícola europeia.»

Da realização destas propostas resultaria a queda significativa, em alguns casos para um terço, dos custos dos produtos agrícolas. Enquanto isto não for alterado, conclui, «o consumidor europeu e o produtor africano são os sacrificados».

À contra-argumentação de que os agricultores europeus subsidiados têm vários argumentos, entre os quais o eleitoral, para impedir a concretização destas propostas, José Braz riposta com a força maior dos consumidores.

Fica-se, assim, pendente das relações de força, com as políticas à cabeça, no evoluir da situação.

Se a sua oposição aos subsídios comunitários à produção agrícola comunitária é clara, mais o é no caso português: «Portugal deve transformar-se num centro de comércio e serviços, porque a sua dimensão é pequena e as suas vantagens comparativas, no binómio Europa-África, residem no conhecimento que tem do terreno africano, nas relações que possui, nos serviços e produtos que pode fornecer e na intermediação que pode desenvolver.»



José Braz: «Portugal deve transformar-se num centro de comércio e serviços»

De resto, «como País pobre que somos, temos menos recursos financeiros que os outros da Europa, mas temos, por outro lado, o conhecimento, o relacionamento, a experiência de África».

Nem o que subjaz à recente consideração comunitária de suspender o auxílio prestado a diversos Estados africanos, por desencaminho da ajuda enviada, o desanima no raciocínio.

Não só porque até «em Portugal, com os fundos comunitários, surgiu um ou outro problema», como também porque «em vários países há uma evolução na direcção de situações que provavelmente deixarão menos espaço a abusos de Poder que se têm verificado». Em todo o caso, pormenoriza, «como ELO não temos tido esses problemas».

No caso específico dos PALOP, considera, existem «perspectivas muito encorajadoras, alimentadas pela onda de democratização e pacificação que, parece, estar a chegar a Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe».

Racionalizar cooperação

Quanto a estes Estados lusófonos, José Braz afirma que «é com muita satisfação que se constata que não se afastam muito de Portugal».

Para a manutenção desta proximidade tem contribuído o próprio País: «Temos acompanhado bem as oportunidades.» O arranjo monetário que Portugal está a fazer à Guiné-Bissau (que, em passado recente, sofreu tentações francófonas) e um outro que se prepara para fazer a São Tomé e Princípe são exemplos que refere.

A competitividade portuguesa, nas situações particulares de Angola e Moçambique, será testada quando a paz for, aqui, uma realidade. Porém, pela sua dimensão, estes países oferecerão desafios muito mais agudos ao Estado português do que os apresentados pelos outros três.

Em todo o caso, e antes que surjam os problemas esperados na cooperação com os maiores Estados, a ELO já possui uma listagem de problemas que pretende ver resolvidos.

Além da defesa da abertura das fronteiras comunitárias às exportações africanas, José Braz aponta a «falta de definição oficial sobre as formas mais eficientes para promover a cooperação económica».

A «grande dispersão da coordenação da actividade de cooperação» é justificada pelo facto de «não ter havido, ainda, redimensionamento e articulação das actividades de cooperação», porque «ainda não se fez a transição do Portugal colonial para o Portugal europeu».

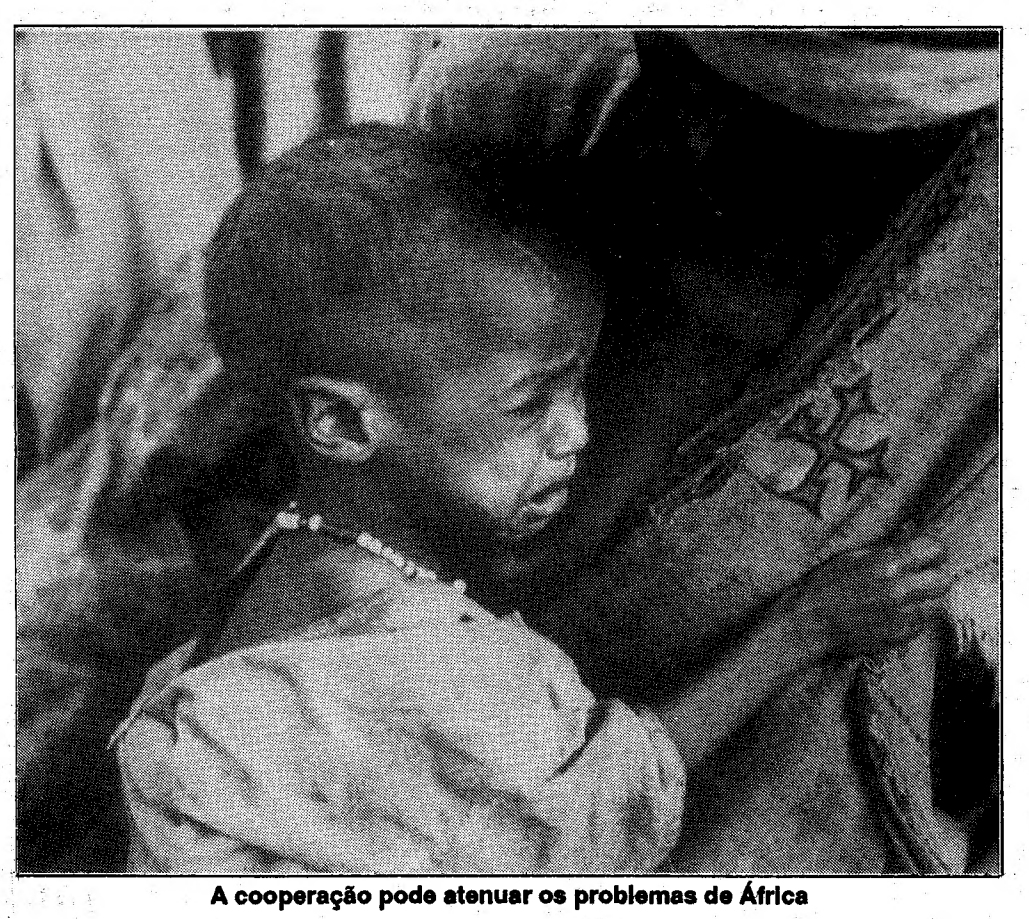
Também a insuficiência de apoio à actividade empresarial é referida. Quer em termos de apoio directo (subsídios, taxas de juro, linhas de crédito) quer indirecto (estruturas bilaterais de apoio ao investimento em África).

Dada, contudo, a incapacidade de Portugal no aspecto financeiro, e apesar de a cooperação «merecer uma fatia maior do bolo orçamental», este dirigente da ELO entende que «o essencial é aproveitar mais eficientemente os recursos limitados que temos».

Desta forma propõe, além da realização de um debate sobre os mecanismos mais adequados para a promoção da cooperação, o abandono da tendência para apoiar os grandes projectos que respeitam a poucas empresas.

Sugere, em alternativa, o protagonismo português em projectos de dimensão menor, mas que envolvam mais unidades empresariais.

Rui Nunes



A cooperação pode atenuar os problemas de África

ELO promove análise da relação com os 5

Associação de empresas e indivíduos, a ELO tem por objectivo a promoção do intercâmbio económico, social, científico e cultural entre Portugal e os países com que coopera. A realização de um encontro internacional para analisar os investimentos nos cinco Estados africanos lusófonos resulta desta orientação. Previsto para o final do mês corrente, este encontro será aberto por Mário Soares, encerrado por Cavaco Silva e contará com a presença de dirigentes empresariais e da Banca, dos embaixadores dos países de língua portuguesa, de empresários africanos e de instituições financeiras internacionais, como o Banco Mundial e o Banco Africano de Desenvolvimento.

Durante a reunião, os presentes abordarão a evolução das instituições nacionais para a cooperação económica, as novidades no financiamento externo, as novas oportunidades e condicionamentos e as condições de investimento nos Estados africanos.

Importante será o último painel, que propiciará a identificação de problemas e o levantamento de hipóteses para a sua resolução. No final do encontro será apresentado o primeiro número da «Revista ELO - Cooperação e Desenvolvimento».

Os responsáveis da ELO entendem que «a criação de mecanismos operacionais para a cooperação, capazes de apoiar e estimular a presença económica portuguesa no mundo, implica a definição de um modelo de cooperação portuguesa, o qual, para ser elaborado, exige uma profunda e pragmática reflexão sobre os meios disponíveis e a respectiva articulação aos objectivos que se pretendem atingir».

Ponto forte da cooperação, como a ELO a entende, são as comunidades portuguesas. Assim, «a cooperação, enquanto instrumento da política externa portuguesa, deve ser encarada em termos de exceder, em intervenção, os países de língua oficial portuguesa, englobando desde logo outros países» onde existam aquelas comunidades.

Além da África lusófona e do Brasil, a ELO considera que não são de descurar outros países de África e da América Latina, bem como árabes e asiáticos.

ECONOMIA

Unificação alemã e garantias dos direitos dos cidadãos no centro das discussões parlamentares entre Lisboa e Moscovo

Soviéticos procuram equilíbrio com exportações portuguesas

«Os soviéticos estão dispostos a trabalhar em conjunto com os empresários portugueses no sentido de se criar um equilíbrio nas trocas comerciais entre Portugal e a URSS», disse ao DL o vice-presidente da Comissão para os Assuntos Exteriores do Parlamento Soviético, Anatoli Ananaev, que nesta qualidade chefiou um delegação do Soviete Supremo da URSS, a qual esteve durante uma semana de visita oficial ao nosso país.

Anatoli Ananaev salientou ao DL que, embora não sendo um especialista em questões económicas, tem tentado, enquanto deputado, fazer um esforço para que as relações comerciais entre os dois países se estreitem e se intensifiquem cada vez mais e possam beneficiar as duas partes.

«As conversações com a parte portuguesa têm sido boas, são excelentes no campo político, existindo muitas potencialidades para que no futuro esta amizade dê frutos», sublinhou Ananaev.

Em relação ao encontro que teve como o ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, na passada semana, em Lisboa, aquele parlamentar soviético referiu ao DL que «ficou satisfeito» com a correcção demonstrada pelo ministro e «mostrou o desejo de encontrar soluções» para que a unificação alemã não ponha em causa a segurança dos outros Estados europeus.

«Uma das nossas actividades fundamentais é a resolução de todos os problemas relacionados com os direitos de liberdade e garantias dos cidadãos», acentua Ananaev.

O perigo alemão

A unificação alemã e os reflexos desta medida para a Europa foi o tema mais discutido entre as duas partes, referiu ao DL, por seu turno, João de Deus Pinheiro, acrescentando que se discutiu toda a problemática europeia em geral, as relações bilaterais e económicas, bem como o programa de adesão ao Conselho da Europa.

A delegação soviética, por outro lado, prestou esclarecimentos sobre as questões abordadas durante a recente visita de Mikhail Gorbatchov ao Canadá e EUA, sobre a perspectiva da URSS relativamente aos problemas da construção pan-europeia.

Nesta estadia em Portugal, Anatoli Ananaev deu conhecimento aos parlamentares portugueses dos debates em curso no Parlamento soviético acerca do pacote legislativo de transição para a economia de mercado na URSS.

A causa apontada pelos soviéticos para o pequeno volume de trocas comerciais com Portugal deve-se à relativa juventude do comércio bilateral, apenas 15 anos, ao desconhecimento dos exportadores, de ambas as partes, das potencialidades do mercado um do outro, e à pouca participação das firmas portuguesas nas feiras e nas exposições internacionais promovidas na URSS.

Nodari Amaglobeli, deputado e reitor da Universidade Estatal de Blilissi, na Georgia e Andrei Sebentsov, deputado e membro do Comité para a Legislação do Soviete Supremo da URSS, fizeram igualmente parte da delegação, a convite da Comissão de Negócios Estrangeiros, Comunidades Portuguesas e Cooperação da Assembleia da república.

Rui Ferreira e Sousa

Anatoli Ananaev, deputado e escritor: «Vamos tentar um ponto de equilíbrio nas relações entre Portugal e a URSS»

Portugal com vantagem

Balança comercial com saldo positivo

Petróleo, peixe congelado, equipamentos e fio de algodão são os quatro principais produtos que a União Soviética exportou para Portugal, em 1989, de um total de 41,9 milhões de dólares, enquanto as importações efectuadas ao nosso país, no mesmo ano, subiram a mais de 110 milhões.

Portugal exportou para aquele país, em 1989, equipamentos e barcos no valor de 31, 7 milhões de contos, concentrado de tomate no valor de 29,4 milhões e calçado no valor de 31,7 milhões. Surgem a seguir as conservas de peixe, 4,5 milhões, óleo de soja e girassol, respectivamente 3,1 e 2,1 milhões, cortiça, 2,4 milhões, vestuário e tecidos, respectivamente 1,5 e 2,4 milhões e sabão, 0,5 milhões de dólares.

Para Iuri Leonov, representante comercial da URSS em Portugal, o défice soviético nas trocas comerciais com o nosso país «é preocupante», conforme declarou à agência Novosti. Acentua, porém, que «os dados soviéticos não são coincidentes com os dados oficiais portugueses, pelo facto de Portugal utilizar um sistema estatístico que toma em consideração o país de origem dos produtos, independentemente de englobados em trocas directas ou através de terceiros».

As perspectivas para o corrente ano são idênticas às do ano passado. Foram já renovados contratos com a URSS para fornecimento, àquele país, de calçado, tecidos, vestuário, cortiça, conservas e três barcos de rio-mar, na ordem dos 90 milhões de dólares, ficando a aguardar o contrato de concentrado de tomate por razões sazonais.

Estas trocas comerciais são, no entanto, pouco significativas, se comparadas com o volume de trocas efectuadas entre a URSS e os países capitalistas desenvolvidos, as quais atingiram 60 mil milhões de dólares.

Em 1.500 empresas mistas criadas na URSS, apenas uma foi constituída com parceiros portugueses, a Rosart Amorim, que actua na área do comércio da arte soviética.

Foram, entretanto, assinados diversos protocolos de intenções, nomeadamente com a Favorita, para uma empresa de fabrico de chocolates e doces e com a Quatrum, para produção de compostos biológicos.

Áreas potenciais são, segundo Iuri Leonov, a construção e reparação naval, transformação de peixe, indústria ligeira, alimentar, têxtil e de calçado, moldes e cortiça, entre outras.

Quanto ao gás soviético, as negociações foram interrompidas no mês passado por falta de decisão quanto ao gasoduto português. Aguarda-se, por outro lado, o resultado das negociações que decorrem no sentido de se constituírem sociedades mistas, bem como garantias para se efectuar a regulamentação dos créditos para a exportação e um acordo de transportes terrestres rodoviários.

R.F.S.

Eurico Vasconcelos

As duas partes querem aumentar as exportações e constituir empresas mistas, mas, antes disso, estão preocupadas com a segurança dos cidadãos face à unificação alemã

Deputado e escritor

Ananaev relê lápidas russas

«As Lápidas Sagradas» é o título dos último livro publicado na URSS por Anatoli Ananaev.

Escritor e jornalista - é chefe de redacção da revista «Outubro» - Ananaev disse ao DL que se trata de um romance universalista que tem por base «uma leitura nova das lápidas antigas do seu país com vista a ler-lhes o seu significado mais profundo e trazê-lo aos olhos dos nossos dias».

Neste momento, Ananaev trabalha num romance sobre a vida de Ivan Grosnik, ou seja, Ivan, oTerrível. É, segundo o próprio autor, uma interpretação pessoal sobre aquela figura e a época histórica em que viveu. Ivan, o Terrível é, para muitos portugueses, um nome com alguma coisa de lendário e apaixonante desde que mestre Einsenstein o trouxe para o cinema.

Em Portugal, Ananaev publicou apenas um livro, o romance intitulado «Os tanques Avançam em Losango», editado pela Raduga e distribuído pela CDL.

Trata-se de um romance histórico passado no Verão de 1943, na União Soviética, no qual o autor estabelece uma ponte entre os acontecimentos da Segunda Guerra e os dos Anos Sessenta.

R.F.S.